

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

MARINA RORIZ RIZZO LOUSA DA CUNHA

RISCO E CONSUMO
A construção da identidade a partir do lixo

GOIÂNIA
2009

MARINA RORIZ RIZZO LOUSA DA CUNHA

RISCO E CONSUMO

A construção da identidade a partir do lixo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, da Universidade Federal de Goiás, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Célio Alves Borges

GOIÂNIA

2009

MARINA RORIZ RIZZO LOUSA DA CUNHA

RISCO E CONSUMO - A construção da identidade a partir do lixo

Dissertação defendida e aprovada em 13 de março de 2009, pela banca examinadora constituída pelos (as) professores (as):

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Pedro Célio Alves Borges
(Orientador – UFG)

Prof. Dr. Elimar Pinheiro do Nascimento
(UNB)

Prof. Dr. Joaze Bernadino da Costa
(UFG)

Prof. Dra. Marta Rovey de Souza
(Suplente - UFG)

Agradecimentos

Agradeço a meu orientador, professor Pedro Célio, por toda dedicação durante os dois anos do mestrado.

Agradeço a meu marido e familiares pela paciência e compreensão de minhas ausências.

Um agradecimento especial aos membros da Incubadora Social da UFG, em especial Fernando, Laura e Simone, e a todos os catadores de materiais recicláveis associados que tornaram possível a realização desta dissertação.

**“O sistema global produz pessoas descartáveis,
que passam a viver do descarte do consumo.
Como se os seres humanos fossem lixo, vivendo
na rua e da rua, do lixo dos ricos. O descarte
social e o descarte do consumo se unindo,
vivendo um do outro”.**

Cristovam Buarque.

RESUMO

Essa dissertação analisa a formação da identidade de grupos excluídos da sociedade contemporânea, no contexto de modernidade tardia. Para tanto, baseia-se no estudo de um universo específico, os catadores de materiais recicláveis, grupo sujeito à exclusão social devido, entre outros fatores, à sua ligação direta com o lixo. No contexto estudado, o lixo é local dos excluídos e rejeitados, local em que a sociedade destina tudo o que não tem mais finalidade, ou que tenha ultrapassado seu tempo de uso e de desfrute. Mas é também “ambiente de sobrevivência e trabalho” de um universo de pessoas que lutam por reconhecimento social e para construir uma identidade aceita pelos que fazem parte da sociedade formal de consumo. O objetivo desta pesquisa, portanto, é compreender como este processo se estabelece. Entender como os grupos formados, a partir do contexto esboçado, configuram sua identidade a fim de promover distinção como grupo social legítimo. Para tanto, parte de um modelo teórico fundamentado na conjugação de três teorias sociais, o desenvolvimento de situações de risco na modernidade tardia, de Beck (BECK, 1997), a formação da identidade no contexto da vida líquida, de Bauman (BAUMAN, 2005) e o consumo como elemento que contribui para a formação identitária, de Bourdieu (BOURDIEU, 2007). Além disso, conta com o suporte da noção de identidade deteriorada de Goffman (GOFFMAN, 1988). Em consequência, a pesquisa realizada segue essencialmente procedimentos de interpretação qualitativa, estruturados a partir de metodologia que une aspectos do construtivismo e da fenomenologia. A intenção de uso dessa metodologia é possibilitar o conhecimento do universo dos catadores de materiais recicláveis associados de Goiânia, suas representações pessoais e os motivos que orientam suas percepções.

Palavras-chave: formação da identidade, lixo, consumo, sociedade de risco.

ABSTRACT

This dissertation examines the formation of the identity of excluded groups in contemporary society, in the context of late modernity. Thus, based on the study of a specific universe, the collectors of recyclable materials, group subjected to social exclusion because, among other factors, their direct link with the garbage. In the context studied, the location of waste is excluded and rejected, where the society intended all that has no purpose, or has exceeded its time to use and enjoy. But it is also working environment for survival of a universe of people who struggle for social recognition and to build an identity that are accepted by formal consumption society's. The aim of this study therefore is to understand how this process is established. Understand how the groups formed from the context outlined, shape their identity in order to promote legitimated social group distinction. Thus, from a theoretical model based on the combination of three social theories, the development of situations of risk in late modernity, from Beck (BECK, 1997), the formation of identity in the context of liquid life of Bauman (BAUMAN, 2005) and consumption as a contributing to the identity formation of Bourdieu (BOURDIEU, 2007). Moreover, it deals with the support of the concept of deteriorated identity of Goffman (GOFFMAN, 1988). Consequently, the search conducted following procedures essentially qualitative interpretation, from the structured approach that links aspects of constructivism and phenomenology. The intention of this approach is to use the knowledge of the universe of collectors of recyclable materials involved in Goiânia, their personal representatives and the reasons that guide their perceptions.

Keywords: formation of identity, waste, consumption, risk society.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – População em situação de rua segundo experiências de impedimento de entrada em locais ou para realização de atividades, 2007-8 (%)

77/125

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Comparativo das associações de catadores de materiais recicláveis – Goiânia – 2008	88
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEMPRE – Centro Empresarial de Reciclagem

CBO – Classificação Brasileira de Ocupações

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

FIEG – Federação das Indústrias de Goiás

GE – General Electrics

GNT – Globo News Television

TBC – TV Brasil Central

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
 CAPÍTULO I - A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NA CONTEMPORANEIDADE	 19
1.1 O risco como elemento influenciador na construção identitária	19
1.2 A construção da identidade e o consumo – uma âncora social influente?	33
1.3 O sentido dos bens simbólicos para a construção da identidade	38
 CAPÍTULO II – A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E A CONSTRUÇÃO DOS SIGNIFICADOS CONFERIDOS AO LIXO: IMPLICAÇÕES PARA O UNIVERSO DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS	 42
2.1 O significado do lixo nos tempos contemporâneos	42
2.2 O lixo e os catadores de materiais recicláveis	47
2.3 O catador de material reciclável e a exclusão social	51
2.4 A identidade do catador de material reciclável	56
 CAPÍTULO III – O CAMPO DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS ASSOCIADOS DE GOIÂNIA	 60
3.1 O lixo em Goiânia	63
3.2 Os agentes oficiais e o lixo	65
3.2.1 A Prefeitura de Goiânia e o campo do lixo	65
3.2.1.1 O discurso da Prefeitura de Goiânia sobre o programa de coleta seletiva da cidade	66
3.2.1.2 O discurso oficial sobre o catador de materiais recicláveis	71
3.2.2 O imaginário popular e o catador de material reciclável	72
3.2.2.1 A visão da sociedade: quem é o catador de material reciclável?	72
3.2.3 A mídia e o lixo: os riscos e o meio ambiente	77
3.2.3.1 O catador de material reciclável na visão da mídia	78
3.2.4 A visão de quem faz do lixo um negócio: as empresas recicladoras	80
3.2.4.1 As empresas recicladoras e os catadores	81

3.3 As associações de catadores de materiais recicláveis de Goiânia	82
3.3.1 Associação de Catadores de Materiais Recicláveis Beija-Flor	84
3.3.2 Cooperativa Amamos e Respeitamos o Meio Ambiente (Coper-rama)	85
3.3.3 Cooperativa Meio Ambiente Saudável (Coopermas)	87
3.3.4 Cooperativa de Coletores de Materiais Recicláveis A Ambiental	88

CAPÍTULO IV – A VOZ DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS ASSOCIADOS DE GOIÂNIA

89

4.1 O dia-a-dia dos catadores de materiais recicláveis de Goiânia – etnografia dos contatos realizados	94
4.2 A produção simbólica dos catadores de materiais recicláveis associados	118
4.2.1 Os símbolos de diferenciação	119
4.2.1.1 O significado da cooperativa/associação	119
4.2.1.2 Os ritos de iniciação na cooperativa/associação	122
4.2.1.3 O valor do uniforme e do crachá	124
4.2.2 Os símbolos de homogeneização	126
4.2.2.1 O lixo como via marginal de inserção na sociedade de consumo: a busca do reconhecimento a partir da posse de mercadorias retiradas do lixo	126
4.2.2.2 O relacionamento com instituições sociais	129
4.2.2.3 Ser catador x estar catador	130
4.2.2.4 O discurso ambientalista	132
4.3 O papel do líder	134
4.4 O discurso dos catadores de materiais recicláveis	136
4.4.1 O significado subjetivo do discurso dos catadores de materiais recicláveis associados de Goiânia	136

CONSIDERAÇÕES FINAIS

146

REFERÊNCIAS

148

APÊNDICES

155

ANEXOS

162

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O interesse pela vida dos catadores de material reciclável nasceu do mero acaso. Em uma manhã, durante as férias, fiquei a observar como um catador de material reciclável que estava à porta de minha casa lidava com um contêiner de lixo lotado de restos produzidos por uma festa infantil, realizada no dia anterior. Durante mais de uma hora fiquei observando aquele jovem, que devia ter mais ou menos uns vinte anos, remexendo saco de lixo por saco de lixo, abrindo-os, separando o que poderia ser jogado no carrinho e o que era resto, lixo orgânico. Para facilitar seu trabalho, o jovem entrou dentro da lixeira. Ali desatava os nós que amarravam os sacos plásticos pretos, típicos de prédios de apartamentos, e selecionava o que era interessante. Plástico, vidro e papel iam para o carrinho. Os restos orgânicos ficavam no saco preto.

Dois fatos em especial me chamaram a atenção naquela cena. Primeiro aquele jovem não utilizava nenhuma proteção, como luvas, máscaras ou qualquer outro elemento para se proteger dos detritos aos quais estava lidando. O segundo, dentre todos aqueles objetos que ele selecionava e jogava no carrinho, havia alguns que eram separados, colocados em uma sacola à parte. Eram um porta-retrato, uma pulseira de néon e um espelho, aos quais o jovem se deteve a limpá-los cuidadosamente. Olhava-os, fitava-os e namorava os objetos que acabara de achar. Por fim, guardava-os, cuidadosamente, em uma sacolinha amarrada próxima à barra de ferro, por onde empurra o carrinho.

Depois de quase uma hora ali observando, o rapaz fechou todos os sacos de lixo, organizou a lixeira em que estava mexendo, pegou seu carrinho e foi embora. Ele foi. A imagem formada na minha cabeça não.

Aquela cena me chamou muito a atenção. Aguçou minha curiosidade. Havia mexido comigo profundamente. Questionava-me como uma pessoa poderia viver naquela situação, a meu ver, tão discriminada. Como poderia fazer do lixo dos outros, dos restos produzidos por outrem, uma fonte de sobrevivência? Como era capaz de consumir bens alheios para fazer parte do mundo? Seria apenas instinto de sobrevivência ou haveria algo, além disso?

Para mim que sou publicitária, que vivo do mundo do consumo, de incentivar as pessoas a consumirem cada vez mais, esta cena teve um significado especial. Marcou-me como um momento em que comecei a questionar minha própria formação. Até onde a publicidade e o

consumo da sociedade em que vivemos poderiam chegar? Até onde eu poderia influenciar o comportamento das pessoas para o consumo? Seria até mesmo capaz de influenciar ao ponto de ser necessária a busca de objetos no lixo?

Com todos esses questionamentos na cabeça comecei a estruturar meu projeto de mestrado. Um mês depois, na apresentação do projeto para meu orientador, um outro universo, muito distante de minha realidade até o presente momento, começou a se desenhar em minha frente. Mas mal sabia eu que esse novo cenário iria confrontar todos os meus medos, angústias e sentimentos.

Aos poucos fui tomando pé do universo em que estava entrando. Mas para isso precisei ser posta na parede e questionada se seria capaz de suportar me aproximar de um ambiente tão diferente do meu. Um universo considerado sujo, feio, discriminado, repleto de álcool, drogas, tráfico, escravidão urbana, ex-presidiários, ladrões, estupradores, que inclui pessoas sem a menor estrutura familiar ou até mesmo pessoal e tantos outros tipos mais. Dúvidas apareceram. Como iria entrevistar essas pessoas? Onde iria encontrá-las? O que poderia acontecer com minha própria segurança? Como faria para ter acesso à vida de pessoas tão distantes da realidade em que vivo de forma que pudesse também me resguardar?

Neste instante, diante de tamanho estranhamento, uma decisão teve que ser tomada para que eu pudesse seguir adiante com o estudo. Para não colocar minha segurança em risco, o trabalho seria desenvolvido apenas com os catadores de materiais recicláveis que estivessem ligados a cooperativas ou associações. Era também uma forma de ter acesso mais fácil a essas pessoas. Se não fosse assim, como iria contatar os catadores? Iria pará-los nas ruas para poder conversar? Como conseguiria seu tempo e disposição para as entrevistas? Como seria tirá-los de seu ganha pão para uma conversa com uma desconhecida?

O passo seguinte era conseguir contatos. Conversando com minha mãe, descobri que uma senhora conhecida sua prestava trabalhos voluntários junto a um grupo de catadores. Ela havia montado um grupo de crianças em que ensinava flauta.

Consegui localizar seu telefone e logo entrei em contato. Ali comecei a ter acesso a um universo que tinha uma imagem construída muito pior do que tinha imaginado até então. Lembro que em nossa primeira conversa, por telefone, ela me disse que não era uma boa opção estudar aquele grupo específico com o qual ela trabalhava. Aquelas pessoas haviam sido retiradas a pouco de uma invasão e se mudado para um local residencial, onde muitos nem casa tinham. A

maioria das pessoas e crianças do local passavam o dia todo em um lixão céu aberto, no meio dos poucos barracos que ali haviam, separando os detritos do que poderia ser considerado reciclável. Além disso, havia naquele local a presença muito forte do tráfico de drogas. Em sua opinião seria muito perigoso para mim, sozinha, me envolver naquele universo.

Frustrada com aquela situação, insisti e aquela senhora acabou me repassando um segundo contato: um técnico em associativismo, que estava naquele momento começando a estruturar a Incubadora Social da UFG. E qual não foi minha surpresa quando descobri qual era seu primeiro objeto de incubação: os catadores de materiais recicláveis. Bingo! Era a chance que precisava para ter acesso fácil e seguro ao grupo que pretendia estudar. Peguei seu contato, liguei e para minha surpresa fui atendida com a maior disposição. Trocamos algumas idéias, e vi que a Incubadora Social da UFG, mais do que possibilitar acesso facilitado ao meu objeto de pesquisa, representava a chance de colaborar em um projeto de extensão que começava a dar seus primeiros passos.

Marcamos uma reunião e fui apresentada aos membros da Incubadora Social da UFG. Até aquele momento eles contavam apenas com a coordenação e com uns poucos professores das mais distintas áreas. Logo já estava integrada ao grupo e com funções definidas. Minha contribuição ali seria cuidar da área de marketing das cooperativas. Meu primeiro esforço auxiliar na criação da identidade visual dos grupos incubados que fossem sendo formados ao longo dos dois anos do projeto. Era preciso dar nome, logomarca, uniformes, placas de identificação e tantos outros materiais publicitários quanto fossem precisos para auxiliar na construção das cooperativas de material reciclável.

Instituída membro oficial da Incubadora Social da UFG, tive acesso aos contatos dos líderes das quatro cooperativas, que na época ainda nem eram cooperativas, mas sim associações, que estavam fazendo parte do projeto naquele momento: Beija-Flor e Coopermas, que já estavam formadas, mesmo que precariamente, há algum tempo, já tinham suas sedes, seus líderes, e A Ambiental e Coper-rama, que estavam começando se unindo oficialmente naquele momento (abril de 2008).

O que se segue é resultado desse contato, desse mundo tão distante do meu. Espero que ele seja para vocês tão encantador e marcante quanto foi pra mim. E que consiga mudar o mundo de todos os leitores, quanto mudou o meu.

INTRODUÇÃO

Essa dissertação trata da formação da identidade de grupos excluídos na contemporaneidade.

Na transição do século XX para o XXI, ricos, pobres, incluídos, excluídos são afetados por transformações e mudanças constantes, das mais diversas maneiras e intensidades. É a modernidade tardia, que Beck considera como uma fase em que a modernidade é inserida num novo modelo social, que mina e revisa as características do momento anterior, industrial, e que abre o projeto humano para novas contingências, complexidades e incertezas.

Dentro dessas novas contingências, a modernidade tardia marca uma fase de transformações no jeito de viver das pessoas. Contemporaneamente, Bauman acredita que o estilo de vida é caracterizado pela precariedade, marcada por condições de incerteza constante, pela transitoriedade e alterações sucessivas em suas formas. É uma vida líquida, em que o existir, significa transformar-se constantemente, numa verdadeira sucessão de reinícios.

Esta vida líquida (BAUMAN, 2005) marca uma sociedade balizada por valores voláteis, instáveis, descompromissados com o futuro, egoístas e hedonistas. Valores estes que acabam por gerar preceitos e ligações frouxas, além de compromissos revogáveis.

Muda-se o modelo social, alteram-se o jeito de viver e os valores. Em consequência, acredita Bauman, nestes cenários se reestruturam os processos de formação identitários. Se num momento social anterior as identidades se faziam ‘naturais, predeterminadas e inegociáveis’, agora não mais. Pelo menos, não para todos os espaços e pessoas. Em seu lugar acredita-se estarem brotando referências identitárias em movimento, marcadas por grupos móveis, frágeis e velozes, que buscam desesperadamente âncoras sociais com as quais possam se referenciar momentaneamente, e onde “as identidades ao estilo antigo (...) simplesmente não funcionam” (BAUMAN, 2005:33). Um modelo identitário caracterizado por ganhar livre curso, cabendo a cada indivíduo fazer suas escolhas, a partir dos recursos e ferramentas que tem disponível.

Dentre esses recursos, o consumo estabelece-se como matéria-prima contínua e obsessiva para dar forma às identidades. Bauman aponta que na órbita do consumo encontram-se novas referências capazes de substituir as referências ortodoxas anteriores. Consumir, neste sentido, mais do que tratar do consumo de signos, passa a funcionar como um elemento que avalia e julga as pessoas, chegando a estruturar e orientar todo o ambiente social (política de vida, natureza das

relações pessoais, formação de identidades, entre outros) por uma “síndrome consumista” (BAUMAN, 2005:109). O consumo modela a tudo e a todos “à semelhança dos meios e objetos de consumo” (BAUMAN, 2007:109). Passa a representar a possibilidade de haver uma verdadeira reciclagem identitária.

Os bens de consumo passam também a configurar uma situação original porque, pela primeira vez na história da humanidade, livrar-se das coisas, substituí-las, renová-las, se torna tão ou mais importante do que a mera posse/uso. Como nesta sociedade a taxa de mortalidade de expectativas é elevada e sempre crescente, consumidores experientes não se importam de destinar à lata de lixo tudo o que já tenha cumprido sua função identificadora, que tenha ultrapassado seu tempo de uso, de desfrute. E o descarte tem sentido próprio: é o medo de ser considerado *out* pela vida social, é o receio de ser “jogado no lixo” – lugar em que ninguém quer estar, nem mesmo os excluídos do processo formal de consumo.

O lixo, portanto, tem papel especial nesse contexto, como anuem Beck e Bauman. É dele que deriva o bem-estar da sociedade. Por ser o produto principal e mais abundante desse tempo, produto final de toda e qualquer ação de consumo, descartar tudo o que se tornou obsoleto é medida de satisfação, é garantia de estar fora do lugar onde ninguém quer estar.

Sendo assim, o lixo é considerado, na sociedade contemporânea, o local dos excluídos e rejeitados, dos que possuem uma identidade social deteriorada (GOFFMAN, 1988), dos indivíduos estigmatizados, considerados estranhos, das pessoas estragadas e diminuídas. E por ser assim considerado, é o ambiente em que apenas uns poucos escolheriam estar por vontade própria. Porém, em alguns casos, é a opção que resta. A única forma de se sobreviver e de se almejar reconhecimento social.

Neste modelo social descrito, alguns grupos vivem do lixo, ressignificam os sentidos originais que lhe são conferidos pelos padrões dominantes do consumismo e das identidades estabelecidas. Outros tantos fazem dele um negócio rentável. Mendigos, moradores de rua, desempregados, sucateiros, catadores de materiais recicláveis, donos de depósitos, indústrias de reciclagem, entre outros. Grupos formados por perfis antagônicos: ricos e pobres, incluídos no processo de consumo e excluídos, em que quanto mais rico mais distante da lata de lixo e do preconceito. Uma cadeia complexa, dominada por intermediários e onde a maior parte do lucro do negócio fica concentrada em poucas mãos.

Uma cadeia que aumenta sua base social a cada dia. Dia após dia, devido ao crescente volume de lixo coletado, à diminuição dos empregos formais e à tentativa de fuga da marginalidade, emergem novos agentes econômicos, que se apropriam dos restos da sociedade para retirarem dali sua sobrevivência. Agentes que selecionam resíduos para serem encaminhados à reciclagem, que lidam diretamente com o bem mais rejeitado pela sociedade, o lixo, o resto, e que, na maior parte das vezes, só têm acesso ao consumo através do que já foi descartado por outros. São os catadores de materiais recicláveis. Um grupo complexo e diversificado e sujeito a profunda rejeição social.

Na tentativa de reverter esse processo, vários são os catadores que têm se unido em organizações que Beck nomeia de subpolíticas, como as associações e cooperativas de catadores de materiais recicláveis e movimentos nacionais, para lutar pela mudança de sua condição social e promover sua distinção como grupo social legítimo.

Essa dissertação quer compreender como este processo se estabelece. Entender como grupos excluídos, que ganham visibilidade, a partir do contexto esboçado, configuram sua identidade. Para tanto, parte de uma opção metodológica fundamentada na conjugação de três teorias sociais, o desenvolvimento de situações de risco na modernidade tardia, de Beck (BECK, 1997), a formação da identidade no contexto da vida líquida, de Bauman (BAUMAN, 2005) e o consumo como elemento que contribui para a formação identitária, de Bourdieu (BOURDIEU, 2007). Além disso, conta com suporte da noção de identidade deteriorada de Goffman (GOFFMAN, 1988).

O objeto de pesquisa dessa dissertação são os catadores de materiais recicláveis associados de Goiânia. A decisão de estudar este universo deveu-se à facilidade de acesso ao grupo, tendo em vista que a Incubadora Social da UFG, onde mantenho vínculos, presta assessoria e outras formas de apoio a algumas das associações existentes em Goiânia. No total, foram quatro associações pesquisadas, A Ambiental, Coper-rama, Coopermas e Beija-Flor. Os estudos deram-se a partir de abordagem qualitativa.

A escolha da pesquisa qualitativa está baseada no aspecto da mesma relacionar-se ao conhecimento e ao aprofundamento dos significados, dos motivos, das aspirações, das atitudes, das crenças e dos valores expressados pela linguagem e pela vida cotidiana, por permitir estudar determinado acontecimento em seu contexto natural e fazê-lo a partir da flexibilidade e a

adaptabilidade ao universo pesquisado, além da capacidade de reflexividade do pesquisador e da pesquisa (FLICK, 2004).

Como procedimento atinente a essa opção metodológica, a pesquisa une aspectos do construtivismo e da fenomenologia. Pelo construtivismo, a proposta é analisar as relações sociais a partir da compreensão das interferências dos aspectos macrosociais e das estruturas nas experiências que integram as dimensões subjetivas e interacionais do catador de material reciclável e de seu grupo, além de considerar a análise de suas representações pessoais. No tocante à fenomenologia, a pesquisa visa captar os motivos que orientam as percepções dos catadores de materiais recicláveis associados como grupo social, isto é, sua “conexão intersubjetiva de motivos”.

A dissertação está organizada em quatro capítulos. No primeiro é apresentada a base teórica do estudo, a partir de um modelo fundamentado nas interfaces de três teorias sociais: o desenvolvimento da sociedade de risco, de Beck (BECK, 1997), a formação da identidade no contexto da vida líquida, de Bauman (BAUMAN, 2005) e o consumo como elemento que contribui para a formação identitária, de Bourdieu (BOURDIEU, 2007).

No segundo capítulo são apresentados estudos e informações sobre os catadores de materiais recicláveis, retirados de diversas fontes de pesquisa, incluindo vídeos, reportagens e trabalhos acadêmicos. A junção desses materiais permite conhecer as particularidades do universo dos catadores de materiais recicláveis no país, na Região Centro-Oeste e em Goiânia.

Para o terceiro e quarto capítulos foi reservada a parte empírica da dissertação, com a apresentação do trabalho de campo realizado em Goiânia, entre abril e outubro de 2008. Primeiramente demonstra-se o campo dos catadores associados e os diversos agentes que neles se encontram (capítulo III). Logo após, no capítulo IV, é feita a análise da produção simbólica do grupo estudado.

A última parte deste trabalho são as considerações finais sobre o estudo realizado.

CAPÍTULO I

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

O objetivo deste capítulo é esboçar, teoricamente, um modelo de análise para o entendimento da forma pela qual as características da sociedade contemporânea influenciam na construção da identidade dos grupos sociais que ganham visibilidade na transição entre o século XX para o XXI. Nesta proposta, isso se dá a partir da conjugação dos preceitos de sociedade de risco, de Beck (BECK, 1997), de formação de identidade no contexto da vida líquida, de Bauman (BAUMAN, 2005) e do consumo de bens simbólicos como elemento promovedor da distinção social, de Bourdieu (BOURDIEU, 2001).

Para isto, primeiramente analiso as características da sociedade de risco e a formação da identidade nesse contexto. Logo em seguida aprofundo no entendimento do consumo como âncora social capaz de influenciar na formação identitária e, por último, discuto as formas pelas quais o consumo se estrutura para promover as diferenças identitárias entre os grupos sociais.

1.1 O RISCO COMO ELEMENTO INFLUENCIADOR NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

A sociedade contemporânea é marcada pela abertura do projeto humano para novas contingências, complexidades e incertezas. É uma fase assinalada por soluções inesperadas e novas para os problemas sociais e políticos. Contudo, os diversos autores que a analisam possuem formas próprias de denominá-la. Para alguns, vivemos na era da modernidade pós-moderna. Para outros, vivemos a modernidade tardia ou reflexiva.

Por era pós-moderna compreende-se o modelo das relações sociais atuais como uma nova etapa do projeto humano, marcado por contingências, complexidades e incertezas distintas do período moderno¹ (BAUMAN, op. cit.). Já, por modernidade tardia, o entendimento é o de que a

¹ Na visão de Berman a modernidade é uma experiência de tempo e espaço, compartilhada por homens e mulheres de todo o mundo. Uma experiência que une a espécie humana em uma situação única, visto que anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia. É uma experiência formada, ao mesmo tempo, por desintegração e mudanças, e alimentada por fontes como as grandes descobertas nas ciências físicas, a industrialização da produção, a criação de novos ambientes humanos e a destruição de antigos, pela aceleração do ritmo de vida, por novas formas de poder corporativo, por luta de classes, por uma descomunal explosão

contemporaneidade representa uma segunda fase da modernidade, um momento de radicalização desta época, em que novas formas de capitalismo, economia, ordem global e sociedade emergem, diferentemente das primeiras fases do desenvolvimento social moderno (BECK, 1997). Independente da denominação adotada, pensadores diversos, como Bauman e Beck, enfatizam que a contemporaneidade é um período de várias transformações.

Se considerarmos a visão de Beck, as transformações que ocorrem na transição do século XX para o XXI são distintas daquelas referentes à primeira modernidade, que corresponde ao início da era industrial até a queda da ordem social socialista, ao final do século XX. Enquanto a modernização simples (ou ortodoxa) refere-se à desincorporação e à reincorporação das formas sociais tradicionais pelas formas sociais industriais, a modernização reflexiva trata primeiro da desincorporação, e segundo, à reincorporação das formas sociais industriais por outra modernidade. Implica um processo de radicalização desta última, onde as vitórias do capitalismo acabam por produzir, silenciosamente uma nova forma social, em que as sociedades deixam de ser estruturadas prioritariamente a partir do Estado-nação, onde as relações sociais, redes e comunidades são compreendidas principalmente a partir de seu sentido territorial e suas principais marcas são os modelos de vida, o progresso, o controle, empregos, exploração da natureza, linearidade e industrialização, para emergir um novo modelo que mina e revisa as características do momento anterior a partir do desenvolvimento dos processos de globalização, individualização, revolução de gênero, subempregos e riscos globais. Essa nova configuração faz surgir novos atores sociais e a necessidade de seu reconhecimento perante a sociedade (BECK, 1997).

Alguns destes grupos ganham visibilidade a partir das conseqüências imprevistas das vitórias alcançadas pelo capitalismo da primeira modernidade, da falha na previsibilidade dos progressos e nos descontroles que a economia e a cultura capitalista industrial desenvolveram. Marcam a incapacidade das diferenciações funcionais modernas em conter e dominar imprevistos. Idéias como controle, segurança e previsibilidade, tão presentes e fundamentais na primeira fase moderna, entram em colapso e se tornam inadequadas ao entendimento da situação atual. Esse momento é conceituado por Beck como “sociedade de risco”, fase que se estabelece a partir dos efeitos colaterais da sociedade industrial, isto é, das conseqüências imprevistas da ação

demográfica, por sistemas de comunicação de massa, Estados nacionais cada vez mais poderosos, movimentos sociais de massa e de nações e por um mercado capitalista mundial em permanente expansão (BERMAN, 2007).

social que formam a vida moderna². Surge da continuidade dos processos de modernização autônoma que “de maneira cumulativa e latente, (...) produzem ameaças que questionam e finalmente destroem as bases da sociedade industrial” (BECK, 1997: 16).

Se antes, na sociedade industrial, temos como conflito básico os atritos e disputas da distribuição de bens, lutas de classe, etc., no momento posterior passa-se para o conflito da distribuição dos malefícios ou aqueles de responsabilidade distributiva, que se referem aos riscos que acompanham a produção dos bens e como estes podem ser distribuídos, evitados, controlados e legitimados (BECK, op. cit.). Um dos riscos mais marcantes, neste período, é o lixo.

O que Beck propõe em sua teoria da modernidade reflexiva é que neste momento as condições básicas e os princípios da primeira modernidade são reestruturados. Ao mesmo tempo, considera que emergem novos temas, perspectivas e agrupamentos sociais, relacionados a incertezas fabricadas pela própria civilização, entre elas riscos, perigos, efeitos colaterais, insegurança, individualização e globalização, ponderando que estes movimentos atingem as diferentes regiões em diferentes graus. Analisa ainda que esse seja um momento de reflexão que não está atrelado apenas ao aspecto ecológico, ambiental. Implica em questões atinentes ao mundo interior da sociedade e, inclusive às formas de sua relação com o mundo natural.

Este pensamento pode ser complementado pela noção de vida líquida, elaborada por Bauman (BAUMAN, 2005). Esta concepção de liquidez significa que nas sociedades contemporâneas as “condições sob as quais agem seus membros mudam em períodos de tempo mais curtos do que aqueles necessários para haver a consolidação das formas de agir, em hábitos e rotinas” (BAUMAN, op. cit.:7), afetando diretamente, inclusive, a formação da identidade dos agrupamentos sociais. A liquidez não permite a formação de modelos permanentes, altera constantemente as identidades e suas realizações individuais, não permitindo que hajam solidificações em posses duráveis. Além do mais, as condições de ação e as estratégias de reação

² As conseqüências imprevistas da ação são mencionadas tanto por Giddens, em A Constituição da Sociedade, quanto por Merton, em Sociologia – teoria e estrutura. No primeiro caso, Giddens analisa que a *durée* das ações dos atores ocorre normalmente em um fluxo contínuo de ação intencional. Mas, para ele, alguns atos podem ter conseqüências que são impremeditadas. Cita como exemplo o caso da aprendizagem da língua inglesa. Uma das conseqüências normais, mas não premeditada, de se falar ou escrever corretamente o inglês, é a contribuição para a reprodução da língua inglesa como um todo (GIDDENS, 2003). Para o segundo nem sempre as funções manifestas, isto é, as categorias objetivas da função, são capazes de responder corretamente aos motivos e razões que levam a determinado comportamento social, uma vez que nem todas as interpretações podem ser expressas de maneira racional e previsíveis. Para Merton, muitas funções sociais e culturais só conseguem ser explicadas a partir das conseqüências sociais e psicológicas inesperadas e não reconhecidas desencadeadas pelas ações dos agentes considerados, isto é, das suas funções latentes (MERTON, 1970).

envelhecem muito rapidamente, tornando-se obsoletas antes mesmo que alguns atores tenham a chance de apreendê-la. Isso decorre da imediatividade em que os ativos se transformam em passivos e as capacidades em incapacidades (BAUMAN, 2005.).

Essa noção mostra-se adequada para o entendimento da formação de identidades de grupos que ganham visibilidade neste contexto, como o grupo dos catadores de materiais recicláveis. Neste caso específico, como os catadores fazem uso do que é descartado na órbita consumidora legítima, do resto dos outros, seus hábitos e rotinas também se alteram a partir do que encontram no lixo, das novidades jogadas fora pela sociedade incluída no processo de consumo.

Um aspecto na teoria de Bauman sobre a sociedade contemporânea, que se aproxima da noção de risco, de Beck, é a imediatividade. Para ambos as mudanças deste período são rápidas e quase sempre imprevisíveis, representando transformações de circunstâncias e uma sucessão de reinícios. É uma vida marcada por condições de incerteza constante, onde as preocupações mais intensas dizem respeito a não conseguir acompanhar a rapidez dos eventos, de ser deixado para trás. Nela os fins são rápidos e indolores, para os que fazem parte do sistema, porque sua prioridade é a habilidade de livrar-se das coisas e não de adquiri-las. “Do princípio ao fim, a ênfase recai em esquecer, apagar, desistir e substituir” (BAUMAN, op. cit.:9).

Devemos considerar também que neste modelo social contemporâneo, pelo menos para os que estão incluídos na sociedade formal, nada pode ficar parado. Tudo deve modernizar-se, ir em frente, despiando-se a cada dia dos atributos ultrapassados, ou deve perecer. Suas maiores lutas se dão na tentativa de permanecer o maior tempo possível longe da possibilidade de ser descartado (BAUMAN, id.). A sociedade líquida passa por um processo de destruição criativa permanente, uma criação que destrói modos de vida, e indiretamente, os seres humanos que os praticam. Uma ação em que o verdadeiro prêmio é a garantia temporária de não ser excluído, de não ser jogado no lixo.

Com relação aos valores culturais, a modernidade reflexiva se individualiza. Para as sociedades deste tempo mais vale a incerteza da liberdade do que a “certeza hierárquica da diferença ontológica” (BECK, 1997: 13) que se dá porque os temas e éticas em voga na sociedade civil global providenciaram novos “*ideological cement*”³.

³ Cimentos ideológicos (BECK, 1997:13).

Estes cimentos ideológicos marcam uma sociedade em que os valores são voláteis, tais quais suas ações, além de ser descuidada com relação ao futuro, egoísta e hedonista. Nela, as novidades são inovações, a precariedade um valor, a instabilidade um imperativo e o hibridismo a riqueza (BAUMAN, 2005.). Ali se domina e se pratica, em graus variados, a aquiescência à desorientação, imunidade à vertigem, adaptação ao estado de tontura, tolerância com falta de itinerário e direção e com a duração indefinida da viagem.

Estes valores voláteis acabam por gerar como preceitos, ligações frouxas e compromissos revogáveis, pelo menos para aqueles incluídos no processo.

“Flutuando como a água... você vai em frente com rapidez, jamais enfrentando a corrente nem parando o suficiente para ficar estagnado ou se grudar às margens ou às rochas – propriedades, situações ou pessoas que passam por sua vida - nem mesmo tentando agarrar-se a suas opiniões ou visões de mundo, apenas se ligando ligeiramente, mas com inteligência, a qualquer coisa que se apresente enquanto você passa e depois deixando-a ir embora graciosamente sem apegar-se...” (BAREFOOT DOCTOR *apud* BAUMAN, op. cit.: 11).

Dentro deste contexto, Beck e Bauman anuem que todos aqueles que não desejam fazer parte do jogo, aqueles que não estão ali por vontade própria, os que não gostam ou os que não podem se dar ao luxo de ter outra escolha, têm poucas chances ou acabam excluídos do processo de vida formal.

Para os excluídos, especificamente, pertencer representa muitas vezes um desejo incontrolável de se fazer igual aos incluídos, quando há a consciência dessa abordagem. E é esse fator um dos principais elementos impulsionadores da luta pela construção da identidade em grupos que ganham visibilidade a partir do contexto esboçado, tal qual os catadores de materiais recicláveis. Estes, quando conscientes de sua condição de exclusão, pretendem ter uma identidade que esteja de acordo com os parâmetros dos que estão incluídos, e lutam para que ela seja reconhecida e faça parte do processo. Mas para tanto é preciso se munir de conhecimentos.

Para Lash (*apud* BECK, 1997) vivemos em uma fase de modernização do conhecimento, que através das fundações da ação social e da vida, questiona, reorganiza e reestrutura diferentes tipos de conhecimentos fazendo emergir novos tipos de conflitos. Ao mesmo tempo, representa o desenvolvimento de modelos simultâneos de certezas em três níveis: cognitivo, moral e estético. Mas é nas particularidades emocionais da reflexão estética, que não pode ser resolvida emocionalmente, cognitivamente e moralmente, que são criadas as comunidades reflexivas. Lash

pensa que os grupos desse período devem ser entendidos em essência como uma “segunda e seletiva natureza dos símbolos estéticos mundiais” (*apud* BECK, 1997:116), uma interconexão de mercados globais, mobilidades, modos de consumo, simbolismos e estilos de vidas locais, que acabam por gerar novos formatos de identidades globais, pessoais e sociais, móveis, intercambiáveis e decididas, mas vividas a partir de padronizações, pelo menos para os incluídos no processo.

Os grupos também estão sujeitos a novas formas de desigualdades sociais, que na sociedade baseada na ciência, na comunicação e na informação, geram graus de dependência do conhecimento porque atuam reorganizando o modelo social vigente a partir dos antigos e novos grupos sociais. A distribuição da informação e as oportunidades de acesso, nesta sociedade, promovem a reorganização da produção, circulação, acumulação de capital e consumo a partir do conhecimento. Ao mesmo tempo, constroem requisitos elevados para alcançá-lo e acessá-lo, como forma de conseguir liderar a desigualdade social imposta pela radicalização e lidar com os que não se encaixam nas redes de segurança (BECK, *op. cit.*).

Lash (*apud* BECK, *id.*), ao contrário de Giddens (*apud* BECK, *ibid.*), apresenta a questão da seletividade do conhecimento e da incerteza como aspectos centrais para o futuro da sociedade. Para ele, novas formações se tornam possíveis na sociedade reflexiva. Novas regras se estabelecem. Inclusão e exclusão são renegociadas e restabelecidas, condicionando as definições sobre o destino dos diversos grupos sociais. Além disso, novos fatores, visíveis e invisíveis passam a reger a união entre pessoas. Religião, *status*, classe social, identidades de gênero ou gostos não são mais os fatores predominantes de organização para os grupos imersos no contexto das condições de individualização avançada.

Bauman desenvolve este ponto e diz que incertezas e transitoriedades, ao se tornarem constantes, acabam abalando as identidades sociais, culturais e sexuais e tornando-as líquidas. Para o autor a contemporaneidade está tão dividida em fragmentos mal coordenados, que “experiências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados” (BAUMAN, 2005:19), fazendo com que as identidades sociais se tornem parte de múltiplos níveis de interação e vivências dos indivíduos e não mais baseado em aspectos centrais, como gênero, classe social, religião, *status*, entre outros. Acabam, assim, tornando-se frágeis, transitórias e totalmente dependentes de escolhas.

“A questão da identidade só surge com a exposição das ‘comunidades’ da segunda categoria⁴ – e apenas porque existe mais de uma idéia para evocar e manter unidade a ‘comunidade fundida por idéias’ a que se é exposto em nosso mundo de diversidades e policultural. É porque existem tantas dessas idéias e princípios em torno dos quais se desenvolvem essas ‘comunidades de indivíduos’ que acreditam que é preciso comparar, fazer escolhas, fazê-las repetidamente, reconsiderar escolhas já feitas em outras ocasiões, tentar conciliar demandas contraditórias e freqüentemente incompatíveis” (BAUMAN, 2005:17).

Neste tempo de modernidade líquida, a identidade perde as âncoras sociais anteriores que a “fazia parecer natural, predeterminada e inegociável” para modelos onde o “pertencimento” e a “identidade” não são marcados pela solidez, nem garantidos para toda a vida. Pelo contrário, passam a ser percebidos como bastante negociáveis e revogáveis, dependentes das decisões dos indivíduos, dos caminhos percorridos e das maneiras como se age. Tendem a ser eletronicamente mediadas, frágeis, totalidades virtuais em que é fácil entrar e abandonar, além de serem mantidas pelo movimento constante.

“As afiliações sociais – mais ou menos lembradas – que são tradicionalmente atribuídas aos indivíduos como definição de identidade: raça, gênero, país ou local de nascimento, família e classe social agora estão se tornando menos importantes, diluídas e alteradas nos países mais avançados do ponto de vista tecnológico e econômico. Ao mesmo tempo, há a ânsia e as tentativas de encontrar ou criar novos grupos com os quais se vivencie o pertencimento e que possam facilitar a construção da identidade” (DENCİK, *apud* BAUMAN, 1999:30).

Essa propriedade dinâmica (processual e relacional, constantemente em realização e sujeita a mutações), encontra-se noutras abordagens sobre formação de identidade na vida contemporânea. Para Stuart Hall, o sujeito que se estabelece é conceituado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente, mas sim, como uma “celebração móvel” onde a “identidade é formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL *apud* HALL, 1987). Ela passa a ser definida historicamente e não mais a partir de critérios biológicos. “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando

⁴ Comunidades de segunda categoria são, segundo Bauman, aquelas que “são fundidas unicamente por idéias ou por uma variedade de princípios”. São também chamadas de comunidades de destino (BAUMAN, id.).

em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2001:13).

Para o autor, a razão do surgimento deste novo modelo de identificação está na multiplicidade dos sistemas de significação e de representação cultural que passam a existir. Cada um deles nos confronta diretamente, nos dando uma multiplicidade de opções “desconcertantes e cambiantes” de identidades possíveis, com as quais podemos nos identificar, pelo menos, temporariamente (HALL, op. cit.). É, portanto, um modelo complexo, frágil, transitório e que flutua a partir das escolhas feitas, das comunidades de idéias e princípios percorridos, pela fragmentação da existência, pela fragilidade das conexões e ainda pela transgressão de fronteiras.

“Quem você é só faz sentido se você acredita que possa ser outra coisa além de você mesmo; só se você tem uma escolha, e só se o que você escolhe depende de você; ou seja; só se você tem de fazer alguma coisa para que a escolha seja ‘real’ e se sustente” (BAUMAN, 2005: 25).

No aspecto da identidade estruturada a partir do aspecto profissional, por exemplo, mudanças gradativas em sua significação são notadas. Se anteriormente o trabalho já foi visto como uma “possibilidade de intermediar o atendimento às necessidades imediatas da sobrevivência, nos últimos séculos passa, devido a determinadas circunstâncias históricas, a, gradualmente, ser percebido como criador de riquezas e totalmente investido de conotação econômica” (COUTINHO 2007).

Assim, o capitalismo contemporâneo, com seu trabalho flexível, temporário, terceirizado, com ênfase no curto prazo, diminui as possibilidades das pessoas construírem uma narrativa coerente para suas vidas a partir das experiências desenvolvidas nesta área. As características do trabalho na modernidade tardia, ou segunda modernidade, tais quais, a precariedade, a vulnerabilidade e a fragmentação, impõem dificuldades ao processamento de identificações por seu intermédio e, conseqüentemente, a construção das identidades profissionais (SENNET, 2001).

“Este modo de produção corrói o caráter do trabalhador, sobretudo aquelas qualidades de caráter que ligam os seres humanos uns aos outros, e dão a cada um deles um senso de identidade sustentável (...) sob a lógica capitalista, modificam-se a natureza do trabalho, seus modos de organização e de gestão e, principalmente, as relações interpessoais que os trabalhadores estabelecem no contexto laboral. Como pode um ser humano desenvolver uma narrativa de identidade e história de vida numa sociedade composta de episódios e fragmentos? As condições da nova economia alimentam, ao contrário, a

experiência com a deriva no tempo, de lugar em lugar, de emprego em emprego” (COUTINHO, 2004:6).

Como consequência, as formas atuais de relacionamento homem-trabalho reduzem as oportunidades de construção de narrativas individuais. Há a limitação das possibilidades de estabelecimento de vínculos interpessoais com seu fazer e, conseqüentemente, são reduzidas as probabilidades de identificação com os outros e com o trabalho, ao menos sob a perspectiva de continuidade. Mas isso não significa excluí-la como elemento de compreensão das relações sociais e dos processos identitários. A dimensão ocupacional ainda ocupa grande espaço na vida da maioria das pessoas.

Assim:

“As mudanças características do atual contexto produtivo repercutem nas diferentes dimensões da vida social e, de um modo bastante peculiar, nas relações do homem com sua atividade laboral, uma vez que tais relações têm gerado sentimentos de insegurança, estranhamento e incerteza, por constituírem-se, em muitos casos, elas próprias, como provisórias, precárias e efêmeras. A concepção do trabalho como um elemento imprescindível para a construção da identidade do sujeito deve ser, portanto, repensada à luz das várias transformações no mundo produtivo, examinando-se quais articulações ainda são possíveis de serem estabelecidas entre os conceitos de identidade e trabalho, em um contexto no qual, inegavelmente, são modificadas as construções identitárias” (COUTINHO, 2007:6).

Isso tudo acontece porque na segunda modernidade, as estruturas das comunidades, grupos e identidades perdem seus “*ontological cement*”. Após ter passado por uma democratização política e social marcada pela democratização do Estado e do Estado do bem-estar social, a sociedade agora experimenta uma democratização cultural que altera suas fundações e representações do que seja a família, o trabalho, as relações de gênero, o amor, a sexualidade e a intimidade, isto é, modifica as bases da vida cotidiana e das políticas globais (BECK, 1997). Essas perdas fazem surgir novas formas de percepção, interpretação, resolução dos problemas sociais e fatores originais capazes de influenciar na construção da identidade, que passam a se basear no próprio indivíduo. Como consequência, as temáticas das desigualdades e das consciências de classes perdem sua posição central na sociedade para discursos cada vez mais fragmentados no eu (*self*).

“Hoje em dia, espera-se que os indivíduos dominem essas oportunidades arriscadas, sem serem capazes, em razão da complexidade da sociedade moderna, de tomar as

decisões necessárias em uma base bem fundamental e responsável, ou seja, considerando as possíveis consequências” (BECK, 1997:16).

No caso dos excluídos e rejeitados, Beck e Bauman mencionam haver o preço pago por aqueles que estão sujeitos há um “alto custo da miséria corporal e do trauma psíquico, preço que só uns poucos escolheriam pagar por vontade própria, sem serem forçados” (BECK, op. cit.; BAUMAN, 2005: 13). Neste sentido, forças combinam-se para controlar a situação, segurando os inquietos e estancando os descontentes.

Tal discussão se estabelece porque este momento designa uma fase da modernidade em que as ameaças produzidas pela sociedade industrial começam a ganhar corpo, a levantar a questão da autolimitação do desenvolvimento e a produzir transformações em três áreas de referência. A primeira ligada ao relacionamento da sociedade com os recursos naturais e culturais, a segunda, na relação da sociedade com as ameaças e os problemas produzidos por ela própria e, a terceira, na alteração de significados coletivos e específicos de grupos (BECK, op. cit.).

Quanto à primeira, ou seja, o relacionamento da sociedade com os recursos da natureza e da cultura, nota-se que antigos valores começam a ser dissipados. Estes estão ligados tanto à natureza não humana quanto à cultura humana em geral, como, por exemplo, os modos de vida e os recursos de trabalho social.

Com relação à segunda transformação, as ameaças e problemas produzidos pela sociedade industrial abalam as suposições fundamentais da ordem social convencional, uma vez que os problemas surgidos acabam por exceder as bases das idéias sociais de segurança. Exemplos são o medo, as incertezas, os riscos, que passam a conviver diariamente com a população. Eles transformam os modos de agir, criam novas expectativas e fazem emergir novos temas para discussão, entre os quais, os riscos e as consequências do excesso de lixo produzido pelo consumo.

Por último, relativo a terceira grande transformação, há a exaustão, a desintegração e o desencantamento de fontes de significados coletivos e específicos por grupos. Novos conjuntos aparecem trazendo simbologias próprias. Com eles emergem também a necessidade de distinção, reconhecimento social e construção/afirmação de identidades diferenciadas.

Mas o reconhecimento, neste contexto, não acontece a partir das estruturas do Estado, visando apenas uma reestruturação político-econômica, isto é, a redistribuição de renda, a

reorganização da divisão do trabalho, etc. Vai além. Com o enfraquecimento da autonomia e do poder do Estado frente à globalização, com a perda de confiança nas instituições hierárquicas da modernidade, na política, na economia, nos governos, nos partidos políticos, nas empresas, etc., crescem e se tornam mais comuns às intervenções dos próprios cidadãos, através de boicotes públicos, de mensagens postadas via internet, entre outros, sempre visando à quebra dos limites de antigas convenções. Propõe-se também a “reavaliação positiva de identidades desrespeitadas e dos produtos culturais de grupos marginalizados” (FRASER, 2001:252) e a transformação/alteração dos padrões de representação, interpretação, comunicação social e percepções de individualidade.

O que se percebe é o nascimento de variadas formas alternativas de se lutar pelo reconhecimento social que agora passam também a se dar pelos atores agindo através de sistemas políticos, grupos de interesse ou organizações políticas transnacionais ou por arenas, que se caracterizam pelos acordos e instituições internacionais (BECK, 1997).

Essas lutas alternativas por reconhecimento ganham novos formatos, sendo debatidas ao mesmo tempo em agendas políticas locais, regionais, nacionais e internacionais, e sendo resolvidas na esfera transnacional, nos casos em que se tornam incapazes de se enquadrar em modelos políticos nacionais.

Tudo isso acaba gerando, na visão de BECK (op. cit.), uma necessidade de reinventar a política, fazendo emergir o que o autor denomina de novas realidades subpolíticas globais e que afetam diretamente a construção da identidade dos grupos típicos deste contexto.

A subpolitização se caracteriza pela perda da credibilidade das instituições que deveriam garantir os direitos básicos da população, tais como indústrias, economia, sistema legal, ciências, política e pelo aparecimento de instituições, atores e arenas organizados, de fora do sistema dos estados nacionais, que questionam o modelo central. Além disso, o debate político passa a envolver temas cotidianos que não estavam ligados ao espectro tradicional, como os problemas que evocam significados antes não conferidos ao lixo, no contexto do consumo, da liquidez, do risco, da sustentabilidade, da ocupação de grupos novos e específicos, etc, isto é, de vários aspectos que revelam problemas e perdas de controle por parte das instituições símbolos da modernidade. A partir desse modelo, formam-se coalizões de opostos, capazes de alterar as regras e as características do modelo tradicional de política, tornando-o suscetível a novos *links* e à possibilidade de serem renegociados e remodelados (BECK, id.). No caso dos catadores de

materiais recicláveis nas maiores cidades brasileiras, essa realidade se torna mais visível a partir de meados de 1999 com o nascimento do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis⁵, que luta para a valorização da categoria e reconhecimento de sua importância frente à sociedade a partir de ações populares diretas e dispensando a fala de partidos políticos, governos e empresários em seu nome.

Uma alteração na configuração política como esta ocasiona a invasão dos atores para além das responsabilidades e hierarquias formais, chegando a espaços sociais antes inimagináveis, como o universo dos catadores de materiais recicláveis. Assim, quanto mais o processo capitalista avança, mais as áreas de tomada de decisão (setor privado, negócios, ciência, cidades, vida cotidiana, etc.), tão protegidas no capitalismo industrial, são invadidas pelos conflitos políticos da modernidade tardia, isto é, tornam-se mais dependentes das decisões políticas. E este fator, somado à cultura individualizada do ocidente, que é marcada pela educação mais aprimorada e em maior escala, empregos e oportunidades melhores para se ganhar dinheiro e onde as pessoas não simplesmente obedecem, possibilitam a individualização dos conflitos e também dos interesses políticos, que não podem ser sinônimo de desengajamento. Pelo contrário, surge um engajamento múltiplo, contraditório, nos diversos agrupamentos que se formam, misturando e combinando pólos clássicos de política. Todos são esquerdistas e direitistas, radicais e conservadores, políticos e não políticos, ecológicos e não ecológicos, tudo ao mesmo tempo (BECK, 1997).

Subpolítica, nesta visão, representa modelar a sociedade de baixo para cima, o que resulta na perda do poder de implementação, encolhimento e minimização da política. Há nela, oportunidades para que os mais diversos grupos sociais se façam ouvir e tenham participação na sociedade. Cidadãos, esfera pública, movimentos sociais, grupos especializados, trabalhadores no local de trabalho, todos podem ter oportunidades de “moverem montanhas nos centros estratégicos de desenvolvimento” (BECK, op. cit.:36). Aqui, vários grupos e níveis de tomada de decisão e participação mobilizam, uns contra os outros, os recursos do Estado constitucional.

O que percebemos, portanto, é que as mudanças na sociedade, promovem um processo de inovação autônomo, que de forma ampla e solta, modifica a estrutura social. “Designa uma fase no desenvolvimento da sociedade moderna, em que os riscos sociais, políticos, econômicos e

⁵ Maiores informações sobre o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis estão disponíveis no site < <http://www.movimentodoscataadores.org.br/>>, acesso em 09/10/08.

individuais tendem cada vez mais a escapar das instituições para o controle e a proteção da sociedade industrial” (BECK, 1997:15).

Todas essas características sociais estão também diretamente ligadas à visibilidade que os riscos ganham nesse período. Eles se distinguem por serem perigos desconhecidos e imprevisíveis, pela aproximação de conseqüências imprevistas das ações humanas até então ditas como controladas e previsíveis. Diferenciam-se dos anteriores por serem marcados por uma nova ordem. Não são mais nacionais, mas sim globais e estão intimamente conectados com os processos de decisão administrativos e tecnológicos. Além do mais, tornam-se uma grande força de mobilização política, conectando-se à autonomia individual, à insegurança no mercado de trabalho, às relações de gênero, e ainda à influência das mudanças tecnológicas e científicas. Os riscos contemporâneos ainda promovem a aproximação de áreas até então desconectadas: a natureza, a democratização da democracia e o futuro do papel do estado e ao mesmo tempo uma abertura dos processos de decisão, não só no estado, mas igualmente nas corporações privadas e na ciência (BECK, *op. cit.*).

Esses novos tipos de riscos que emergem são simultaneamente locais e globais, ou “glocal” (ROBERTSON *apud* BECK, *id.*:142), destroem os pilares do cálculo convencional de segurança, não são responsabilizados a alguém e não podem ser financeiramente compensados. Também se qualificam por serem, ao mesmo tempo, latentes, iminentes, invisíveis e imperceptíveis na vida cotidiana. Para que sejam percebidos precisam ser tornados conscientes. Mas para isso é necessário considerar, além dos argumentos científicos, os valores e símbolos culturais que os envolvem. E para Beck, essas percepções são sempre constituídas contextualmente e localmente e ainda dependentes da mediação feita pela mídia e pelas tecnologias (BECK, *ibid.*).

Estes riscos permitem a abertura dos discursos públicos e das ciências sociais para os desafios da crise ecológica (e isso inclui discutir os perigos trazidos pelo excesso de lixo), da democracia cosmopolita, da nova política econômica da incerteza, dos mercados financeiros, dos conflitos transculturais sobre comida e seus produtos (a doença da vaca louca, no Reino Unido, por exemplo), da emergência de comunidades de riscos (os catadores de materiais recicláveis), e da anarquia das relações internacionais. Além disso, reforçam que os meios de controle sobre os perigos que a própria sociedade criou são limitados. Tudo isso, ao mesmo tempo global, local e pessoal.

Os riscos deste período podem ser distinguidos em três aplicações: a primeira quanto aos conflitos gerados pela destruição ecológica relacionada aos perigos advindos do desenvolvimento tecnológico/industrial, a segunda, referente às ameaças relacionadas à pobreza e terceiro as armas de destruição em massa. É também válido considerar que estes riscos podem agir separadamente, ao mesmo tempo em que podem ser complementares e se acentuarem, num espiral de destruição (BECK, 1997).

Seus grandes indicadores são que eles deixam de ser quantificáveis para se tornarem *hard to manage*⁶, perdem seus limites espaciais e temporais, tornando-se globais e duradouros, suas conseqüências não conseguem ser cobertas por seguros nem responsabilidade de alguém, além de também se misturam aos conflitos éticos, nacionais e relativos a pesquisas.

Os riscos estão ainda relacionados à mídia, que tem papel essencial no processo: sinalizar os riscos e explorá-los⁷, digitalizar as imagens e divulgá-las, dando-lhes visibilidade.

Os riscos são, portanto, realidades virtuais⁸ que podem se materializar. E, só a partir da possibilidade de se tornarem reais podemos compreender sua materialização social e seu impacto na construção da identidade dos grupos que se formam e produzem discursos, tornando-se socialmente visíveis, no contexto de risco. Além disso, os riscos não podem ser entendidos fora da materialidade social e cultural referida em arenas e em instituições especificadas, sejam elas científicas, políticas, econômicas ou populares.

Estes riscos produzidos pelos homens são híbridos, incluem e combinam política, ética, matemática, meios de comunicação de massa, tecnologias, definições e percepções culturais, atinentes a uma única sociedade.

O conceito de risco favorece ainda a reversão da relação entre passado, presente e futuro na sociedade. Nesta situação, o passado perde seu poder de determinar as ações presentes. As causas da experiência diária e das ações passam a ser determinadas pelo futuro, algo inexistente,

⁶ Difíceis de gerenciar.

⁷ Para Beck a mídia explora os riscos nos fatos, mas, não informa suficientemente as pessoas sobre as conseqüências imprevistas da atividade industrial. Para o autor, a mídia não é capaz de produzir práticas de informação apropriadas e hábeis para fazer com que as pessoas reajam e processem a informação como cidadãos ativos. Além disso, do jeito como a informação é trabalhada atualmente, acredita Beck, a informação especializada é desacreditada. A forma atual, onde os riscos mudam a cada dia, inclusive variando aos extremos, institutos, métodos e contextos de trabalhos que se alteram a cada nova pesquisa, só são capazes de gerar dúvida e desconfiança sobre o conhecimento racional especializado. Essas percepções são favorecidas por uma série de acontecimentos como a recepção seletiva e a transmissão do conhecimento sobre o risco, que muitas vezes é falseada, a incerteza quanto ao próprio conhecimento, à divulgação de erros e mais erros, a inabilidade para conhecer e a relutância em saber (BECK, op. cit.).

⁸ *Virtual realities* (BECK, id.).

fictício. Discute-se não sobre os casos reais em si, mas sobre algo que poderia acontecer. As crenças nos riscos que poderiam se tornar realidade fazem mover os dias do presente. Quanto mais ameaçadoras forem as sombras que recaem sobre o presente, a partir do futuro terrível que esteja aparecendo à frente, mais dramatizados serão os riscos hoje.

Todas essas características mencionadas acabam por afetar o modo como os grupos sociais constroem suas identidades e se reconhecem perante a sociedade contemporânea.

Para Bauman a discussão em torno da construção da identidade nos tempos contemporâneos nasce da crise do pertencimento e do esforço desencadeado a partir do sentido de se transpor a brecha entre o “deve” e o “é” como uma tarefa incompleta, ainda não realizada, um dever, um ímpeto à ação. Ao mesmo tempo, a reflexão advém do descontentamento social dissolvido em um sem número de ressentimentos de grupos ou categorias, cada qual à procura de suas próprias âncoras sociais e de uma comunidade, que se torne referência em “tranquilidade, segurança física e paz espiritual” (BAUMAN, 2005: 68).

Essa crise, porém, levanta alguns “efeitos imprevistos” (BAUMAN, op. cit.). Há a fragmentação acelerada da dissensão social, a desintegração do conflito social em uma multiplicidade de confrontos e de campos de batalhas, marcados não mais por visões relacionadas às classes sociais e à preocupação com a injustiça econômica, mas por reconhecimento: a identidade escolhida e preferida é contraposta a modelos antigos, abandonados e abominados ou a estereótipos, estigmas e rótulos promovidos por forças inimigas, visando superar a injustiça simbólica a que são submetidos (FRASER, 2001).

1.2 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E O CONSUMO – UMA ÂNCORA SOCIAL INFLUENTE?

Na sociedade contemporânea, marcada pelo risco, as transformações sofridas pelos diversos grupos sociais fazem com que os cimentos ontológicos característicos da primeira modernidade percam força na regência das estruturas identitárias. Em seus lugares destaca-se com cada vez mais força o consumo. Em muitos casos, inclusive, este último passa a se estabelecer como um dos substitutos às referências ortodoxas anteriores, tendo em vista que consumir, na transição entre o século XX para o XXI, passa a ser sinônimo de algo além do

consumo de signos⁹: engloba o consumo de massas e para as massas, altas taxas de consumo e de descarte de mercadorias *per capita*, a presença da moda, da sociedade de mercado, de sentimentos permanentes de insaciabilidade e também do consumidor como um de seus principais personagens sociais (BAUMAN, 2005).

O consumo funciona em uma sociedade em que seus membros são interpelados basicamente e exclusivamente como consumidores e onde aqueles que não o são, buscam a todo e qualquer custo ser incluídos no processo de consumir, uma vez que todos, incluídos e excluídos, fazem parte de “uma sociedade que julga e avalia seus membros principalmente por suas capacidades e sua conduta relacionadas ao consumo” (BAUMAN, op. cit.:109). Seus membros gastam a maior parte do seu tempo e esforços tentando ampliar os prazeres daí advindos. Todo o ambiente social e também suas ações tendem a ser estruturadas e orientadas pela “síndrome consumista”, seja a política de vida, a natureza das relações pessoais, a formação da identidade do grupo, tudo tende a ser modelado “à semelhança dos meios e objetos de consumo” (BAUMAN, id.:109).

“Essa síndrome sugere mais, muito mais, do que um fascínio pelas alegrias da ingestão e digestão, pelas sensações prazerosas e por ‘divertir-se’ ou ‘curtir’. É realmente uma síndrome, uma série de atitudes e estratégias, disposições cognitivas, julgamentos e pré-julgamentos de valores, pressupostos explícitos e tácitos variados, mas intimamente interconectados, sobre os caminhos do mundo e as formas de percorrê-los, as visões da felicidade e as maneiras de persegui-las, as preferências de valor e (relembrando a expressão de Alfred Shutz) as ‘relevâncias tópicas’” (BAUMAN, ibid.:110).

Na sociedade marcada pelo consumo encontramos como pilares axiológicos a negação da procrastinação e a adequação e a conveniência de retardar a satisfação. É uma sociedade que promove a transitoriedade e a degradação da duração. Também dá ao valor de novidade maior peso do que o de permanência, além de abreviar o lapso de tempo entre o querer obter e a dissipação do anseio pelo seu desaparecimento. Nela as brechas entre a utilidade e a conveniência

⁹ As teses de Bauman, em *Consuming Life*, focam a análise de categorias sociais distintas e o impacto destas na sociedade de consumo. Para ele, a característica distintiva da sociedade de consumo não é seu alto grau de consumo em si, mas a desvinculação deste de qualquer função pragmática ou instrumental. Nela, as necessidades adquirem nova plasticidade, não sendo necessária outra justificativa do que o mero prazer. O prazer se torna o princípio da realidade e também uma ameaça à estabilidade social (BAUMAN, 2001).

Essa visão, de Bauman, é contrária a um segundo modelo proposto pela teoria social que, segundo Barbosa, acredita que a sociedade de consumo seja marcada meramente pelo consumo de signos ou dos chamados *commodity signs* (BARBOSA, 2004).

e a inutilidade e rejeição são estreitadas (BAUMAN, 2005.), tornando tudo uma questão de velocidade, excesso e desperdício, características também presentes nas identidades que se formam neste contexto.

Por velocidade entenda-se o encurtamento dos caminhos que levam do anonimato ao sucesso e vice-versa. “As subidas e descidas são tão rápidas quanto o lançar do dado e ocorrem sem aviso, ou quase. A fama atinge rapidamente o ponto de ebulição e logo começa a evaporar” (BAUMAN, op. cit.:112). Excesso e desperdício têm referência na abundância, uma abundância que tem papel elementar: aumentar a incerteza das escolhas que se espera ser eliminado ou pelo menos aliviado. Faz da vida dos consumidores uma experimentação contínua, inclusive de identidades, numa infinita sucessão de tentativas e erros, mas que não são capazes de conduzir a uma terra mapeada e sinalizada.

Do desperdício, trata do grande volume de elementos descartados, do lixo farto e da possibilidade de ser jogado na lata de lixo. O lixo é considerado um dos grandes riscos percebidos neste período porque gera reflexões locais, regionais e transnacionais. Além disso, em um curto espaço de tempo constata-se que a ação predatória humana vem destruindo o que a natureza demorou bilhões de anos para gerar e é também responsável por uma situação de desequilíbrio ecológico que afeta as condições básicas de vida humana e animal. Fora tudo isso, a produção excessiva de lixo, tal qual os outros riscos do período, é acusada de causar um colapso no mercado, de destruir a confiança no modelo político atual, no capital econômico e na superioridade racional dos especialistas (ZANETTI, 2006).

Retomando BAUMAN (id.), este pensa que tanto as relações humanas, quanto as próprias identidades¹⁰ dos incluídos, dos consumidores, se emparelham com o padrão de consumo de bens, podendo inclusive vir a estabelecer o que o autor denomina de “comunidades guarda-roupa”, que são comunidades reunidas

“... enquanto durarem o espetáculo e prontamente desfeitas quando os espectadores apanham os seus casacos nos cabides. Suas vantagens em relação à coisa genuína são precisamente a curta duração de seu ciclo de vida e a precariedade do compromisso necessário para ingressar nela e aproveitá-las” (BAUMAN, ibid.:37).

Na sociedade contemporânea, os objetos de consumo passam a ter um papel vital: o de regular as identidades. Eles representam à possibilidade de “renascer, de deixar de ser o que é

¹⁰ Para Bauman, nos identificamos a partir das referências das pessoas com as quais nos relacionamos (BAUMAN, 2005).

para se transformar em alguém que não é” (BAUMAN, 2005:16) pelo menos a quem possa pagar por isso. E essa reciclagem identitária vem acompanhada de “ferramentas patenteadas e prontas para uso, do tipo faça-você-mesmo” (BAUMAN, op. cit.:16), que agilizam o trabalho e tornam-no mais eficiente sem a necessidade de habilidades especiais ou maiores dificuldades.

“Eles vêm com a oferta de recuperar as suas perdas se você achar difícil suportar todos esses esforços. Seus vendedores também oferecem a substituição fácil e freqüente dos produtos no momento em que você não veja mais utilidade para eles, ou quando outros produtos, novos, aperfeiçoados e ainda mais sedutores, apareçam pela frente. Em suma, os bens de consumo encarnam a extrema revogabilidade e falta de finalidades das escolhas e a extrema descartabilidade dos objetos escolhidos. Mais importante ainda, parecem colocar-nos sob o controle” (BAUMAN, id.:102).

Além disso, essa reciclagem permite ao lixo ter um papel fundamental na construção das identidades sociais: ele se torna produto final de toda ação de consumo e o único que tende a ser sólido e durável numa sociedade de incertezas. Por outro lado, demonstra o bom funcionamento do sistema. O consumismo é a economia do excesso e do lixo. Constitui sua garantia de saúde e o único modo pela qual a sociedade de consumidores assegura sua sobrevivência. Nesta sociedade a taxa de mortalidade de expectativas é elevada e sempre crescente, “o caminho entre a loja e a lata de lixo deve ser curto, e a passagem, rápida” (BAUMAN, 2007:108).

Assim, o lixo torna-se o principal e mais abundante produto. E é nele que se encontra uma das indústrias que assume posição de destaque na economia e se referencia como uma das mais sólidas e imune às crises: a indústria da remoção do lixo. “Da rapidez com que os produtos são enviados para os depósitos de lixo e da velocidade e eficiência da remoção dos detritos” (BAUMAN, op. cit.:9) depende a sobrevivência da sociedade e o bem-estar de seus membros. “Nessa sociedade, nada pode reivindicar isenção à regra universal do descarte, e nada pode ter permissão de se tornar indesejável” (BAUMAN, id.:9). Constância, aderência e viscosidade, são os perigos mais sinistros e terminais, as fontes de temores mais assustadoras e alvo dos ataques mais violentos, além de ser um dos principais desafios que a vida líquida precisa enfrentar e resolver (BAUMAN, *ibid.*).

Nesta situação, os consumidores mais experientes não se incomodam de destinar ao lixo tudo o que já tenha cumprido sua função de satisfação, e isso inclui o descarte de padrões identitários não mais interessantes. A curta duração e o desaparecimento predeterminado são

aceitos com tranquilidade. Adeptos mais habilidosos chegam a se regozijar por se livrar do que ultrapassou seu tempo de uso, de desfrute (BAUMAN, 2007.).

A essa questão está ligada uma das maiores preocupações das pessoas deste período: a ameaça de ser jogado no lixo, de ser considerado *out*, lugar onde nem mesmo os excluídos querem estar. Ali se confrontam os prazeres do consumo e os horrores da pilha de lixo, isto é, a perspectiva de se “viver-para-o-depósito-de-lixo”. E isso acontece porque nessa sociedade todos são considerados objetos, bens de consumo. Consumidores e objetos de consumo demonstram serem pólos conceituais continuados, em que “todos os membros da sociedade de consumidores se situam e se movem, de um lado para outro, diariamente” (BAUMAN, op. cit.:18). Na vida líquida, a distinção entre eles é com muita frequência, condicionalmente estabelecida, além de ser momentânea e efêmera. A regra é a reversão constante dos papéis, mas que não deixam de interligarem-se, misturarem-se e fundirem-se.

O que vemos, então, pela ótica de Bauman, são formas inusitadas de se perceber o consumo como elemento que exerce influência sobre a construção da identidade. Uma forma que só acontece porque se torna uma possibilidade de resposta aos desafios propostos pela sociedade contemporânea. A lógica do consumo serve às necessidades daqueles que precisam construir, preservar e renovar a individualidade, isto é, sua autonomia como pessoa, sua própria responsabilidade por seus méritos e fracassos. E isso acontece tanto na ótica dos excluídos, como os catadores de materiais recicláveis, quanto para aqueles que se encontram incluídos no processo formal de consumo. Para este último, a partir da aquisição do bem, para os primeiros, pela posse e uso de bens adquiridos no lixo.

O que se vê, então, é a geração de um novo tipo de capitalismo, de economia, de ordem global, de vida social e individual, que se distingue por possuir padrões bastante diferentes do período anterior, além de relacionar modelos díspares e individualizados em cada parte do mundo - mas que têm em comum os mesmos desafios, mesmos que separados por distâncias e percepções diferentes. É um tempo que permite, nas palavras de Beck, uma “*pluralization of modernity*¹¹”, e, em consequência, das possibilidades de definição identitárias a quem possa sustentar.

¹¹ Pluralização da modernidade - Neste aspecto, trajetórias divergentes de modernidade se instauram nas mais diversas partes do mundo (BECK, 1997:3).

1.3 O SENTIDO DOS BENS SIMBÓLICOS PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Como analisado até aqui, na sociedade contemporânea o consumo constitui elemento capaz de influenciar a construção de identidades. Resta agora refletir sobre o entendimento de como isso acontece. Para Bourdieu, um aspecto inicial aponta para as condições dos bens e mercadorias promoverem a distinção simbólica entre os grupos, a partir da emergência de espaços sociais originais e de *habitus* diferenciado e diferenciador em cada grupo. Bens e mercadorias disponíveis ao consumo tornam-se elementos com importante função social, uma vez que representam instrumentos que integram a sociedade, geram conhecimento e comunicação e possibilitam o consenso acerca do sentido do mundo. Para ele, esse sentido contribui, inclusive, para a reprodução da ordem social.

De acordo com o autor, os bens culturais possuem uma economia própria e uma lógica específica, que dependem das condições em que são produzidos, seus consumidores e seus gostos, ao mesmo tempo, e das diferentes maneiras com que são apropriados. Funcionam como marcadores privilegiados de classes¹² e somente adquirem sentidos quando se conhece e compreende seus códigos: seu patrimônio cognitivo e sua competência cultural, as bases pelas quais foi codificada e suas propriedades sensíveis.

Bourdieu acredita que o essencial seja perceber que bens, práticas e maneiras funcionam como signos distintivos, formam uma linguagem, capaz de construir diferentes sistemas simbólicos. Mas, conforme reitera, essa distinção só é válida se houver uma relação com o outro.

A forma com a qual estas propriedades se relacionam com a realidade e com a ficção, está estritamente associada aos gostos das diferentes classes e suas frações. Acredita-se que os gostos, aqui compreendidos como preferências manifestadas (BOURDIEU, 1996), traduzam as posições dos sujeitos, classificando-os e legitimando as diferenças sociais através da afirmação prática de uma diferença inevitável marcada pelos limites estabelecidos entre o capital cultural e o econômico, e visem afirmar posições e assegurar distanciamento. São determinados também pelas relações de familiaridade com objetos, experiências, pessoas, etc. aos quais os indivíduos se relacionam.

¹² Bourdieu define classe social não como uma propriedade ou soma de propriedades, mas pela “estrutura de relações entre todas as propriedades pertinentes que conferem seu valor próprio a cada uma delas e aos efeitos que ela exerce sobre as práticas” (BOURDIEU, 2007: 101).

Bourdieu ressalta que a natureza dos bens e as maneiras de consumi-los variam conforme as categorias dos agentes e os terrenos aos quais se aplicam. A maior parte dos produtos só recebe seu valor social a partir do uso social que lhe é submetido. Além disso, a percepção está diretamente ligada aos princípios de pertinência socialmente constituídos e adquiridos. Ela se estabelece a partir de elementos identificados e fixados a uma época, classe (ou fração), ou a grupos específicos, como os que se expressam na contemporaneidade.

O aprendizado dos bens simbólicos pode acontecer de duas formas distintas, sendo a primeira de forma precoce, total e insensível, desde a pequena infância, no seio da família, e depois prolongado pela aprendizagem escolar, e a segunda, tardia, melancólica e acelerada. Enquanto a primeira refere-se ao controle inconsciente dos instrumentos de apropriação, produto de lenta familiarização e do contato prolongado entre discípulo e mestre, a educação institucionalizada, característica do segundo modelo, pressupõe racionalização e deixa seu vestígio na relação com o bem consumido (BOURDIEU, 2007). Funciona a partir da exigência da transmissão, da sistematicidade objetiva, referindo-se a regras, preceitos e receitas, atalhos. Nesse contexto, o tempo confere um rigor inflexível a qualquer forma de ordem social. Torna-se um obstáculo intransponível e que não tem como ser alterado.

Gostos, inclusive, nem sempre são definidos a partir do capital escolar, isto é, dos níveis de escolaridade de um indivíduo. Muitas vezes estão relacionados à origem social, além do modo de aquisição do capital cultural e também dos diferentes graus de reconhecimento e garantia atribuídos por um diploma (BOURDIEU, op. cit.).

É na família e também na escola que se formam as competências do que é ou não aceitável e o seu valor, e são a partir deles, que se estabelecem o conjunto de traços distintivos. Tudo isso para que se definam os limites e os espaços em que se dão as lutas cotidianas entre os grupos sociais.

“A razão pela qual todos os indícios (cuja obtenção é difícil por questionário) da maneira de implementar ou encenar, de fazer ver ou de valorizar a competência (segurança, arrogância, desenvoltura, modéstia, seriedade, mal-estar, etc.) dependem, estreitamente, em sua significação e em seu valor, do mercado em que estão inseridos deve-se ao fato de serem os vestígios visíveis de um modo de aquisição (familiar ou escolar), ou seja, de um mercado; deve-se também, ao fato de que todos os mercados que estão em condições de afirmar sua autonomia em relação ao controle escolar, atribuem-lhes a prioridade – enfatizar as maneiras e, através delas, o modo de aquisição, é ter a possibilidade de adotar a antiguidade na classe como o princípio da hierarquia no âmago da classe; deve-

se, igualmente, ao fato de conferir, aos detentores estatutários da maneira legítima, um poder absoluto e absolutamente arbitrário de reconhecimento ou de exclusão. Por definição, a maneira só existe para outrem e os detentores estatutários da maneira legítima e do poder de definir o valor das maneiras, pronúncia, apresentação e atitude têm o privilégio da indiferença à sua própria maneira (dispensando-os de fazer fita); ao contrário, os ‘novos ricos que pretendem agregar-se ao grupo dos detentores legítimos, ou seja, hereditários, da maneira adequada sem serem o produto das mesmas condições sociais, encontram-se confinados, façam o que fizerem, na alternativa da hiperidentificação ansiosa ou do negativismo que, na própria revolta, confessa sua derrota: ou a conformidade de uma conduta ‘tomada de empréstimo’, cuja correção ou até mesmo hipercorreção lembra que ela imita e o que macaqueia, ou a afirmação ostensiva da diferença que é votada a aparecer como uma confissão da impotência a identificar-se” (BOURDIEU, 2007: 91).

Além de tudo o que foi apresentado acima, é preciso ainda considerar que os gostos e objetos demonstram a lógica das relações sociais que envolvem os indivíduos, ao estabelecer o princípio dos conjuntos unitários de preferências distintivas e exprimir a lógica específica de cada espaço simbólico. A forma pela qual as relações sociais são objetivadas nas coisas e nas pessoas são incorporadas de forma insensível, inscrevendo uma relação duradoura com o mundo e com os outros, com os quais se manifesta. E isso pode ser detectado e percebido a partir dos modos de apropriação do jeito de falar, de vestir, dos bens consumidos, da postura, das atitudes, entre outros, isto é, a partir das escolhas mais simples e comuns do cotidiano: nas maneiras de ser e de uso (BOURDIEU, op. cit.).

Quanto a seus sentidos, os objetos consumidos não são universais. Tudo depende dos interesses e gostos que lhes são atribuídos, considerando que para cada grupo existe um sistema de traços distintivos e determinantes, um *habitus*, que é estabelecido a partir das condições econômicas, sociais e das identidades pretendidas, ou seja, seu conjunto de preferências distintivas. Além disso, é necessário considerar que o *habitus* é fruto das condições objetivas do grupo e aos quais eles estão adaptados, visando sempre à distinção social. Por *habitus* entendemos o princípio unificador e gerador das práticas, a forma incorporada da condição de classe e dos condicionamentos que ela impõe e também o conjunto de agentes em condições homogêneas de existência, que impõem condicionamentos, sistemas de disposições homogêneas e engedram práticas semelhantes aos indivíduos, propriedades comuns (BOURDIEU, id.).

Mas esta análise, no sentido proposto por Bourdieu, só pode se dar a partir da noção de espaço, definido como o conjunto de posições distintas e coexistentes, exteriores umas as outras (BOURDIEU, 1996). Para ele, é no espaço social construído pelos agentes ou grupos ali distribuídos que se estabelecem os marcos de distinção social. Porém, estes marcos se dão em função de dois princípios de diferenciação: pelo capital econômico e pelo capital cultural. Quanto mais próximos os grupos estejam nestes aspectos, mais próximas serão as distâncias espaciais e sociais. A distinção é fruto, portanto, da estrutura de capitais (BOURDIEU, 2007).

É válido ainda considerar que cada grupo define sua própria estrutura de capitais e dela se estabelece o modelo de relações sociais. Seus efeitos, isto é, o valor e eficácia de suas propriedades, inclusive, se limitam a esse espaço que foi produzido/reproduzido, ou seja, a seu campo.

Os espaços são construídos a partir de três dimensões fundamentais definidas pelo volume e estrutura do capital e pela evolução do tempo dessas duas propriedades. Suas diferenças primárias são encontradas no volume global do capital (econômico, cultural e social) - utilizados como recursos e poderes - e nas diferenças secundárias, que proporcionam a separação de frações de classes a partir de estruturas patrimoniais diferentes, pelas distintas distribuições de capital global entre as espécies de capital.

Estes aspectos mencionados afetam todos os pontos da pirâmide social, ricos e pobres, incluídos e excluídos, mesmo que com formatações próprias. Enquanto no topo o problema está em escolher o melhor padrão entre aqueles que estão sendo oferecidos no momento, na base da pirâmide é o apego firme à única identidade disponível, seus pedaços e partes, mesmo que ela venha a ser formada a partir de elementos retirados do lixo.

CAPÍTULO II

A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E A CONSTRUÇÃO DOS SIGNIFICADOS CONFERIDOS AO LIXO: IMPLICAÇÕES PARA O UNIVERSO DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS

No capítulo anterior delimitei teoricamente esta dissertação, esboçando um modelo pelo qual grupos contemporâneos parecem construir suas identidades. Adotei um ponto de vista de que no contexto de uma sociedade balizada pelo risco, as identidades são marcadas pelo esvaziamento de sentido das âncoras sociais tradicionais, que as faziam rígidas. Em seu lugar manifesta-se com cada vez mais força e presença, o consumo, que se torna, em muitos casos, o elemento de referência para a elaboração dos padrões identitários.

Através desta abordagem, tal transformação estabelece-se porque na transição entre o século XX para o XXI, é pelo consumo que os agentes sociais têm suas condutas e capacidades julgadas e avaliadas, além de ser ele o elemento que torna visível os limites da distinção entre os diversos grupos sociais.

Resta-me agora analisar até que ponto este modelo se aplica ao universo dos catadores de materiais recicláveis. Para tanto, começo compreendendo como as mudanças que atingiram a sociedade contemporânea afetam diretamente a construção do significado conferido ao lixo e conseqüentemente, como estas interferem no universo de interações sociais e de subjetividades dos catadores.

2.1 O SIGNIFICADO DO LIXO NOS TEMPOS CONTEMPORÂNEOS

Como visto no capítulo anterior, a sociedade contemporânea vem passando por profundas e aceleradas transformações nas mais diversas áreas. No âmbito do meio ambiente, as conseqüências têm refletido tanto no uso dos recursos naturais, como em uma postura mais relacionada ao desenvolvimento sustentável. Sobre este último, um dos pontos discutidos e analisados é o lixo. Há, segundo Magera, um *consensus omnium* entre as nações do mundo de que este é um dos grandes problemas que afeta a humanidade atualmente (MAGERA, 2004). O fato se deve, de acordo com o autor, porque nunca, em nenhuma outra época da história, os

homens foram estimulados a consumir tanto como agora. Segundo o Programa das Nações Unidas (ONU) o nível atual de consumo excede em 40% a capacidade de restauração da biosfera, ao se levar em conta gastos com alimentos, recursos naturais e de energia (NOVAES *apud* MAGERA, 2004).

Há também de se considerar que apesar dos rejeitos sempre terem feito parte da produção humana, desde os tempos ancestrais, o lixo produzido nos dias de hoje é diferente do primitivo. Se antes, além da baixa quantidade, havia acúmulo principalmente de matérias capazes de serem naturalmente reintegradas ao ambiente, atualmente a característica dos materiais que compõem os resíduos da sociedade é bem distinta: um lixo que resiste e que não deteriora com facilidade, que ocupa espaço e incomoda.

Além disso, esse problema não é fato isolado e próprio de uma região. Pelo contrário. Atinge níveis planetários. Em termos mundiais, cada habitante do planeta produz em média meio quilo de lixo por dia, gerando um volume total diário de cerca de três bilhões de quilos de detritos, mais ou menos 30 bilhões de toneladas de lixo por ano (STREIT, 2006).

Só da América Latina e Caribe estima-se uma taxa de geração *per capita* de 0,3 a 0,8 kg/habitante/dia de resíduos sólidos domiciliares (RSD) e de 0,5 a 1,2kg/habitantes/dia de resíduos sólidos municipais (RSM), provenientes da geração residencial, comercial, institucional e de pequenas indústrias e artesanato. Destes, 70% são gerados nos domicílios e resultantes principalmente da atividade econômica (ACURIO ET AL, 1997).

Apesar de impactantes na consciência de estudiosos, das autoridades e do grande público, observa-se imprecisão nesses indicadores e relações comparativas. A *Organizacion Panamericana de Salud*, (OPS, 1993) acredita que não se sabe ao certo a quantidade total de resíduos sólidos urbanos que deixam de ser coletados nas cidades dos países em desenvolvimento. Julga-se que esses números girem em torno de 30% a 50% dos resíduos nelas produzidos.

Em se tratando de Brasil, a Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílio (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), acusa que 89,5% dos domicílios particulares permanentes tinham o lixo coletado em 2005, o que equivale a 180.139,6 toneladas de resíduos coletados diariamente no país. Destes, 48,3ton. vão parar em vazadouros a céu abertos (lixão), 232,6ton. em vazadouro em áreas alagadas, 84.575,5ton. em aterro controlado, 82.640,3ton. em aterro sanitário, 1.031,8ton. são incinerados, 6.549,7ton. levados para estações

de compostagem, 2.265ton. para estações de triagens, 1.230,2ton. vão para locais não fixos e 1.566,2ton. têm outra destinação, não especificada pela pesquisa.

O IBGE ainda aponta a quantidade de unidades de destinação final do lixo coletado existentes no país. No total, são 8.381, sendo que elas se dividem em 5.993 lixões, 63 vazadouros em áreas alagadas, 1.868 aterros controlados, 1.452 aterros sanitários, 810 aterros de resíduos especiais, 260 usinas de compostagem, 596 usinas de reciclagem e 325 unidades de incineração.

Quanto à reciclagem, de acordo com Magera, a atividade está em franco desenvolvimento no Brasil (MAGERA, 2004). Configura-se como uma cadeia produtiva complexa e dominada por intermediários, que se apropriam da maior parte do lucro do negócio. Atualmente, o país ocupa o primeiro lugar mundial em reciclagem de latinhas de alumínio, chegando a 89% de reaproveitamento desse material (IBGE/PNSB *apud* STREIT 2006). No entanto, essa não é a realidade da maioria dos materiais que podem ser reciclados. As garrafas pet, por exemplo, só são recicladas em 35% dos casos. Número menor ainda é o de municípios que desenvolvem políticas de coleta seletiva, 2%.

Em níveis acadêmicos, o lixo é vinculado a diversos temas de pesquisa. Embora atualmente vasta, a literatura produzida encontra-se direcionada basicamente aos aspectos técnicos da gestão, o que inclui falar em coleta, tratamento, caracterização e destinação final. São poucos os estudos da teoria social que tratam do aspecto humano do problema.

Entre os trabalhos que tratam deste último aspecto, encontramos o de Rego. Nele, o foco está nos efeitos do lixo disposto a céu aberto e coletado inadequadamente nos grandes centros urbanos, para a saúde da população, a partir da visão das mulheres, da periferia de Salvador, no ano de 1999 (REGO, 2002). Outro estudo é o de Filho. Seu direcionamento consiste em analisar o lixo a partir do seu valor econômico e social para Brasília (FILHO, 2005). A partir daí, são classificados os tipos de resíduos sólidos urbanos produzidos nas superquadras da cidade, no sentido de compreender o cenário representado por um exército de excluídos, que vive dos descartes dos outros, os catadores de materiais recicláveis.

Zanetti, por sua vez, contribui de forma inovadora pela visão integrada e sustentável com que analisa os sistemas de gestão dos resíduos sólidos urbanos (ZANETTI, 2006). Em seu trabalho, a autora pondera a visão dos atores socialmente relacionados ao ambiente do lixo em Porto Alegre: o poder público, os catadores de materiais recicláveis, a população da cidade e as empresas recicladoras e intermediárias.

Já Magera entende o lixo como oportunidade de negócio (MAGERA, 2004). A proposta nesse estudo procura compreender as cooperativas de reciclagem de lixo e as consequências dessa forma de atuação para definir (e redefinir) os agentes envolvidos, com destaque ao modo como elas afetam as relações de trabalho.

Quanto ao significado do lixo para os sujeitos, os estudos de Rego demonstram que a definição mais usada para se descrever o que é o lixo foi a de que ele representa “tudo aquilo que não serve para ser utilizado” (REGO, 1999). E o que é lixo diferencia-se do que seja velho. O primeiro representa tudo o que não presta, que não pode constituir-se num produto de uso, venda ou troca. Já o velho é definido como algo que, apesar do tempo de uso e da idade, ainda pode ser útil. Esta posição aproxima-se da de Zanetti. De acordo com a autora, para os públicos envolvidos em sua pesquisa o lixo representa o final, a sobra do consumo, o descartável, que só quando transformado em resíduo, pode seguir o ciclo da comercialização, virando matéria-prima novamente até esgotar-se e ir para a disposição final (ZANETTI, 2006).

Kuhnén vai um pouco adiante. Para ela, a maior parte da sociedade percebe o lixo como algo que não tem valor, como algo passível de se ter nojo. Ignora-se a existência e problemática ambiental. Consequentemente rejeita-se tudo o que se relaciona com o tema, inclusive os seres humanos que com ele trabalham (KUHNEEN *apud* COUTINHO, 2004).

Estas visões podem ser complementadas por Rego e Filho. Para o primeiro, são considerados lixo os restos de alimentos, cascas de frutas e verduras, papel usado, sujeira de varrição de casa, roupas velhas, papel higiênico usado, papelão, fezes humanas e de animais, mato, podas de árvores, latas e vidros usados, pilhas de rádio descarregadas, pneus de borracha estragados, plásticos usados, eletrodomésticos velhos, placas de alumínio usadas, ferro velho, restos de construções (REGO, *op. cit.*). Dentro destes, sujeira de varrição, mato, fezes humanas e de animais, papéis higiênicos usados e pilhas de rádio descarregadas foram os únicos elementos considerados como não reaproveitáveis/recicláveis. Já na visão do segundo, lixo é aquilo que representa

“Restos das atividades do consumo humano (plásticos, alumínio, ferro, alimentos, papelão, osso, sapatos, roupas, equipamentos eletrônicos, restos de bebidas, vinhos, licores, refrigerantes e uísque, produtos de higiene, sabonete, desodorante, perfume e xampu, baterias de telefone celular, entre outros) considerados como inúteis, indesejáveis ou descartáveis por seus geradores” (FILHO, 2005: v).

Nesta visão de Filho o lixo é mais do que meramente um montante de objetos inúteis descartados. Representa também um grande potencial econômico. Para ele isso se dá, no caso de Brasília, porque a cidade possui uma das maiores rendas *per capita* do país e seu alto Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) acaba por produzir uma grande quantidade, do que os mais carentes denominam de ‘lixo rico’, isto é, o valor econômico desses materiais é capaz de girar uma indústria local de reciclagem, gerando rendas, impostos e empregos.

Semelhante percepção dos resíduos sólidos como valor econômico, inclusive, é defendida por Zanetti. Para ela esse entendimento é importante para a sustentabilidade do sistema de gestão do lixo, como um todo. Zanetti acredita que a procura dos resíduos como matéria-prima faz com que o sistema de gestão entre na cadeia produtiva e faça parte do mercado, interligando todos os diferentes atores envolvidos (ZANETTI, 2006).

De um modo geral, esses estudos abordam o lixo como uma categoria dinâmica, haja visto que numa escala de valorização dos produtos ali encontrados, nem tudo o que é considerado detrito por algumas pessoas ou grupos, o são por outros. Produtos jogados no lixo por um primeiro podem ser de grande utilidade para um segundo. As decisões de descarte são frutos de decisões individuais, mas que podem ser determinadas histórica, social e culturalmente.

A valorização e a categorização do lixo também apresentam uma dimensão temporal. Lixos recolhidos podem constituir-se como meio de sobrevivência em um momento, e quando esta atividade econômica deixa de existir, ser considerado algo descartável.

A identificação do que é considerado lixo envolve escolhas que eventualmente requerem decisões, como por exemplo, o que deve ser mantido ou descartado, a possibilidade de reutilização, guardar para uso posterior ou doá-lo a alguém. É somente na opção de descarte que o objeto passa a ser definido como lixo (REGO, 1999). Seu destino, nesse momento, será o de ser removido para lugares fora do domicílio.

Dos resíduos colocados para fora de casa, boa parte não vai parar em empresas de reciclagem. O reaproveitamento desses materiais deixa de acontecer principalmente devido ao desconhecimento de seu valor econômico e de sua viabilidade para aproveitamento como matéria-prima e das deficiências das políticas públicas voltadas para a implementação e gestão do lixo na cidade. Além disso, na luta diária pela sobrevivência, a questão ambiental não se torna prioridade (FILHO, 2005).

2.2 O LIXO E OS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS

No contexto atual, independentemente das decisões tomadas no círculo oficial, o crescente volume de lixo coletado e, por outro lado, a diminuição dos empregos formais e a tentativa de fuga da criminalidade, fazem emergir agentes econômicos, que se apropriam de resíduos para retirarem dali sua sobrevivência. São os catadores de materiais recicláveis, indivíduos que remexendo os restos da sociedade, que se especializam na separação dos objetos destinados ao lixo, convertendo-se em agentes socialmente aptos para selecionarem resíduos sólidos secos, papel, plástico, vidro e metal, para serem encaminhados à reciclagem (MAGERA, 2004).

Predomina nos estudos sobre grupos de coletadores de material reciclável a noção de que esse segmento não é um novo ator no cenário do lixo. Juncá registra que “em 1857, um poema chamado ‘O vinho dos trapaceiros’ de Charles Baudelaire, já fazia referência à atividade do catador. No Brasil, é a figura do ‘velho garrafeiro’, do começo do século XX, que põe em evidência tal atividade” (JUNCÁ *apud* GONÇALVES, 2004:22).

Sua expansão está diretamente relacionada ao desenvolvimento da sociedade industrial, que também faz crescer os riscos ambientais e a lógica de diminuição das possibilidades de emprego formal. Além disso, há, a partir de 2002, uma maior visibilidade dessa antiga ocupação. É nesta data que a atividade passa a fazer parte da Classificação Brasileira de Ocupações – CBO. Sua função é a de catar, selecionar e vender materiais recicláveis como papelão, papel e vidro, materiais ferrosos e não ferrosos e outros materiais reaproveitáveis.

No Brasil, este grupo social tem formado uma força de trabalho cada vez mais visível. Existe cerca de um milhão de pessoas que otimizam seus esforços a favor da reciclagem e conseqüentemente do meio ambiente, cerca de 15% da população economicamente ativa no país (ROMANSINI *apud* BURSZTYN 2000). Já para o CEMPRE – Centro Empresarial para Reciclagem a estimativa é de que existam aproximadamente 300 mil catadores em todo o território nacional. Um número um pouco maior é considerado por Streit para quem existem 500.000 pessoas sobrevivendo da coleta (STREIT, 2006).

Independente das controvérsias e dificuldades para a aferição oficial, reconhece-se que os catadores são responsáveis por coletar boa parte dos 240 milhões de quilos de matéria-prima

jogados fora todos os dias no país, num setor com potencial para empregar 150 mil pessoas e faturar cerca de R\$55 milhões por ano (*FOLHA DE SÃO PAULO apud FILHO, 2005*).

Além disso, do número total apresentado estima-se que 2/3 dos catadores estejam no Estado de São Paulo, principalmente na grande São Paulo. Mas a profissão de catador não é exclusiva dessa região. Avalia-se que 67% das capitais brasileiras possuam estes trabalhadores em suas ruas e 37% trabalham em lixões, o equivalente a mais ou menos 24.430 pessoas (ROMANSINI, 2005).

Dados sobre a região Centro-Oeste demonstram que em Brasília, no universo da catação sobrevivem diariamente 2.731 excluídos que moram em ‘mocós’ no Cerrado, debaixo de pontes, viadutos, árvores e marquises de prédios. Sua renda familiar gira em torno de R\$300,00 a R\$1.000,00/ mês (FILHO, 2005).

Em Goiânia, os números relatados por Araújo e Silva registram 3.500 catadores de materiais recicláveis na cidade (ARAÚJO e SILVA, 2008). Mas há indícios que o número seja maior, tendo em vista as crescentes exigências para o acesso ao mercado formal de trabalho e também ao desemprego.

O catador de materiais recicláveis é

“Um ator social completamente bem situado e fruto da dinâmica da sociedade moderna. É alguém de extrema relevância, como a maioria dos trabalhadores de funções extremamente simples, mas são pouco valorizados, uma vez que sua atividade é de vital importância para o funcionamento da sociedade, nos moldes em que ela está organizada” (ROMANSINI, op. cit.:26).

Este agente recebe denominação diferenciada de acordo com a região em que esteja. Em alguns lugares é chamado de andarilho, em outros de rampeiro, mas também recebem denominações de margarida, xepeiro, badameiro e bóia-fria do lixo. Ainda pode ser chamado de garrafeiro, catador de lixo ou carroceiro (ROMANSINI, id.).

Sobre seu perfil, a pesquisa de Filho constatou que a maioria destes trabalhadores, na região da capital federal, tem entre 22 e 30 anos, com média de três filhos. Quanto à escolaridade, a maioria se diz alfabetizada e demonstra estar na profissão por falta de emprego e de qualificação profissional (FILHO, 2005). Vêm na utilização do lixo sua possibilidade de fonte de renda, “um trabalho como outro qualquer” (GONÇALVES, 2004:4). Essa mesma condição aparece nos estudos de Gesser e Zeni: a catação demonstra ser uma fonte para garantir trabalho e renda, muito mais do que um movimento de consciência ambiental ou uma escolha real e

legítima da profissão. Isso é também reforçado porque, de acordo com o primeiro estudo, dentro do perfil e da qualificação dos catadores, não há outra fonte de renda que se compare aos ganhos que a atividade de reciclagem proporciona (GESSER E ZENI, 2004).

Streit apresenta números em que “61,5% dos catadores em atividade no Distrito Federal auferem renda inferior a um salário-mínimo; 30,9% são analfabetos, 69% não possuem imóvel de moradia e habitam em condições precárias. Além disso, 38,1% dos filhos dos catadores em idade escolar nunca freqüentaram a escola” (STREIT, 2006).

Em Goiânia, Araújo e Bandeira localizam os catadores como provenientes de várias regiões do país, sendo 24% oriundos do norte, 32% do nordeste, 13% do sudeste, 7% do sul e 24% do próprio centro-oeste. Destes, 13% são da capital, Goiânia. Há, neste universo, indivíduos de todas as idades: 32% possuem menos de 25 anos, 35% estão na faixa entre 21 e 45 anos e 33% estão acima de 45 anos. Deste composto, a grande maioria é de pessoas que tiveram pouco acesso à escola, sendo que 52% não tiveram acesso ao ensino médio e 39% não são alfabetizados¹³ (ARAÚJO e BANDEIRA, 2007).

Quanto à remuneração, 61% dos catadores pesquisados por Araújo e Bandeira, quando considerados apenas os rendimentos obtidos com a catação, disseram possuir renda mensal igual ou menor a um salário mínimo. Sobre as fontes de renda, 72% deles dizem tirar sua sobrevivência somente da catação, 21% conciliam catação e um outro trabalho e 7% possuem alternativa de renda - dentre elas se destaca Programa Bolsa-Escola, do Governo Federal. Sobre a estrutura familiar, 75% dos catadores de Goiânia afirmam ter filhos. Destes, 19% possuem apenas um filho, 26% dois, 34% três e 21% quatro filhos ou mais. É comum que as crianças ajudem os pais na catação pelas ruas da cidade, o que acaba impedindo sua continuidade nos estudos.

Em termos de tempo de catação, 45% dos pesquisados disseram ser catadores há mais de cinco anos, 20% catam entre 3 e 5 anos e 35% a menos de dois anos. A catação é feita principalmente através de carrinhos de tração humana, realidade de 69% dos entrevistados. Uma parcela menor, 28%, utiliza o carrinho de tração animal. Isso ocorre devido ao crescimento dos custos decorrentes com tratamento e cuidados necessários com os animais. Motos, carros e outros meios de transportes representam apenas 3%, também tendo em vista o custo elevado.

¹³ A baixa qualificação profissional guarda relação com os antecedentes rurais dos catadores. Grande parte deles nasceu e cresceu no campo, e a maioria teve aprendizado referente à agricultura e à suinocultura e em menor escala, à pecuária (BOSI, 2003).

Sobre seus maiores problemas, os entrevistados afirmam que estes estão ligados à falta de moradia (64% do universo pesquisado). Além disso, há a rotina diária que costuma ser exaustiva, muitas vezes ultrapassando doze horas ininterruptas.

“Um trabalho exaustivo, visto as condições a que estes indivíduos se submetem, com seus carrinhos puxados pela tração humana, carregando por dia mais de 200 quilos de lixo (cerca de quatro toneladas por mês) e percorrendo mais de vinte quilômetros por dia, sendo no final, muitas vezes explorados pelos donos de depósitos de lixo (sucateiros) que, num gesto de paternalismo, trocam os resíduos coletados do dia por bebida alcoólica ou pagam-lhes um valor simbólico insuficiente para sua própria reprodução como catador de lixo” (MEDEIROS e MACEDO, 2007:9).

Uma série de condições difíceis marca o dia-a-dia dos catadores em Goiânia. Além da concorrência com outros catadores, a coleta não é realizada em dias chuvosos, depende de um bom relacionamento com os moradores da cidade, do conhecimento dos pontos mais promissores para o serviço e da antecipação aos próprios pares e aos caminhões de lixo.

Outro aspecto captado na pesquisa é que esse comércio de bens passa, normalmente, pela mediação dos atravessadores, ou sucateiros. Estes recebem o material coletado, pesam e estabelecem o preço a ser pago. Em seus depósitos, acumulam materiais e prensam os fardos até que consigam quantidades suficientes para viabilizar o transporte até a indústria de reciclagem.

A intervenção praticamente inevitável dos atravessadores é creditada a dois fatores principais: primeiro, a dificuldade de locomoção dos catadores de lixo para entregarem os materiais à indústria e segundo, as vantagens que esse sistema oferece às mesmas indústrias (VIANA, 2000). Além disso, os catadores desconhecem completamente os aspectos que envolvem a logística do processo de reciclagem, desconhecimento este muitas vezes atribuído ao seu baixo nível de escolaridade (CARMO, 2005). Os estudos a respeito em geral coincidem na indicação de que o baixo grau de conhecimento do circuito da reciclagem resulta em impedimento para que estes trabalhadores recebam melhores remunerações (entre outros, ver CARMO (op. cit.) e MAGERA (2004)).

As grandes vantagens da atividade, de acordo com a opinião dos catadores colhida por Filho são a falta de patrão e de horário fixo de trabalho. Cada um determina seu próprio ritmo, bem como seu posicionamento físico no contexto da cidade. Como desvantagens, os catadores apontam a falta de consideração da população para com este tipo de trabalho e o trânsito, a exposição ao sol e à chuva, a convivência com o mau cheiro expelido pelo lixo acumulado, a

intensa fumaça produzida pela combustão dos gases, urubus, moscas e o risco de contaminação e de acidentes. Além disso, os catadores trabalham expostos a vários tipos de resíduos perigosos, inclusive ao lixo hospitalar, já que são várias as cidades que não possuem destinação diferenciada para estes resíduos (FILHO, 2005). A situação é ainda agravada pela falta de uso de equipamentos de proteção individual pelos catadores, como luvas e botas apropriadas (GONÇALVES, 2004).

2.3 O CATADOR DE MATERIAL RECICLÁVEL E A EXCLUSÃO SOCIAL

Um dos elementos marcantes no dia-a-dia dos catadores de materiais recicláveis é a exclusão social. Ainda mais se considerarmos que as revoluções científico-tecnológicas trazem consigo reformulações profundas nas relações de trabalho. Para Nascimento o princípio é simples. Há cada vez menos necessidade de mão-de-obra para assegurar a reprodução ampliada da sociedade, fenômeno que o autor qualifica de processo de substituição (e ampliação) da inteligência (NASCIMENTO, 2003). Não há mais a necessidade e nem condições para se criar postos de trabalhos para compensar os que foram destruídos. Nem mesmo para incorporar a força de trabalho disponível. Instala-se o “desemprego estrutural” (NASCIMENTO *apud* SCHAFF, 1990) que traz consigo a novidade de transformar cada vez mais pessoas em um exército de reserva de lixo industrial, que “não apenas não têm trabalho ou capacidade de gerar renda suficiente como não têm as qualidades requeridas para nele ingressar” (NASCIMENTO, *op. cit.*:69).

Neste sentido, populações empobrecidas têm sido cada vez mais empurradas rumo à exclusão à medida que adentramos mais fundo a uma lógica econômica capaz de propiciar um incrível aumento na capacidade produtiva, mas inabilitada para gerar ampliação no número de empregos. A essa lógica soma-se o aumento da longevidade da população, paralelamente à redução do crescimento populacional, a automação dos sistemas produtivos e a forte concorrência dos mercados internacionalizados.

Assim, tais quais os catadores de materiais recicláveis, são várias as categorias de trabalhadores jogadas ao desemprego e que com o passar do tempo transformam-se no que Bursztyn denomina de pessoas “desnecessárias” ao circuito econômico (BURSZTYN, 2003). São

chamados assim por se configurarem como custos econômicos e risco à segurança dos que permanecem engajados aos processos formais de trabalho. A essas pessoas são delineiadas novas formas de miséria. É o chamado “novo-pobre” (BURSZTYN, op. cit.), que no caso brasileiro são os velhos pobres de sempre, comuns desde a formação da sociedade nacional, mas que recentemente caem dos patamares de pobreza para a miséria. São, em essência, aqueles considerados economicamente desnecessários, que perdem qualquer função produtiva ou se inserem de forma marginal no processo, passando a constituírem pesos econômicos para a sociedade e o governo. Além disso, sua representação social se altera pouco a pouco, transformando-os em objetos de discriminação social. “Passam a ser percebidos como socialmente ameaçantes. Bandidos em potencial. Indivíduos perigosos” (NASCIMENTO, 2003:70).

Neste contexto ocorre à separação entre os mundos da riqueza e da pobreza, que vai se tornando cada vez mais excluída.

“Ainda que nem todos os excluídos sejam necessariamente miseráveis, eles são, geralmente, pobres e vão-se constituindo em mundo à parte, compartilhando o mesmo universo espacial e temporal, mas não interagindo socialmente com os outros, os incluídos. Seus elementos são objeto, na melhor das hipóteses, de políticas de proteção (no caso dos países desenvolvidos). Políticas de inserção, entretanto, quando são lançadas, não se revelam capazes de minimizar os efeitos ou de neutralizar as causas da exclusão” (BURSZTYN, id.:36).

Soma-se a esta separação a questão da “desnecessidade”.

“O processo de ocultação simultânea da violência social e das populações que dela são vítimas se instala em três etapas, que se sucedem. A primeira é a da ‘elaboração de um discurso ideológico da desqualificação’, onde é constituída uma imagem demonizada do outro, associada a problemas de desordem, insegurança, epidemias e criminalidade, servindo de legitimação a uma ruptura de contrato social. A segunda é a desvinculação, que expressa à rejeição, pela sociedade, dos indivíduos desqualificados ou afastados dos processos produtivos reconhecidos. A desvinculação se reflete em baixa auto-estima e tende a implicar isolamento social e psíquico. A terceira, que radicaliza as precedentes, é a eliminação, e pode se dar tanto pelo extermínio, quanto pela esterilização, pelo genocídio cultural ou mesmo pela deportação” (BURSZTYN, 2003: 39).

O lado perverso de toda essa situação é, além do rebaixamento na hierarquia social, a perda de vínculos que possam permitir uma reinserção na vida formal da sociedade. Perde-se a

proteção social, a referência de lar, freqüentemente também os vínculos familiares e a auto-estima. Deixa-se de pertencer a um mundo oficial e passa-se a ser visto como um problema.

Dentre os grupos enquadrados no processo de exclusão social descrito incluem-se os catadores de materiais recicláveis, um entre tantos outros grupos excluídos do mercado formal de trabalho e da própria sociedade. Um grupo que compõe a categoria dos “inimpregáveis”¹⁴ e daqueles que pertencem aos efeitos colaterais indesejados da modernidade. São pessoas que para garantir sua própria sobrevivência e a manutenção de seus familiares não encontram outra ocupação que não sejam aquelas atividades consideradas, muitas vezes, impróprias para os seres humanos como lidar com o lixo, com os resíduos e com as sobras dos que estão incluídos na vida formal.

São normalmente ligados à economia informal e também à destituição de direitos. Trabalhadores autônomos que não contam com a existência de um patrão de forma direta e que parecem, aparentemente, gozar de liberdade de ir e vir, fazendo seus próprios horários, mas que convivem cotidianamente com a sobrecarga de trabalho, com remuneração incerta e precária, com o preconceito e a percepção de executarem um trabalho desvalorizado.

Nessa linha, Moraes afirma que, além dos riscos enfrentados cotidianamente, os catadores têm suas atividades consideradas como marginais e excluídas, não contam com assistência de governantes ou mesmo com o apoio da população.

“... há uma exclusão da maior parte da população mundial no mercado do trabalho, a globalização mostra como efeito, em médio e em longo prazo, uma constante e crescente massa de marginalizados, a qual poder-se-á mensurar com precisão, mas o desenvolvimento cria barreiras e distâncias aos excluídos, dessa forma dificulta o combate à exclusão socioeconômica da grande parte dessa massa de excluídos, quando definimos ‘políticas públicas ambientais’. O Estado pela influência de interesse, ausência organizacional, adequação do setor, não apresenta alternativas para os paradigmas de desenvolvimento vigente, também não transforma em práticas as suas diretrizes” (MORAES *apud* FILHO, 2005:17).

São diversos os atores sociais envolvidos na exploração econômica do lixo. Pode-se verificar que, além dos catadores, outros agentes dão sequência ao ciclo da reciclagem, através de relações de troca regulares e estruturadas que conduzem à visível diferenciação e hierarquização

¹⁴ Bursztyn denomina de inimpregáveis aqueles que não conseguem ser absorvidos pelo mercado formal de trabalho no limiar do século XXI. Considera-os também como efeitos colaterais indesejados da modernidade (BURSZTYN, 2003).

de especialidades e interesses. Conformam um setor ou ramo produtivo funcionalmente articulado aos movimentos do sistema econômico formal, no qual desenvolvem identidades, padrões de socialibilidade e discursos de legitimação. São empresários, investidores, chefes de indústrias, atravessadores e comerciantes. Em toda essa cadeia o segmento em posição menos rentável é do catador. Isso se dá tanto pela posição do lixo como *commodity* quanto ao fato das indústrias imporem condições e preços aos catadores e cooperativas, tornando-os reféns da exploração da economia formal sobre a informal (MAGERA *apud* MEIRELLES E GOMES, 2008).

Sobre essa relação Rodriguez destaca:

“Por exemplo, a economia informal está plenamente articulada com a economia formal, como evidencia o caso dos recicladores de lixo independentes que vendem os seus produtos a intermediários que, por sua vez, os vendem às grandes companhias produtoras de papel. O caso dos recicladores mostra ainda que as formas econômicas populares são fonte de produtos, serviços e mão-de-obra barata para o setor moderno da economia” (RODRIGUEZ, 2005: 334).

Além da subordinação funcional estabelecida pela informalidade econômica, há de se considerar o contexto social. Catadores de matérias recicláveis são geralmente dissociados das condições materiais e simbólicas atualmente necessárias à vida humana, assemelhados a animais devido às degradantes condições de trabalho a que estão sujeitos e tendem a ser submetidos a uma verdadeira invisibilidade pública, caracterizada pelo “desaparecimento intersubjetivo de um homem no meio de outros homens” (COSTA, 2004:63).

Zanetti acrescenta que o lugar reservado para este grupo social seja o das sombras. Representa aquilo que não queremos ver, e reconhecê-lo significa dar um novo sentido à experiência refletida no simbólico daquele fenômeno. “Por isso a sombra também se traduz para a coletividade em forma de resíduo, é a parte social que não aceita nem ser trabalhada plenamente na sociedade” (ZANETTI, 2006: 225).

Segundo a autora esse processo de negação ocorre nos planos individuais e coletivos e afeta tanto materiais quanto atores sociais envolvidos diretamente com o lixo. “Ao negar a inserção, ou efetuar a má-inserção de determinados grupos, a sociedade os rejeita, como rejeita o seu próprio resíduo, discriminando e desconsiderando a existência de uma comunidade residual” (ZANETTI, 2006: 226). Os indivíduos são “reduzidos à condição de *animal laborans*, cuja única

atividade é a sua preservação biológica, e na qual estão impossibilitados do exercício pleno das potencialidades da condição humana” (ESCOREL, 2004:140).

“Cria-se, dessa forma, um paradoxo na sociedade moderna, pois o excluído sempre *está dentro*, na medida em que não existe mais o *estar fora*. Sempre está envolvido no processo de produção – consumo. Sempre ocupa um destes lugares, senão os dois. Os catadores de papel ou lixo em geral, por exemplo, estão inseridos no processo produtivo, ocupando a base de uma hierarquia de negócios, cujo ápice é ocupado por indivíduos ricos, que se apropriam dos valores produzidos na base” (NASCIMENTO, 2000:123).

A desqualificação social dos catadores está também ligada ao fato da catação mostrar-se uma fonte de garantir trabalho e renda e não como um movimento de consciência ambiental ou de uma escolha real e legítima da profissão. Soma-se a isso a própria auto-imagem problemática deste grupo de trabalhadores, derivada de histórias de vida marcadas por exclusão social e sentimentos como sofrimento, humilhação, desqualificação social, vergonha e necessidade de se sentir gente. Há também o olhar negativo e marginalizador que a sociedade em geral tem acerca de sua profissão (GESSER E ZENI, 2004).

Além da exclusão cultural e subjetiva que se dá, respectivamente, pela visão depreciativa que a sociedade tem do catador de materiais recicláveis e mediante a humilhação e vergonha que percebem em sua condição, são perceptíveis outras duas formas de exclusão: a econômica e a política. A primeira ocorre através das privações por que passam esses indivíduos, em decorrência da pobreza; a segunda pelas restrições práticas para acesso aos direitos garantidos por lei.

Em parte esta exclusão está atrelada à visão negativa que se construiu do lixo, no decorrer da história (ZANETTI, op. cit.). As causas para isso estão diretamente ligadas à diferenciação tardia entre imundícies (dejetos, fezes, urina, águas servidas e cadáveres humanos e de animais) e resíduos, ocorrida apenas no século XIX, à falta de percepção do lixo como item de valor no mercado e ainda ao fato de que a coleta de lixo esteve, na maior parte da história, atrelada a carrascos, prostitutas e prisioneiros.

Nesta mesma linha, Streit indica que, devido ao seu contato permanente com o lixo, os catadores de materiais recicláveis, dentre todos os pobres, são os que ocupam posição mais desfavorável no interior da sociedade. Sofrem de processos intensos e variados de exclusão, sendo relegados “às zonas mais selvagens das cidades: as lixeiras, as ruas e os guetos, onde

vendem seus produtos a intermediários e, em certas ocasiões, chegam a habitar” (STREIT, 2006:143).

No tocante à exclusão econômica, especificamente do mercado de trabalho, Bosi argumenta que o perfil caracterizado pela qualificação profissional considerada inadequada para o setor industrial e o de serviços (e a este aspecto soma-se a idade avançada e a baixa escolaridade), acaba por “qualificar” estas pessoas para a catação de recicláveis.

“Juntos com outros trabalhadores presentes na região e que expressam um perfil semelhante (carpidores de jardins e lotes, chapas, diaristas, carroceiros, etc) os catadores têm formado uma ‘superpopulação relativa de trabalhadores’ que atualmente é recrutada e ocupada aparentemente sob a forma de ‘trabalho por conta própria’ ou ‘autônomo’, o que significa dizer são acionados para ocupações cujo trabalho não é vendido sob a forma de salário e de uma jornada sistemática, mas que tem sua organização realizada pelo capital” (BOSI, 2003:7).

Como tentativa de minimizar esse sentimento de exclusão, Magera enxerga tendências de organização do grupo em cooperativas (MAGERA, 2004). Nelas, os trabalhadores se reúnem de forma a se tornarem donos de sua própria empresa. Entretanto, ressalta, as cooperativas sofrem de dificuldades econômicas e de falta de conhecimentos para a gestão organizacional, o que acaba levando-os a separar e enfardar o lixo reciclado e entregá-los para sucateiros, que possuem maior poder de barganha e acesso a indústrias e microempresas usuárias destes produtos como matéria prima.

Dessa forma, embora prematuras e enfrentando dificuldades para resolver os problemas básicos de infra-estrutura, de organização e de precária autonomia quando se articulam à economia formal, as cooperativas de catadores sinalizam uma tentativa de reação dos catadores, não apenas no sentido de superar adversidades para o crescimento econômico da atividade de catação, mas – ao mesmo tempo e principalmente – no sentido de superar a exclusão e obter reconhecimento social, através da construção de espaços institucionais e simbólicos que promovam identidade e dignidade de grupo aos catadores.

2.4 A IDENTIDADE DO CATADOR DE MATERIAL RECICLÁVEL

As aviltantes condições de trabalho, a pobreza e a exclusão social mencionadas anteriormente, muitas vezes despertam no imaginário popular uma percepção negativa sobre os catadores de materiais recicláveis. Estes, muitas vezes, são confundidos com mendigos que vasculham o lixo alheio em busca de elementos que lhes garantam a própria sobrevivência (MEIRELLES E GOMES, 2008), animais que para sobreviverem, remexem nos sacos de lixo.

“Tanto as pessoas que trabalham com lixo como os locais em que ele é disposto recebem tratamento negativo similar ao de pessoas e espaços ligados a outras “produções” da sociedade igualmente antigas e indesejadas, como cemitérios, manicômios, hospitais terminais, prisões, áreas de prostituição e albergues para mendigos. São lugares malditos, relegados, de preferência aos “cantos” e à “periferia” da cidade. Aqueles que trabalham nesses lugares são discriminados, e em muitos casos considerados cidadãos de terceira categoria” (EIGENHEER, 2003:21).

Além de considerados mendigos, catadores são facilmente associados ao universo das representações sociais¹⁵ da marginalidade. Suas perspectivas costumam ser limitadas pela “situação de clandestinidade ou semi-clandestinidade” (CALDERONI, 1998, p. 298).

“Para a sociedade, já está bastante enraizado o seu reconhecimento como malandro e marginal, como aquelas pessoas que, quando muito, devem receber uma esmola. Diferentes nomeações lhes têm sido atribuídas: um nome próprio ou um apelido, um número de ficha ou prontuário, um adjetivo que qualifica desqualificando” (JUNCÁ; GONÇALVES, AZEVEDO, 2000:85).

Essa imagem, contudo, não é exclusiva do catador brasileiro nem é um fato isolado do país. Rodriguez ao estudar o caso da capital colombiana, destaca, ancorado em Goffman (GOFFMAN, 1988)¹⁶, que os catadores de materiais recicláveis desta região, tal qual os brasileiros, apresentam uma identidade social deteriorada, um estigma que perpassa tanto a

¹⁵ Segundo Jodelet representações sociais são “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada com um objetivo prático e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designada como saber de senso comum ou ainda saber ingênuo, natural, esta forma de conhecimento é diferenciada, entre outras, do conhecimento científico” (JODELET, 2001:22). Mattos e Ferreira vão além. Para eles “as representações sociais organizam as condutas e as comunicações sociais e intervêm na difusão e na assimilação dos conhecimentos, além de participar na definição das identidades pessoais e sociais” (MATTOS e FERREIRA, 2004:48). Moscovici acredita que estas representações sociais, além de convencionarem objetos e pessoas, são capazes de dar-lhes uma forma definitiva, transformando-os em modelos partilhados pelas pessoas em suas realidades (MOSCOVICI, 2003).

¹⁶ Para Goffman, o indivíduo estigmatizado é considerado um estranho, em que podem “surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente dos outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo até, de uma espécie desejável (...) assim deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma (...) constitui uma discrepância entre a identidade social real e a virtual” (GOFFMAN, 1988:12).

marginalidade quanto a invisibilidade (RODRIGUEZ, 2005). Aos recicladores são destinados os mesmos locais onde estão indigentes, pedintes, ladrões e outros habitantes de rua: as camadas mais baixas e marginalizadas. Em parte essa associação se dá pelo fato de todos trabalharem nas vias públicas e nas lixeiras, em contato permanente com o lixo. Na Colômbia, são pejorativamente chamados de “descartáveis” pelo resto da população (MARTINS, 2005), sendo inclusive, com frequência, excluídos pelos setores populares e vítimas de operações de “limpeza social”. Em outros lugares, como na Índia, este trabalho é considerado “uma ocupação suja”, relegada a membros de castas hierarquicamente inferiores. Já no caso brasileiro, para vastos setores da população, a atividade da catação representa a única fonte de sobrevivência para “os mais pobres entre os mais pobres” urbanos (MARTINS, op.cit.).

Os trabalhadores na catação de material reciclável são normalmente percebidos como força de trabalho desqualificada e despreparada. Formam um exército de desempregados, sem alternativas para sobreviverem, a não ser se recorrerem a ocupações de caráter precário e, em algumas situações, impróprias para a saúde humana, como é o caso do contato direto com o lixo. São considerados refugos humanos e frequentemente confundidos com o próprio lixo. Isso quer dizer que representam aquilo que a sociedade descarta e não mais se preocupa, representando o último degrau do processo de desqualificação.

“Os coletores de lixo são os heróis não decantados da modernidade. Dia após dia, eles reavivam a linha de fronteira entre normalidade e patologia, saúde e doença, desejável e repulsivo, aceito e rejeitado, *o comme il faut* e *o comme il ne faut pas*, o dentro e o fora do universo humano. Essa fronteira precisa da constante diligência e vigilância porque não é absolutamente uma “fronteira natural”: não há montanhas altíssimas, oceanos sem fundo ou gargantas intransponíveis separando o dentro do fora. E não é a diferença entre produtos úteis e refugo que demarca a divisa. Muito pelo contrário, é a divisa que prediz – literalmente, invoca – a diferença entre eles: a diferença entre o admitido e o rejeitado, o incluído e o excluído” (BAUMAN, 2005: 39).

Todos esses conteúdos interferem diretamente na constituição da identidade dos catadores, uma vez que este “conhecimento socialmente compartilhado” é utilizado como suporte para a construção de suas identidades sociais (MATTOS E FERREIRA, 2004:47). No caso de sua auto-imagem, há o fato dos próprios catadores se acostumarem com a identidade negativa¹⁷ que a sociedade lhes impõe (FERNANDES, 2004). Essa aceitação se dá porque todo este

¹⁷ Para maiores informações sobre estigma ver GOFFMAN, 1988.

processo de exclusão social a que estão sujeitos os catadores são introjetadas com naturalidade no ambiente social. “A população excluída daquilo que é vítima se julga com o olhar daqueles que os julgam e sentem-se culpados por sua condição, ou por falta de estudo, ou por falta de inteligência” (FORRESTER *apud* FERNANDES, op. cit.).

Paradoxalmente, no entanto, os catadores entendem que a mesma atividade que exclui é vista como um meio de sobreviver, de ganhar a vida, proporcionando, mesmo que parcialmente, a capacidade de não dependerem de programas assistencialistas e redes de solidariedade e de lhes trazer dignidade (FERNANDES, id.), inclusive inferindo motivos para autodenominarem-se trabalhadores, de dizer que estão suando a camisa, se esforçando ou que a sociedade lhes deve reconhecimento.

Na tentativa de reverter à imagem negativa a que estão sujeitos, o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis luta cotidianamente, desde 1999, para valorizar a categoria e conseguir seu reconhecimento perante a sociedade. Suas ações vão desde a criação e estabelecimentos de alguns mecanismos capazes de promover sua distinção, até a apropriação do discurso ambientalista. A partir deste recurso, os catadores alçam outra condição perante os demais agentes sociais, a condição de agente ambiental, que diferentemente do catador desorganizado, visa desempenhar um importante papel na cadeia da reciclagem. Portando a organicidade e a aparência de grupo funcional auto-referido, os catadores tendem a ver-se com distinção, como sócios de empreendimentos e que têm a missão de construir uma nova identidade para o grupo.

É por meio do discurso ambientalista que o catador organizado demonstra as vantagens e benefícios que sua atividade traz ao restante da sociedade. Esse discurso destaca a importância de sua ocupação, evidenciando o resultado material que ela gera para a cidade: “calçadas limpas, menor risco de enchentes, uma vez que retiram diariamente grande parte do lixo das ruas, além de desonerarem a prefeitura pelo pagamento por este serviço” (FERNANDES, *ibid.*: 16). Além disso, vinculam (os catadores) seus esforços à preservação do meio ambiente. Qualificam o lixo não a algo sujo, imundo, mas a materiais que podem ser transformados em dinheiro e alternativa de vida. O lixo na rua, para eles, é dinheiro jogado fora (FERNANDES, *id. ibid.*).

CAPÍTULO III

O CAMPO DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE GOIÂNIA

No capítulo anterior mencionei as transformações econômicas, políticas e sociais que afetam a sociedade contemporânea. Dentre elas explicitarei que o desenvolvimento da sociedade auxiliou no aumento da capacidade produtiva industrial, mas por outro lado, ampliou a possibilidade de riscos, entre eles os ambientais, e empurrou populações empobrecidas cada vez mais a exclusão.

Neste contexto, ponderei que para um grupo social em especial, os catadores de materiais recicláveis, o lixo reveste-se de uma roupagem particular, não sendo considerado apenas como o que é velho, inútil, descartável, refugo. O lixo é ressignificado como oportunidade de negócio, instrumento de trabalho e sobrevivência. Esta percepção afeta diretamente a postura do grupo de catadores, reestruturando o universo de suas interações sociais e suas subjetividades, inclusive sua construção identitária.

Sobre esse último aspecto me debruço mais especificamente a partir de agora. Para tanto, pesquisei o campo dos catadores de materiais recicláveis de Goiânia. Em primeiro lugar, caracterizo os agentes que atuam no campo e, em segundo, esboço os perfis institucionais das quatro associações de catadores de materiais recicláveis estudadas para a dissertação. O objetivo é, após ter conhecido a realidade do grupo de maneira geral, examinar o momento atual que cerca o universo dos catadores de materiais recicláveis associados de Goiânia.

A metodologia utilizada nesse empreendimento baseia-se em aspectos do construtivismo. Pelo construtivismo proponho, ao me espelhar na ótica de Bourdieu, analisar as relações sociais a partir da compreensão das influências das estruturas objetivadas e subjetivadas da realidade, isto é, das interferências dos aspectos macrossociais e das estruturas contextualizadoras nas experiências que integram as dimensões subjetivas e interacionais do agente e de seu grupo.

“De fato, todo o meu empreendimento científico se inspira na convicção de que não podemos capturar a lógica mais profunda do mundo social a não ser submergindo na particularidade de uma realidade empírica, historicamente situada e datada, para construí-la (...) como uma figura em um universo de configurações possíveis. Concretamente, isso quer dizer que uma análise do espaço social, como a que proponho, (...) é a da história comparada, que se interessa pelo presente ou a da antropologia comparativa, que se interessa por uma determinada região cultural, e cujo objetivo é apanhar o invariante, a estrutura, na variante observada.” (BOURDIEU, 1996:15).

Para poder compreender a realidade social a partir deste modelo teórico-metodológico, recorro ao exame de dois momentos distintos: um primeiro momento, objetivista, realizado neste capítulo, e um segundo momento, subjetivista, do qual tratarei no capítulo seguinte. Viso assim, perceber como ocorre à realização do que Bourdieu denominou de “duplo movimento”, a interiorização do exterior e a exteriorização do interior (BOURDIEU, 2000).

Para lidar com o primeiro momento, objetivista, detenho-me na caracterização do campo em que estão situados os catadores de materiais recicláveis, isto é, “o lugar em que se colocam em relação campos e capitais diversos” (BOURDIEU, 1989 *apud* COURCUFF, 2001). De acordo com Bourdieu é neste local que as relações entre atores individuais e coletivos se configuram, instituindo campos de forças marcados pela distribuição desigual dos recursos e por relações de forças entre dominantes e dominados – um campo de lutas – onde os agentes sociais se confrontam para conservar ou transformar as relações de forças e também suas fronteiras, tendo em vista que são abertos e marcados por relações de concorrência entre seus agentes (BOURDIEU, 1989).

Cada campo é caracterizado por mecanismos próprios e específicos de capitalização dos recursos legítimos. É lugar de uma pluralidade de capitais e não de apenas uma representação unidimensional do espaço social (BOURDIEU, *op. cit.*).

Na primeira parte do capítulo analiso o campo dos catadores de materiais recicláveis estudados, isto é, o mercado da reciclagem na cidade de Goiânia e os diversos agentes que os envolvem. Para isso recorro a dados secundários, retirados de fontes de pesquisa diversas, e dados primários, coletados a partir de entrevistas realizadas no mês de outubro de 2008¹⁸. Apresento neste item, informações sobre o lixo, a prefeitura de Goiânia, o imaginário popular, a mídia e as empresas recicladoras da cidade, além da forma como cada um desses agentes enxerga e se relaciona com os catadores de materiais recicláveis.

¹⁸ Pesquisa de campo realizada no mês de outubro de 2008. Ao todo foram entrevistados 8 homens e mulheres, entre 20 e 55 anos de idade, 1 funcionária da ACICLO – Associação das Empresas de Reciclagem do Estado de Goiás, 1 técnico em associativismo, coordenador da Incubadora Social da UFG e 5 empresas de reciclagem do estado de Goiás.

Na segunda parte apresento o perfil institucional de cada uma das associações de catadores que foram pesquisadas: Beija-Flor, Coopermas, Coper-rama e A Ambiental¹⁹, entre abril e junho de 2008. Procuro reconstituir traços essenciais de sua realidade, através de seu cotidiano, sonhos e expectativas de seus integrantes, entre outros aspectos, a partir de visitas e entrevistas individuais e em grupo. As entrevistas foram de cunho qualitativo, em profundidade e se basearam na história de vida dos entrevistados, isto é, nos “relatos retrospectivos das experiências pessoais dos indivíduos, (...) relativos a fatos e acontecimentos que foram significativos e constitutivos de sua experiência vivida” (CHIZZOTTI, 2006:101).

Nas visitas utilizei como técnica de registro e coleta de dados a observação sistemática. De acordo com Boutin, Lessard-Hébert e Goyette, pela observação simples e direta dos fatos, é possível levantar características ou propriedades dos diversos acontecimentos, examinar explicações recebidas, incidentes, histórias ou fatos recorrentes (BOUTIN, LESSARD-HÉBERT e GOYETTE, 1990).

Com relação à condução das informações coletadas, as primeiras duas entrevistas e visitas foram orientadas por um roteiro aberto de temas e questões apresentadas aos respondentes. Ambas tinham como questionamento central entender o universo social e subjetivo do catador de material reciclável associado. A partir da terceira entrevista/visita, notei que algumas categorias estavam constantemente presentes nos discursos utilizados pelos associados. A partir desta percepção, e considerando ainda o quadro teórico de referência do presente estudo, esbocei o roteiro a seguir, utilizado em todas as demais entrevistas e visitas.

- A representação do lixo: o lixo como risco ambiental, econômico e social
- O lixo como via marginal de inserção na sociedade de consumo
- O consumo de mercadorias e o lixo
- O catador de lixo
 - o Perfil do grupo
 - o Razões para se tornar um catador de lixo
 - o A auto-estima do grupo
 - o Preocupações individuais e coletivas dos catadores
 - o Estigma x preconceito

¹⁹ Até o período em que foi escrito esse capítulo, as associações de catadores de materiais recicláveis apontadas eram as únicas que estavam envolvidas diretamente com a Incubadora Social da UFG. Além destas associações, existiam em Goiânia, à época, mais duas entidades, a Cooprec e a Acop.

- o Marginalização
- o A catação como profissão/estratégia de sobrevivência
- o A profissão de catador
- o Produção simbólica
- o *Habitus* do grupo
- Associação de catadores
 - o O catador solitário x o catador associado
 - o A liderança e as associações
- A mídia como difusora da noção de risco

As entrevistas aconteceram nos locais de trabalho dos catadores, ou seja, nas próprias associações/cooperativas. Especificamente na Coper-rama e na A Ambiental, que ainda não contavam com sede própria, naquele momento, as entrevistas aconteceram em um bar e na casa de um dos entrevistados, respectivamente. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio.

Outro instrumento de pesquisa foi o diário de campo, que pode ser encontrado nos apêndices B - G deste trabalho. Nele foram registrados todos os passos desta fase do estudo: observações, detalhes das visitas, dúvidas e também reflexões.

3.1 O LIXO EM GOIÂNIA

Diariamente, são recolhidas, pela Companhia de Urbanização, 1.200 toneladas de lixo em Goiânia (OPÇÃO, 2006). Estes números incluem dois tipos de resíduos: o domiciliar e o hospitalar, ambos depositados no aterro sanitário do município, situado na rodovia GO-060 (saída para Trindade). Além deste volume mais 1,25 mil a 1,5 mil quilos de resíduos de construção vão parar diariamente no lixão da cidade, fora o descarte irregular. Em termos financeiros, apenas o lixo doméstico custa aos cofres públicos cerca de R\$50,00 por tonelada, o equivalente a R\$1 milhão por mês (NOVAES, 2008).

Do volume total de lixo da cidade, 90% têm a capacidade de ser reciclado (CIDADES, 2006). No entanto, apenas uma parcela, 3%, é recolhido através do programa de coleta seletiva da Prefeitura de Goiânia (SASSINE, 2008). Na área da construção os números são similares. O desperdício é de cerca de 30% e a maior parte do que vai para o lixo pode prestar-se à

reciclagem. Estes números reforçam os dados apresentados por *Opção* (OPÇÃO, 2006)²⁰ e por Streit, para quem a realidade demonstra que a maioria dos materiais potencialmente recicláveis não são encaminhados para tal (STREIT, 2006), e ainda a visão de Magera que considera o lixo um dos grandes problemas que afeta a humanidade atualmente (MAGERA, 2004).

Relançado no começo de 2008, o Programa Goiânia Coleta Seletiva²¹ prevê, primeiramente, a obrigatoriedade de reciclagem dos resíduos em todas as repartições públicas do município. Conta ainda com a distribuição de pontos de entrega voluntária de materiais reciclados (PEV's) em locais estratégicos da cidade, para captação dos resíduos da população em geral, e programas de educação ambiental nas escolas municipais. Mas desde seu relançamento os resultados alcançados foram inexpressivos.

“Das 1,1 mil toneladas de lixo produzidas diariamente na cidade, apenas 130 toneladas têm como destino a reciclagem. A participação da prefeitura nesse índice, de 11,8%, é muito pequena: pelo programa de coleta seletiva são recolhidos apenas 30 toneladas. O restante é atribuição dos catadores de recicláveis, que tentam ser incluídos no programa, organizados em cooperativas” (JORNAL O POPULAR, página 7, 13/10/2008).

O fracasso do programa de coleta seletiva na cidade pode ser atribuído parcialmente, segundo a WWF²², organização não-governamental voltada à proteção do meio ambiente, à inexistência da preocupação, por parte da população, com a coleta seletiva. Um índice considerável, de 80% das pessoas, dispõe o lixo em sacos e os deixam para serem recolhidos pelo caminhão. Apenas 9% se preocupam com a coleta seletiva. Esta visão pode estar atrelada ao fato do lixo ser considerado tudo aquilo que não presta ou ainda a tudo aquilo que não tem valor, como algo passível de nojo (ZANETTI 2006) e não como uma possibilidade de valor econômico (COUTINHO, 2004).

²⁰ A coleta seletiva cresceu 38% no Brasil, de 2004 para 2006, mas a maior parte do serviço está concentrado nas regiões sul e sudeste do país. A coleta seletiva chega a 327 cidades brasileiras. Destas, 85% estão nas regiões mencionadas, isto é, 279 municípios. São Paulo é o estado campeão em reciclagem, com 114 cidades. Em seguida estão Rio Grande do Sul, com 40 e Paraná com 39, Santa Catarina, 33 e Minas Gerais com 28. Apesar de possuírem a coleta seletiva, apenas cinco municípios no país atendem a 100% da população: Santos (SP), Santo André (SP), Itabira (MG), Curitiba (PR) e Londrina (PR). No Rio de Janeiro, por exemplo, a coleta seletiva chega a apenas 25% da população (OPÇÃO, 2006).

²¹ O programa de coleta seletiva de Goiânia foi lançado à primeira vez em setembro de 2006, mas até o momento não alcançou as metas desejadas. Segundo dados de *O Popular*, das 1,1 mil toneladas de lixo produzidas por dia em Goiânia, apenas 30 toneladas são selecionadas e recicladas pela prefeitura (*O POPULAR*, 2008).

²² SASSINE, V. Gestão do lixo é prioridade ambiental do segundo mandato. *Jornal O Popular*, Goiânia, 13/10/2008, Cidades, p. 6-7.

Outro fator colaborador é a falta de investimentos em educação ambiental. “A questão ambiental tem que começar em casa, ela é muito sutil” (ZANETTI, 2006:85).

Há de se considerar ainda que poucos conhecem o serviço de coleta diferenciada, oferecido pela prefeitura para os moradores que separam o lixo. Mesmo em Porto Alegre, onde um programa semelhante funciona há doze anos, as formas de divulgação da coleta seletiva ainda são escassas.

Além do programa oficial da prefeitura, Goiânia possui diversos projetos isolados de coleta seletiva de lixo (CIDADES, 2006). São escolas, universidades, empresas e comunidades que organizam e estimulam a reciclagem dos resíduos. Um exemplo é o Buriti Shopping, localizado na Avenida Rio Verde, região de divisa entre Goiânia e Aparecida de Goiânia. Ali foram instaladas, por iniciativa do próprio shopping, lixeiras caracterizadas para a seleção do lixo.

Na área da coleta seletiva existe ainda o trabalho realizado pelos cerca de 3,5 mil catadores de recicláveis²³ na cidade. Estes exercem suas atividades isoladamente ou organizados em cooperativas, entregando o resultado de seus esforços a depósitos de lixo.

Os maiores produtores de lixo em Goiânia são nove bairros, localizados nas regiões mais nobres e/ou centrais da cidade. Neles, na maior parte dos casos, os resíduos descartados não sofrem iniciativa de reciclagem. Nos bairros Jardim América, Oeste, Bueno, Campinas, Coimbra, Marista, Aeroporto, Vila Nova e no Centro coleta-se diariamente 7,3 toneladas de lixo, o equivalente a 30% do lixo domiciliar de todo o município. Nos bairros mais distantes, por outro lado, o aumento do lixo acontece nas ruas, terrenos baldios e calçadas. Sassine aponta que a quantidade de lixo jogada nesses locais aumentou expressivamente nos últimos tempos (SASSINE, 2008).

3.2 OS AGENTES OFICIAIS E O LIXO

3.2.1 A Prefeitura de Goiânia e o campo do lixo

²³Apesar do discurso oficial do Programa Goiânia Coleta Seletiva mencionar a inclusão dos catadores de materiais recicláveis, na prática, o programa é conflitante com o interesse dos catadores de materiais reciclados da cidade, tendo em vista que o programa prevê a entrega de todos os materiais recolhidos através dos PEV's diretamente para a indústria da reciclagem (SASSINE, 2008).

Um dos agentes que se acredita capaz de influenciar na identidade dos catadores de materiais recicláveis é o governo. Este item retrata os discursos da prefeitura de Goiânia sobre o catador. Examina o discurso e as práticas do governo municipal para com este grupo social, em 2008.

3.2.1.1 O discurso da Prefeitura de Goiânia sobre o programa de coleta seletiva da cidade

“A intenção da Prefeitura de Goiânia é tratar a questão do lixo como questão de saúde pública” – afirmou Wagner Siqueira, presidente da Comurg – Companhia de Urbanização Municipal (OPÇÃO, 2006). Para tanto, algumas decisões foram tomadas em âmbito municipal. A primeira delas é que o órgão passou a assumir todo o serviço do lixo da capital, com o fim do contrato com a empresa Qualix Ambiental. A segunda é que se tornou prioridade no governo o cumprimento de uma tendência mundial: a aplicação da política de reaproveitamento dos resíduos produzidos.

Para a implantação desta política foram realizados vários investimentos nos órgãos municipais responsáveis, que vão desde a aquisição de tecnologias e formação de técnicos, até o (re) lançamento do programa de coleta seletiva.

As informações da Prefeitura de Goiânia²⁴ indicam que o Programa Goiânia Coleta Seletiva é um projeto que estimula a reciclagem dos resíduos sólidos domiciliares coletados na cidade, a partir da união de forças entre o poder público, a população e a sociedade civil. Esta ação objetiva a promoção da educação ambiental, a mudança de hábitos de consumo e a valorização do trabalhador autônomo de coleta, o catador.

“Precisamos ter em mente que a reciclagem do lixo é viável e extremamente importante sob todos os aspectos. Viável porque gera lucro e inserção social para quem participa desse processo e importante principalmente porque soluciona grande parte do impacto ambiental causado pelos rejeitos produzidos pela população” (OPÇÃO, 2006).

²⁴ Para maiores informações vide < <http://www.goiania.go.gov.br/html/comurg/coletaseletiva/index.html#>>; acesso em 26/12/2008.

O Programa Goiânia Coleta Seletiva foi dividido em etapas de implantação e propõe minimizar os resíduos encaminhados ao aterro sanitário da cidade por meio de ações desenvolvidas sob o princípio dos três R's: reduzir, reutilizar e reciclar, que significam reduzir a quantidade de lixo gerado, reutilizar os objetos na sua forma original e reciclar os resíduos. A mesma visão é utilizada pela prefeitura de Porto Alegre, RS, em seu modelo de gerenciamento de lixo (ZANETTI, 2006).

No caso de Porto Alegre, o projeto de coleta seletiva de lixo faz parte de um programa maior, um grande sistema de gestão dos resíduos produzidos pelo município. Ele é composto de coleta segregada (separação por tipo de material no momento da geração do resíduo), coleta seletiva (responsável pela coleta de materiais recicláveis: lata, papel, vidro e plástico), unidades de triagem (galpões que recebem os resíduos da coleta seletiva), unidades de triagem e compostagem (que recebem os resíduos urbanos orgânicos para retirar os rejeitos não compostáveis e materiais perigosos e processar a compostagem da matéria orgânica), resíduos industriais (uma alternativa às indústrias para a descarga dos restos industriais não perigosos), resíduos de serviços da saúde, (restos produzidos por hospitais, postos de saúde e clínicas), suinocultura (que compreende o reaproveitamento de resíduos orgânicos destinados à criação de suínos), centrais de reaproveitamento de podas, aterros de inertes (onde são depositados materiais inertes como calça, entulhos e terra de escavações) e aterros sanitários, que recebem os rejeitos da coleta não aproveitados (ZANETTI, op. cit.).

Todo esse sistema, presente desde 1989, gerou uma série de pontos positivos para a cidade como, por exemplo, o despertar da consciência de uma boa parcela da população, das mais diversas classes sociais. “Isso é cidadania (...) o porto-alegrense se sente transformador social e ambiental em função da coleta seletiva” (ZANETTI, id.: 134-135). Além deste, no tocante ao aspecto social, houve alteração do universo dos trabalhadores da reciclagem a partir de sua organização em cooperativas, e no quesito ambiental, notou-se que a reciclagem: “é o caminho pelo qual a população pode ter uma atitude ambiental” (ZANETTI, ibid.: 137).

Em se tratando de Goiânia, a prefeitura municipal acredita que o programa de coleta seletiva apresenta uma série de vantagens nas áreas ambiental, social, econômica, sanitária, cultural e educacional. Com relação ao social, almeja o fortalecimento dos catadores de materiais recicláveis, através do apoio e fornecimento de subsídios necessários à sua organização e no ambiental enxerga a coleta seletiva como o terceiro elo de uma “rede de ações necessárias à

mitigação da problemática dos resíduos nos grandes centros urbanos” (PREFEITURA DE GOIÂNIA, 2008).

Com relação a estas expectativas, dados da Prefeitura de Porto Alegre demonstram que os resultados podem ser alcançados. Nesta localidade, os ganhos perpassaram todas as áreas. Mas isso só aconteceu porque houve uma mudança de hábitos, atitudes e comportamento. “Resumindo numa palavra houve uma mudança cultural” (ZANETTI, 2006: 131).

Segundo dados oficiais, o Programa Goiânia Coleta Seletiva foi elaborado pela primeira vez no ano de 2005. Previa, em sua primeira etapa, a instalação de 12 centrais de triagens distribuídas em cada região administrativa de Goiânia. Estes pontos serviriam de bases de entregas de materiais recicláveis gerados nos domicílios e comércios. A intenção era fazer com que cada um desses pontos fosse organizado por uma associação/cooperativa de catadores. Os pontos de triagens seriam responsáveis pela triagem, prensagem, enfardamento, estocagem e comercialização dos materiais recicláveis.

No ano de 2006 uma nova etapa foi lançada. Houve a disponibilização de três caminhões da Comurg para recolhimento dos materiais recicláveis angariados pelas cooperativas/associações de catadores e também para atendimento à população que solicitasse o serviço via telefone.

No terceiro ano do programa, 2007, foi definido o local do novo Aterro Sanitário Municipal. A medida tentou atender a estimativa de término de vida útil do lixão da cidade, fazer valer as medidas aprovadas pelo Plano Diretor de Goiânia e cumprir a “necessidade urgente de inclusão social do segmento dos catadores” (PREFEITURA DE GOIÂNIA, 2008).

Já em 2008, o programa foi relançado e novas ações se desenvolveram. Entre elas, a instalação de oito PEV's (Pontos de Entrega Voluntária) e a reformulação da Central de triagem do bairro Vera Cruz I (hoje Associação Coopermas).

O programa contou também, em seu relançamento, com um diagnóstico feito com aproximadamente 400 catadores da cidade, com visitas técnicas a outros municípios para se conhecer seus respectivos programas de coleta seletiva, além de ações de consciência e capacitação dos catadores organizados em cooperativas. Ainda foi criada a DSU – Divisão de Serviços Urbanos, da Comurg. Esta tem a finalidade de orientar a população quanto aos serviços de Limpeza Urbana executadas pela companhia e desenvolver procedimentos que visem à educação ambiental.

No entanto, na prática, o que pôde ser percebido, tanto na observação do campo quanto nas entrevistas, é que nem sempre as medidas anunciadas pela Prefeitura de Goiânia são realizadas.

O primeiro ponto de contradição observado pelo trabalho de campo acontece quanto aos esforços desenvolvidos nas cooperativas/associações de catadores. O discurso oficial diz que a Comurg, órgão municipal responsável pelo tratamento do lixo, desenvolve um trabalho embrionário em duas cooperativas/associações, repassando parte do lixo coletado na cidade para ser separado e reaproveitado nestas entidades enquanto as associações não se tornem auto-suficientes. Em cada uma delas existe um representante do órgão municipal que avalia o trabalho e aponta soluções. E isso realmente acontece, porém, com certas limitações. Das quatro cooperativas/associações observadas, duas delas, a Coopermas e a Beija-Flor, contam com o auxílio da prefeitura. Nos dois casos, percebeu-se indícios de irregularidades²⁵ e abuso de poder por parte dos funcionários do município encarregados de manter presença regular e prestar assistência ao trabalho das cooperativas,.

“Eles (Incubadora Social da UFG) tão afastando a Comurg aqui da associação. Eles nos deram uma grande ajuda, mas existe um rolo desse pessoal aí. Eles cobram da gente para que a gente possa usar o caminhão da prefeitura. Se quiser sair com o caminhão, tem que pagar” (Entrevistado N).

Um outro esforço presente no discurso da prefeitura para com as cooperativas/associações propaga a prestação de ajuda financeira. Segundo acordo estabelecido entre as associações e a prefeitura, quando da instalação do Programa Goiânia Coleta Seletiva, com a saída do caminhão da Comurg, deveria haver um repasse mensal de dois mil e quinhentos reais para cada uma dessas entidades, com a finalidade de custear o aluguel de caminhão para coleta de resíduos, gastos com manutenção, aluguel do lote, água, luz, etc. Esse valor, conforme os associados, não tem chegado às associações.

“Nós recebemos uma ajuda de custo mensal da Comurg. Como o acordo é que eles deixem de emprestar o caminhão, essa ajuda vai servir para alugar um caminhão para coleta, pagar conta de água, luz, aluguel. Mas de um tempo pra cá esse valor não tem

²⁵ As irregularidades percebidas são: cobranças pelo uso do caminhão da Comurg para coleta de materiais recicláveis pela cidade – de acordo com acordo firmado entre a Comurg e as cooperativas, a Comurg cederia um caminhão, uma vez por semana, para ser usado gratuitamente pelas cooperativas com a finalidade de coletar materiais recicláveis –, cobrança de taxas sobre os lucros da cooperativa, ameaças contra a continuidade do trabalho desenvolvido pelas cooperativas, entre outras.

vindo, o que nos coloca numa situação muito difícil. Ainda não temos como nos manter”
(Entrevistado J).

Como implicação de ambas as situações apresentadas, o processo de auto-gestão das cooperativas/associações, tão presente no discurso oficial, acaba não se realizando. As consequências para o grupo são desastrosas. O grupo, fragilizado, não se fortalece e continua sujeito a uma auto-imagem negativa.

“Solicitamos que a Comurg se afaste das associações. Acreditamos que sua presença impeça os catadores de tomarem suas próprias decisões, de exercerem plenamente a auto-gestão do seu negócio e isso influencia diretamente na auto-valorização do grupo”
(Entrevistado I).

Segundo o discurso oficial, um parceiro municipal nesta empreitada, é a Fundação Banco do Brasil. Esta entidade sem fins lucrativos auxilia substancialmente a efetivação do trabalho das associações, por meio de orientações estratégicas, da doação de caminhões, sacos de lixo e carrinhos para a coleta. Essa parceria está estabelecida e vem se fortalecendo desde que a Incubadora Social da UFG passou a administrar o processo de formação das cooperativas de catadores de materiais recicláveis, no início de 2008.

Por várias vezes, a participação da Fundação foi percebida nas reuniões de definição de estatuto, nomes e marcas, eleições de diretoria, entre outras. A entidade tem atuado nas quatro associações estudadas: Beija-Flor, Coper-rama, A Ambiental e Coopermas.

“A Fundação Banco do Brasil é parceira da Incubadora Social da UFG no processo de implantação das cooperativas. Ela tem nos auxiliado muito quanto ao processo de formação das cooperativas e captação de recursos” (Entrevistado I).

Um aspecto relevante nessa comparação entre o discurso e a práticas das atividades da Prefeitura de Goiânia junto aos catadores de materiais recicláveis é a forma como os catadores têm sido tratados. O discurso oficial enaltece a inclusão do catador no mercado de trabalho, a partir do Programa Goiânia Coleta Seletiva, como segue no projeto encontrado no anexo 1 deste trabalho.

Na prática, *O Popular* denuncia que “o projeto do município é conflitante com o trabalho dos catadores de materiais recicláveis, principais responsáveis pela reciclagem na capital” (*O POPULAR*, 2008).

3.2.1.2 O discurso oficial sobre o catador de materiais recicláveis

Na visão indicada pela Prefeitura de Goiânia²⁶, o catador de material reciclável é visto como aquela pessoa que, com o aumento do desemprego, fortalecimento da migração e do êxodo rural, encontra sua sobrevivência na percepção de que os materiais recicláveis jogados pela cidade podem ter valor e utilidade, pois representam uma alternativa de renda e subsistência para muitas famílias.

Esta maneira de pensar o catador converge para a visão predominante sobre o tema. Diversos autores tratam os catadores como atores sociais frutos da dinâmica da sociedade moderna, que ganham visibilidade em uma situação de “desemprego estrutural” em que se delineiam novas formas de miséria. Na maioria das vezes, eles são considerados força de trabalho desnecessária ao circuito econômico (ROMANSINI, 2005; NASCIMENTO, 2003; BURSZTYN, 2003).

Na tentativa de fortalecê-los economicamente a Prefeitura de Goiânia afirma ter investido na criação de cooperativas/associações de catadores de materiais recicláveis²⁷. Até o final de 2008 quatro delas esperavam receber incentivos municipais. Todas foram formadas com objetivos principais de “promover a colaboração entre os cooperados, promover o crescimento do Índice de Desenvolvimento Humano - IDH, comercializar os produtos resultantes das atividades da cooperativa e capacitar os cooperados para o gerenciamento do próprio negócio” (PREFEITURA DE GOIÂNIA, 2008) e são apoiadas por assessoria técnica e operacional dos órgãos municipais responsáveis.

Este discurso oficial, no entanto, contrasta com as práticas desenvolvidas. Paradoxalmente, nota-se que, ao mesmo tempo em que o discurso valoriza a ocupação, há no cotidiano das associações/cooperativas uma inserção marginal do catador no mercado de trabalho, causada por desvios nas condutas de funcionários municipais que deveriam garantir o estabelecimento pleno das associações de catadores de materiais recicláveis, pelo não envio das verbas de ajuda financeira, e por divergências de interesses e opiniões entre os representantes das

²⁶ Para maiores informações vide < <http://www.goiania.go.gov.br/html/comurg/coletaseletiva/index.html#>>, acesso em 26/12/2008.

²⁷ A Prefeitura de Goiânia considera as seguintes cooperativa/associação de catadores de materiais recicláveis na cidade: a Cooprec, Acop, Beija-Flor e Coopermas. Duas delas, as duas últimas, coincidem com o objeto de estudo dessa pesquisa. As demais associações estudadas nessa dissertação, A Ambiental e Coper-rama, por se encontrarem em processo de regularização diante dos órgãos públicos, são desconsideradas pela Prefeitura de Goiânia.

associações e a Comurg. Enquanto o catador quer ter acesso ao lixo produzido na cidade, a partir do cumprimento do acordo firmado com a Prefeitura de Goiânia, a Comurg impõe dificuldades para o repasse de verbas, para o empréstimo de caminhões de coleta, nos casos em que não há repasse de verba, entre outros pontos de discordância²⁸.

A prefeitura considera ainda que, embora existam as entidades, a maior parte dos catadores de Goiânia não está vinculada a cooperativas e associações. A grande maioria mora em depósitos, não possui carrinhos, seu principal instrumento de trabalho, e vende o material coletado abaixo do preço de outros mercados instalados no país.

3.2.2 O imaginário popular e o catador de material reciclável

Outro elemento constitutivo do campo do lixo, em Goiânia, é a opinião pública. O chamado senso-comum da cidade exerce forte influência na percepção do grupo de catadores sobre si mesmo, isto é, na construção de sua identidade como grupo social. O presente tópico trata dos meios pelos quais a visão popular torna-se claramente marcada pelo estigma da formação da identidade deteriorada, ao mesmo tempo em que, compara-a com evidências de recente pesquisa divulgada pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, sobre o perfil da população de rua no Brasil. Esta última esclarece que em certos aspectos, a realidade das pessoas que vivem nas ruas do país difere da realidade negativa proclamada pelo senso-comum.

3.2.2.1 A visão da sociedade: quem é o catador de material reciclável?

Meirelles e Gomes acreditam que as condições de trabalho dos catadores de materiais recicláveis, muitas vezes despertam no imaginário popular uma idéia equivocada a respeito desse segmento social, da inserção que mantêm no sistema produtivo e de seu universo subjetivo

²⁸ No mês de novembro de 2008 os líderes das associações de catadores de materiais recicláveis estiveram reunidos com representantes do Ministério Público de Goiás numa tentativa de fazer valer o acordo firmado entre as associações e a prefeitura de Goiânia. O acordo prevê o repasse mensal, pela Comurg, de R\$2500,00 para cada uma das associações, com a finalidade de custear despesas de manutenção e funcionamento das mesmas.

(MEIRELLES E GOMES, 2008). Os catadores são facilmente confundidos com mendigos e considerados apenas em função das aparências geradas pela ação de vasculhar o lixo alheio, em busca de produtos para consumo próprio. Além da força dessa imagem, a população adulta de rua, incluídos os catadores de materiais recicláveis, tem sido percebida e tratada ao longo dos anos, também como um “incômodo invisível” (O POPULAR, 2008).

Para desenvolver esse argumento podemos recorrer à visão de Zanetti, para quem lugar reservado para este grupo é o das sombras, “aquilo que não queremos ver” (ZANETTI, 2006), de que os trabalhadores do lixo são submetidos a uma verdadeira invisibilidade pública (COSTA, 2004) ou ainda considerar que somente em 2008 foi realizado o primeiro censo oficial dos moradores de rua, pelo IBGE.

Em entrevistas realizadas sobre as fontes e matrizes para formar a opinião pública, vários são os entrevistados que, quando questionados sobre como enxergam os catadores de materiais recicláveis, mencionam serem estes, pessoas dignas de dó, marginalizadas.

“O catador, em minha opinião, é uma pessoa digna de dó, quem gostaria de estar na situação dele? E eu falo que é digna de dó porque pensa só, quem gostaria de estar na situação dele, catando lixo para sobreviver, para poder se sustentar, passando fome? Dá dó pela pobreza, pela miséria que a pessoa vive, pela situação humilhante que ela precisa passar... catar lixo para poder sobreviver” (Entrevistada A).

“O catador é uma pessoa fora da sociedade, ninguém tem o sonho de ser catador de rua. É uma coisa fisicamente desgastante, ainda mais na cidade onde a gente vive” (Entrevistada B).

Os catadores são vistos também como pessoas pobres, que não tiveram oportunidades de trabalho. Ao mesmo tempo, são aqueles que remetem medo e geram desconfiança.

“Eu vejo o catador como uma pessoa pobre, que não teve outras oportunidades de trabalho. É uma pessoa que olho com certo receio, porque em geral é uma pessoa de aparência não muito boa. Eu acho que ele tá sempre mal vestido, sempre sujo. Nossa como eu sou preconceituosa!” (Entrevistada C)

“Pobre, geralmente homem, na faixa etária de 30 a 40 anos, pele escura, não negra, mas mais moreno assim, e acho que são pessoas que estão fora do mercado de trabalho, bem na pindaíba mesmo, buscando uma forma de ganhar dinheiro. Acho que eles ganham muito pouco. Outra coisa, devem ser pessoas bem necessitadas porque são pessoas que reviram lixo para sobreviver. As pessoas não têm a consciência de separar o lixo. Posso falar que eu tenho medo deles, tem uns quatro, acho que eles são irmãos,

são jovens, de 18 anos, só que eles têm jeito de malandro. Desses eu tenho medo, dos outros não. Vejo eles como trabalhadores, mas esses especificamente não” (Entrevistada D).

“Normalmente homens. Vejo homens um pouco mais velhos, tipo quarenta anos, sei lá, acho uma pessoa de classe social bem baixa, bem pobre, que muitas vezes usam o lixo como uma forma de ter um emprego, por não ter condições de ter um trabalho formal, menos sofrido...” (Entrevistado E).

As entrevistas demonstraram haver percepções diferenciadas sobre os catadores, dependendo do grau de organização que aparentam. Catadores membros de cooperativas e associações são percebidos diferentemente dos catadores de rua. Os primeiros mantêm a imagem de trabalhadores, enquanto os segundos parecem não ser dignos da confiança da opinião pública.

“Depende do estilo do catador, tem gente que é de cooperativa, de coisa toda certinha, que são mais organizados. Mas a maioria não tem muito crédito, porque parecem ser todos desorganizados, que catar é só uma forma de justificar um pedido de esmola, e não um trabalho” (Entrevistado F).

Há ainda o fato de alguns entrevistados, apesar de terem receios e preconceitos sobre a figura do catador, acharem que esta imagem negativa está ligada à falta de valorização da atividade.

“Catador de lixo é um indivíduo muito útil, deveria ser melhor valorizado. Mas infelizmente, como ele não é valorizado, esse trabalho é relegado a pessoas que não são valorizadas pela sociedade, sem profissão, sem educação, ...” (Entrevistada G).

“Acho que todo mundo deveria ser um catador de material reciclável, todo mundo deveria separar o lixo. No meu prédio, o pessoal separa o lixo, então eu me sinto meio que uma catadora. (...) Já o catador de rua eu vejo como mendigo, sinto dó, às vezes eu vejo ele com a carrocinha, mas eu tenho a impressão que são mendigos. Mas às vezes eles são trabalhadores normais, que às vezes até estão trabalhando para empresas. Mas as empresas não dão condição... um carrinho melhor para eles ficarem catando os papéis. Tem uns que andam até descalços, acredito que é porque eles recebem pouco. Acho que as empresas deveriam pagar por dia e não pela quantidade de lixo recolhido. Tem uns que não têm nem calçados. Tem vezes, tem uns que eu tenho medo deles, tem uns que não tomam nem banho. Tem alguns que o lixo adere neles. Às vezes eles botam medo porque não têm nenhuma estrutura para trabalharem com o lixo. A empresa não oferece nada, e como pagam tão pouco não têm (catadores) nem condição de se vestirem melhor. O dinheiro fica só para viver mesmo, só para comer” (Entrevistada B).

“(...) mas que eu acho que é uma alternativa honesta, já que eu acho que eles podiam facilmente bandiar para outro lado. Roubar é muito fácil, fazer coisa errada por aí é rápido e fácil” (Entrevistada H).

Estes relatos aproximam-se das expectativas de Bursztyn e Nascimento, de que a representação social do catador é de discriminação social (BURSZTYN, 2003; NASCIMENTO, 2003); ou ainda a de Bauman, para quem, muitas vezes os catadores são considerados refugos humanos e freqüentemente confundidos com o lixo: representam o que a sociedade descarta e não mais se preocupa, o último degrau do processo de desqualificação (BAUMAN, 2005).

Mas se o imaginário popular tem uma imagem negativa e marginalizadora sobre o catador, a pesquisa do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, demonstra que a realidade é, em certos aspectos, diferente do mito construído. A idéia de que a população de rua é formada por analfabetos e mendigos contrasta com dados coletados na “Pesquisa nacional sobre a população em situação de rua”, divulgada em abril de 2008 (MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME, 2008).

A pesquisa ouviu pessoas em situação de rua, que vivem em calçadas, praças, rodovias, parques, viadutos, postos de gasolina, praias, barcos, túneis, depósitos, prédios abandonados, becos, lixões e ferro-velho ou passam a noite em instituições (albergues, abrigos, igrejas e casas de passagem e apoio). Os dados foram coletados entre agosto de 2007 e março de 2008, em 71 cidades brasileiras, excluindo-se São Paulo, Belo Horizonte e Recife, que haviam realizado estudos similares em períodos anteriores. Em Goiás, a amostra incluiu os municípios de Goiânia, Aparecida de Goiânia e Anápolis.

Quanto aos resultados, os dados revelam que de cada cem pessoas em situação de rua, 71 trabalham e 52 têm pelo menos um parente na cidade onde vivem. A atividade mais freqüente é a coleta de material reciclável (28%). Outras atividades exercidas são a atuação como “flanelinha”, carregador na construção civil ou na área de limpeza.

A pesquisa revela que a população de rua não é composta apenas por “mendigos” e “pedintes”. De acordo com os dados levantados, apenas 16% dessas pessoas pedem dinheiro para sobreviver. A maioria, 59%, afirma ter ocupação, principalmente relacionada à construção civil, ao comércio, ao trabalho doméstico e ao serviço de mecânica. Dos entrevistados, 48% disseram que nunca tiveram a carteira de trabalho assinada.

Quanto aos vínculos familiares, a pesquisa traz a informação de que 52% dos entrevistados declararam ter algum parente na cidade onde vivem, sendo que destes, 34% mantêm contatos freqüentes com a sua família e 39% classificam esta relação como boa. Outro dado revelado foi o de que 46% dos moradores de rua afirmaram que sempre viveram no município em que moram atualmente.

No aspecto documentação 75% dos entrevistados afirmam ter pelo menos um documento e a maioria (59%) porta carteira de identidade. A maior parte dos entrevistados, 88,5%, afirma não ser atendida por programas governamentais. Proteção de lei ou programas sociais como aposentadoria, Bolsa Família e Benefício de Prestação Continuada (BPC), quando somados, atingem, no máximo, pouco mais de 3% desta população.

Quanto ao perfil do morador de rua, a pesquisa demonstra haver predominância masculina (82%). A maior parte, 53%, situa-se na faixa etária de 25 a 44 anos, 30% se declararam negros e 29,5% se consideram brancos. A renda, na maioria dos casos, varia de R\$ 20 a R\$ 80 semanais.

Em relação à freqüência à escola, o levantamento mostra que 95% não estudam atualmente, mas que 74% sabem ler e escrever, apesar de 63,5% não terem concluído o ensino fundamental. Inclusive, segundo Bosi, este aspecto, juntamente com a idade intermediária, contribui para que os catadores sejam considerados profissionalmente inadequados para o setor industrial e o de serviços (BOSI, 2003). Mas se por um lado há a desqualificação para o mercado formal, por outro, considera o autor, a falta de estudo acaba por qualificá-los para a catação de recicláveis.

Os problemas causados pelo alcoolismo e as drogas são apontados, pelos entrevistados, como o principal motivo para passarem a viver na rua: 35,5%. Este dado é seguido por desemprego, 30% das citações, e conflitos familiares, 29%.

Dos pesquisados, 70% costumam dormir na rua e 22% em albergues. 46,5% preferem passar a noite na rua, enquanto 44% manifestaram preferência pela instituição, por temer a violência.

No quesito discriminação, as principais queixas se referem a entrar em estabelecimentos comerciais e transporte coletivo, conforme dados do Gráfico 1. “Quando entramos nos ônibus, por exemplo, as pessoas nos olham como se não fôssemos gente. Como se não fôssemos humanos”, relatou Anderson Lopes Miranda, representante do Movimento Nacional da População de Rua.

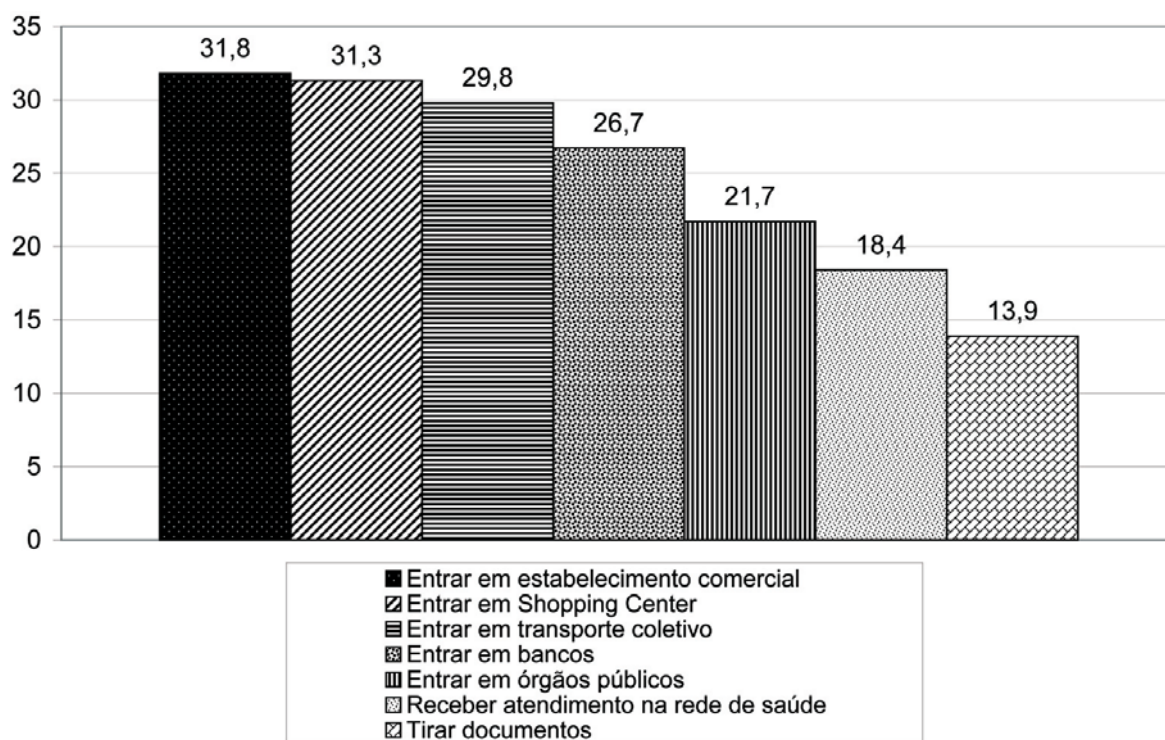


Gráfico 1: População em situação de rua segundo experiências de impedimento de entrada em locais ou para realização de atividades, 2007-8 (%).

Fonte: MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME, 2008.

O que estes dados revelam, portanto, é um imaginário popular sustentado por impressões negativas. Para a opinião pública o catador de materiais recicláveis é rejeitado, discriminado, devido principalmente a seu contato permanente com o lixo. Este contato, inclusive, reforça uma incompatibilidade entre a representação almejada pelos catadores e as impressões sustentadas por eles diante de seus observadores, a sociedade em geral. Como consequência, temos uma interação social insustentável, desacreditada e sujeita a rupturas (GOFFMAN, 1988).

3.2.3 A mídia e o lixo: os riscos e o meio ambiente

A seguir temos o modo como a mídia discursa sobre o catador. As informações foram colhidas a partir da análise do conteúdo de reportagens publicadas em um órgão de imprensa regional (*O POPULAR*), dois veículos de circulação nacional (*REVISTA EXAME* E *JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO*), sites diversos e programas de TV.

3.2.3.1 O catador de material reciclável na visão da mídia

Nos últimos anos é fácil notar aumento na quantidade de reportagens sobre meio ambiente, a respeito de riscos para a humanidade provenientes dos desgastes ambientais, sobre necessidade de uma vida ecologicamente correta, através da reciclagem de materiais, e conseqüentemente dos profissionais responsáveis por essa atividade: os catadores de materiais recicláveis. Para se ter uma idéia de como o assunto tem ganhado notoriedade na mídia, uma simples busca na internet resultou em 13.200.000 páginas relacionadas a meio ambiente, 517.000 sobre riscos ambientais, 4.960.000 sobre reciclagem e 85.700 links sobre os catadores de materiais recicláveis²⁹.

Nos meios de comunicação tradicionais esses temas também mantêm presença destacada.

“Hoje o assunto reciclagem está na mídia, mas até pouco tempo atrás quase ninguém ouvia falar de reciclagem, de meio ambiente, principalmente na mídia. Ninguém discutia esses assuntos. Mas hoje é bem diferente. Esse assunto está toda hora na televisão, nos jornais. Todo mundo já ouviu falar” (Entrevistada Y).

Em 2008 a revista *Exame* apresentou edição especial a respeito da economia verde. Nela, descreve-se um novo e intenso movimento no cenário empresarial brasileiro: emerge cada vez mais forte, um grupo de empreendedores nacionais que vêem nos “negócios verdes” uma via de inovação, de aproximação com um mercado nascente e crescente, de uma realização ideológica e mais ainda, de um modo de fazer dinheiro. Trata-se de empresários que, observando tendências de comportamento da população, têm investido cada vez mais em negócios ecologicamente sustentáveis (*EXAME*, 2008).

Além dessa questão, a revista menciona a possibilidade de que o *lobby* dos negócios verdes ganha cada vez mais força no Governo Federal, relata casos de desenvolvimento de cidades brasileiras que unem seu crescimento ao aspecto ambiental e discute o caso da empresa *General Electrics* (GE): como o presidente mundial da empresa conseguiu transformar sustentabilidade em (muito) lucro.

A televisão também tem se mostrado um grande divulgador dos assuntos relativos ao meio ambiente e reciclagem. São vários os programas destinados ao assunto, tanto na TV aberta

²⁹ Pesquisa realizada através da ferramenta de busca disponível no site www.google.com.br; acesso em 31/10/2008.

quanto nos canais fechados. Em canais fechados destacam-se os programas Vida Verde e Eco-Renovação³⁰, ambos no canal *Discovery Home and Health*, Um mundo para chamar de seu³¹ (GNT) e dezenas de outros programas que inserem os temas em suas discussões. Na TV aberta os programas mais específicos são o Reciclar, da Rede Bandeirantes, a série de documentários Arte no lixo, na TBC Cultura e Pequenas Empresas, Grandes Negócios e Globo Ecologia, na rede Globo. Além disso, também na TV aberta é possível encontrar os temas sendo analisados durante toda a programação.

Outros meios de comunicação, como os jornais, também têm tratado do tema e de correlatos. O jornal *O Popular* apresenta reportagens sobre a gestão do lixo na cidade de Goiânia. Artigos também mencionam a opinião de comentaristas sobre o tema. Washington Novaes, jornalista conhecido por sua luta em favor do meio ambiente, freqüentemente leva ao público questões sobre meio ambiente, lixo, preservação ambiental, entre outros. Há ainda reportagens como a do dia 05 de novembro de 2008, que relacionam o tema da reciclagem à saúde, como na matéria “Reciclagem contra a dengue.”³²

³⁰ “Steve Thomas comanda Eco-Renovação (*Renovation Nation*), série dedicada a apresentar as novas tendências globais em construções ecológicas. Steve atravessa os EUA para participar de projetos “verdes” e conhecer colegas de profissão e proprietários com idéias inovadoras que busquem a harmonia com o meio ambiente. Ele demonstra as últimas tendências de design e materiais ecológicos. Da madeira utilizada no telhado, passando pelos revestimentos e aproveitamento dos recursos hídricos, Steve dá detalhes dos materiais utilizados e dicas úteis para uma construção com menos desperdício e mais “verde”. Eco-Renovação também mostra as fábricas que estão produzindo e criando uma nova geração de materiais de construção, revolucionando o setor e que já começam a popularizar-se ao redor do mundo. Os episódios incluem ainda módulos especiais com soluções práticas que podem ser aplicadas imediatamente em qualquer imóvel, resultando em economia financeira e de recursos naturais. Eco-Renovação mostra que não importa o tamanho do projeto, sempre há um modo de torná-lo ecológico”. Informações disponíveis em < http://www.discoverybrasil.com/homeandhealth/ontvArticle.jsp?ontv_article_id=9&site=brazil>, acesso em 27/12/2008.

³¹ “O programa ‘Um mundo para chamar de seu’ começou a ser veiculado no canal GNT em 4 de julho de 2008. A série, com apresentação da jornalista Rosana Jatobá e do ator Daniel Dottori, demonstra como mudanças de hábitos são fundamentais para a preservação da vida no planeta. A cada semana, um novo caso é examinado. As pessoas que recebem a visita do programa permitem refletir sobre seus impactos no planeta e descobrem que podem se beneficiar com implementação de boas práticas sócio-ambientais. Cada episódio traz uma situação diferente, como viagens de férias, convivência em condomínios, organização de festas, obras e reformas, animais domésticos, entre outras. Os apresentadores vão a casas e escritórios à procura de deslizos e acertos de cada personagem. O objetivo é identificar oportunidades para adotar atitudes mais sustentáveis. O programa mostra, ainda, que existem maneiras de contabilizar o estrago no planeta causado pelo desperdício de cada família”. Informações disponíveis em <http://globosat.globo.com/gnt/programas/oprograma.asp?gid=907>, acesso em 04/11/2008.

³² “Reciclagem contra a dengue”, publicada no jornal *O Popular*, do dia 05/11/2008, página 4, caderno Cidades. A matéria divulga o evento “Com-pet com a dengue”, uma iniciativa dos agentes de saúde do Distrito Sanitário Oeste, de Goiânia. No evento alunos de escolas públicas da região transformam garrafas pets em trabalhos artesanais, como bonecas, vassouras, entre outros.

A partir da exploração dos temas acima mencionados, um assunto correlato que ganha espaço na mídia é o do catador de material reciclável³³. Aparecem menções ora retratando seu cotidiano, ora apresentando dados de pesquisas ou ainda para valorizá-los ou relatar crimes acontecidos com o grupo.

Independente destas fontes observa-se que, na maior parte dos meios de comunicação, temas relacionados à questão do meio ambiente, preservação ambiental, riscos, novos negócios, reciclagem, catador, entre outros têm sido cada vez mais explorados. Dependendo da intenção, os assuntos ora são tratados a partir de uma visão positiva, de possibilidade de negócio e de se salvar o planeta (EXAME, 2008), ora sob uma ótica negativa, de ameaças, riscos e colapsos, principalmente ambientais. Há ainda uma terceira visão, paradoxal, especificamente dirigida aos catadores de materiais recicláveis. Em certas ocasiões estes são vistos como trabalhadores que desempenham uma atividade digna, em outras, como marginais.

Em consequência, é visível a transposição da discussão da mídia para o cotidiano de catadores e da população em geral, ao modo ilustrado pelos discursos abaixo:

“Nós catadores somos muito desvalorizados. Mas as pessoas não enxergam que a gente pode ajudar a preservar o futuro do planeta. Nós somos responsáveis por ajudar a cuidar do meio ambiente. Cê não vê, na televisão todo dia fala sobre tsunami, mudança climática, e quem pode ajudar a reverter isso? Deveria ser todo mundo, todo mundo devia pensar no dia de amanhã. Enquanto as pessoas não ajudam a gente faz a nossa parte. Só que só poucas pessoas pensam nisso” (Entrevistado J).

“Acho que todo mundo deveria ser um catador de material reciclável, todo mundo deveria separar o lixo. No meu prédio, o pessoal separa o lixo, então eu me sinto meio que uma catadora. A gente vive vendo na televisão a importância de separar, de reciclar, de cuidar do meio ambiente” (Entrevistada B).

3.2.4 A visão de quem faz do lixo um negócio: as empresas recicladoras

Neste item trataremos da forma como as empresas recicladoras enxergam a reciclagem e os catadores de materiais recicláveis.

³³ As menções aparecem nos jornais Folha de São Paulo (FIORATTI, 2008) e O Popular (O POPULAR, 2008).

3.2.4.1 As empresas recicladoras e os catadores

Para se falar do universo dos catadores de materiais recicláveis vale a pena mencionar as empresas para as quais estes trabalhadores entregam o fruto de seus esforços.

Atualmente existem em Goiânia, 48 empresas ligadas diretamente a Aciclo (Associação de Empresas de Reciclagem do Estado de Goiás). A associação foi fundada há mais ou menos quatro anos, com o intuito de dar respaldo jurídico ao setor e também auxiliar o fortalecimento deste mercado. Para alcançar tal propósito, tem estimulado ações que envolvam a sociedade com o tema reciclagem. Exemplo disso é o programa Reciclar, que veicula localmente aos domingos, na Rede Bandeirantes de Televisão. A Aciclo trabalha também para aproveitar a crescente presença do assunto reciclagem na mídia, visando dar forças às empresas do setor e tem se aproximado do Clube de Dirigentes Lojistas (CDL) de Goiânia.

“A Associação das Empresas de Reciclagem do Estado de Goiás busca a organização do setor para conseguir investimentos e parcerias para se desenvolver e explorar o grande potencial do Estado. Segundo o presidente da entidade, Carlos Antônio Parreira, a estimativa é que em Goiás, cerca de 80 empresas coletam e comercializam mais de 10 toneladas de material reciclável por mês. Ele disse também que a organização dos recicladores visa fortalecer o lado econômico da atividade. Em Goiás, a indústria da reciclagem emprega cerca de 2 mil trabalhadores diretos e 12 mil indiretos” (CDL - Goiânia, 2005).

Em se tratando das empresas recicladoras, o contato com algumas delas revelou um pouco mais sobre sua visão sobre a reciclagem e seu relacionamento com os catadores. Das cinco empresas contatadas todas mencionaram comprar resíduos de terceiros (depósitos) para a revenda diretamente para a indústria. Para eles é do lixo que vem sua maior fonte de matéria-prima. É o lixo que os mantém como empresas economicamente viáveis³⁴.

Pela pesquisa, revelou-se que no discurso das empresas de reciclagem em Goiânia o tema ambiental não tem relevância. *“Somos uma empresa, que bom que contribuimos para o meio ambiente, mas esse não é nosso foco. Nosso foco é lucro, como qualquer outra empresa”* (Entrevistado Empresa 3). Essa percepção difere dos discursos das empresas do Rio Grande do Sul, onde, além do fator econômico, as empresas construíram tradição de militância em

³⁴ Semelhante situação foi detectada por Zanetti em Porto Alegre, em 1996 (ZANETTI, 2006).

movimentos ambientalistas e atuam no papel de fiscalização (ZANETTI, 2006). Nelas, o discurso da preservação ambiental, comparativamente, ocupa maior centralidade e visibilidade.

Sobre o relacionamento empresa-catador, duas empresas entrevistadas mencionaram não ter mais contato direto com o catador de material reciclável, em virtude de necessitarem de grandes quantidades de material, de trabalharem com altas escalas, o que não pode ser proporcionado pelo catador isolado. Seus estoques são abastecidos diretamente através de grandes fornecedores. Também mencionaram não existir, no momento, qualquer parceria com cooperativa/associação de catadores.

Nas outras empresas contatadas durante a pesquisa, os responsáveis disseram ser o relacionamento com o catador de materiais recicláveis apenas comercial, isto é, o catador recolhe o material e somente tem contato com a empresa na hora de vender o que foi recolhido. Leva seu material, pesa e recebe por ele. Além dos catadores, os materiais são comprados de outras empresas e de moradores das redondezas.

Em uma dessas empresas notou-se a existência de um pré-cadastro de catadores, que serve para autorizar quem pode ou não comercializar com a empresa. Neste local, os responsáveis também afirmam que não há disponibilização de espaço para que o catador durma ou faça ali suas refeições, visto que a empresa não tem interesse em instituir qualquer tipo de vínculo trabalhista com os mesmos. Para essas empresas, o catador é apenas um fornecedor de matéria-prima.

3.3 AS ASSOCIAÇÕES DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE GOIÂNIA

A seguir estão descritos os perfis de cada uma das cooperativas/associações em que foi realizado o trabalho de campo da pesquisa: Beija-Flor, Coper-rama, A Ambiental e Coopermas. Pelo que pôde ser percebido, as associações estudadas encontram-se em momentos diferentes na intenção de se formar uma cooperativa, devido principalmente a dois fatores: seu tempo de formação e a natureza da liderança. Naquela em que há maior tempo de formação e a presença de uma liderança forte, como na Beija-Flor, os processos para formação da cooperativa encontram-se em estágio avançado, apesar de não estarem totalmente concluídos. Nas que não apresentam essa realidade, como é o caso da Coopermas, as rixas e indisposições internas têm atrasado o

processo e gerado prejuízos financeiros ao grupo. A A Ambiental e a Coper-rama são mais recentes, em termos de formação de grupo, por isso encontram-se em fase inicial de organização.

Além desses dois fatores principais, outras indicações prestam-se para diferenciar as associações: o perfil dos catadores e as formas de sociabilidade e convivência que eles desenvolvem entre si. Enquanto na Beija-Flor e na Coopermas os catadores são em sua maioria migrantes, com menos de dez anos na cidade, na A Ambiental e na Coper-rama ou são nascidos em Goiânia ou aqui se instalaram há mais de dez anos. Além disso, o nível de escolaridade e de renda dos membros da A Ambiental é superior aos das demais associações. Em todos os casos, porém, os catadores são pobres, jovens, com baixa escolaridade e vêem na catação a chance de sobreviverem, de terem uma oportunidade de renda, já que a maioria não consegue se estabelecer no mercado formal.

Quanto aos laços que os unem, na Beija-Flor e na Coopermas, a maioria dos integrantes não possui vínculos sociais anteriores entre si, sejam eles de familiaridade ou amizade. Na A Ambiental e na Coper-rama, a situação é inversa. Em sua maioria, os membros destas associações são vizinhos, amigos ou parentes.

Outro elemento que permite aproximá-los é o discurso homogêneo, inspirado na questão ambiental. Hoje, todas as associações estudadas fazem uso de temas ambientais quando narram a sua atividade. É constante a menção a questões como “preocupação ambiental”, “futuro do planeta”, “reciclagem como forma de se preservar o meio ambiente”, entre outros, além do desenvolvimento de ações que estimulem a reciclagem e os cuidados com a natureza.

Além disso, os discursos das associações se aproximam na maneira como estabelecem sua articulação externa para efetivar suas finalidades. Todas as quatro cooperativas/associações contam com suporte da Incubadora Social da UFG, que lhes fornece conhecimento e orientação sobre como estabelecer o negócio, formar uma cooperativa, organizá-la e administrá-la, a partir dos preceitos da auto-gestão e da economia solidária. Outro apoio institucional que recebem regularmente é a orientação da Fundação Banco do Brasil para a captação de recursos.

3.3.1 Associação de Catadores de Materiais Recicláveis Beija-Flor

A Associação Beija-Flor foi criada no ano de 2005 por iniciativa de um catador e ex-dono de depósito e sua esposa. A intenção era formar um grupo capaz de garantir renda fixa e estável aos catadores de materiais recicláveis, melhorar a qualidade de vida de quem exerce a atividade e ainda divulgar a toda a sociedade goianiense a necessidade de se proteger o meio ambiente e a própria sociedade dos males e perigos provenientes dos desgastes ecológicos de nosso tempo. Atualmente³⁵ é formada por cerca de 10 associados.

O perfil dos associados da Beija-Flor é próximo do da Coopermas. Em sua maioria, os membros são migrantes de outras regiões do estado ou do país, pobres, analfabetos ou semi-analfabetos, jovens (média de idade não ultrapassa os 27 anos) e com pouco ou nenhum contato com a família. Alguns são ex-dependentes de drogas e ex-presidiários.

A associação tem a aspiração de se tornar uma cooperativa. Para isso está em busca de mais associados, uma vez que, são necessários no mínimo vinte membros para se para cumprir a exigência da Lei nº5.764/71 da Constituição Federal, que rege a formação de cooperativas.

Mas a associação está encontrando dificuldades. Como o regimento interno é rígido, não permitindo o uso de bebida alcoólica, drogas ou outros tipos de vício, além de rigoroso quanto a prazos e cumprimento de tarefas, a Beija-Flor enfrenta uma alta rotatividade de associados. No entanto, a direção da associação mostra-se interessada em continuar tentando. Almeja formar a cooperativa, que acreditam ser uma empresa de propriedade coletiva e democraticamente gerida, e com ela satisfazer suas necessidades financeiras, aspirações e interesses econômicos.

A situação atual da associação impede que seus integrantes consigam gerir com autonomia o empreendimento. Eles dependem do auxílio de agentes externos como Fundação Banco do Brasil (parcerias e financiamentos), Universidade Federal de Goiás, através de sua Incubadora Social (conhecimentos para gestão), e Comurg (caminhão de coleta), entre outros.

Quanto aos processos internos não há, no momento, divisão clara de tarefas. Todos se ocupam das funções de coletar materiais recicláveis como papel, plásticos e metais em geral a partir de parcerias com empresas e nas ruas, além de separar, enfardar e comercializar o material conquistado. Dessas atividades ficam incumbidos inclusive aqueles que acumulam funções administrativas, como o presidente e demais diretores.

Hoje a associação encontra-se instalada em sede alugada, composta fisicamente por um galpão para o processamento dos materiais recicláveis e a área administrativa. Seus

³⁵ No período de captação dos dados da pesquisa – abril a junho de 2008.

equipamentos, prensas e balanças, foram cedidos pela prefeitura de Goiânia, através da Comurg. Contam também com suporte de caminhão desta última para coleta de materiais recicláveis nas regiões mais distantes.

Além do regimento interno, a Beija-Flor estabeleceu mecanismos de auxílio aos catadores em situação de dependência de drogas e álcool, e também para alfabetização de membros do grupo. Para os dependentes mantém convênios com os Alcoólatras Anônimos. A presidente da entidade diz agir, muitas vezes, como psicóloga, orientando e encaminhando associados para tratamento. Para os analfabetos, a diretoria da Beija-Flor firmou parceria com a Fundação Banco do Brasil para a construção de uma sala de aula na associação.

Além do auxílio à dependência química e o incentivo a alfabetização, uma das maiores preocupações da associação atualmente está relacionada à imagem do catador. Visando dar a seus trabalhadores uma imagem positiva, a diretoria da Beija-Flor desenvolve atividades internas e externas de valorização da ocupação. Internamente visam aumentar a auto-estima do catador associado a partir da forma como se autodenominam. Consideram-se “agentes ambientais” e não catadores de materiais recicláveis. Externamente, estimulam a opinião pública a partir da forma como lidam com os sacos de lixo que remexem durante a coleta em residências e comércios. Na Beija-Flor todos os associados são instruídos a organizar os sacos de lixo onde mexem, não deixando bagunça ou resquícios de que estiveram no local.

Além do que foi apresentado até aqui, diferentemente das demais associações, os dirigentes da Beija-Flor já participaram de encontros com a cúpula do governo municipal.

3.3.2 Cooperativa Reciclamos e Amamos o Meio Ambiente (Coper-rama)

A Coper-rama foi esboçada pelos moradores do Setor Jardim Curitiba III por volta dos anos 2002-2003. Nesta época, houve a expectativa da implantação em Goiânia do projeto de coleta seletiva de lixo, durante o mandato do prefeito Pedro Wilson. Todavia, foi somente no ano de 2008 que a associação conseguiu se organizar, devido principalmente aos esforços de três lideranças locais, entrevistados T, U e V. Neste ano, os três catadores conseguiram compor e eleger diretoria, alugar sede e estruturar regimento interno para a associação. Boa parte dessas

conquistas foi motivada, entre outros fatores, pelo lançamento e implantação definitiva do Programa Goiânia Coleta Seletiva, do governo Iris Rezende (2004-2008).

Os integrantes da Coper-rama a encaram como uma possibilidade de renda fixa para sustentar financeiramente suas famílias ou, em alguns casos, como renda complementar. Mas ela é também algo mais. Consideram-na como uma ferramenta capaz de ajudar na despoluição do meio ambiente, por isso deram-lhe o nome de Coper-rama, que significa Cooperativa **Reciclamos e Amamos o Meio Ambiente**. É por esse motivo, inclusive, que se autodenominam catadores de materiais recicláveis, o que para eles representa ser um ajudante do meio ambiente, e não catadores de lixo.

Classificam a associação como uma ação comunitária que facilita o alcance de seus objetivos tanto materiais quanto de vida, além de utilizarem seus espaços para desenvolver redes de sociabilidade entre os moradores daquela região: grande parte dos associados já se conhecia antes do estabelecimento da Coper-rama. São vizinhos e amigos, que convivem há algum tempo no bairro.

Quanto ao perfil, em aspectos como baixa escolaridade e renda, a Coper-rama se assemelha a Beija-Flor. No entanto, diferentemente da primeira, em sua maioria, os membros da Coper-rama, além de não serem migrantes recentes, mantêm laços freqüentes de relacionamento com suas famílias e vizinhos.

Apesar de grandes conquistas já registradas, o trabalho na associação está iniciando. Embora seus membros já tenham conseguido alugar uma sede, até o momento faltam equipamentos para compactar e enfardar os resíduos, carrinhos de tração humana e apoio do caminhão de coleta da Comurg. Para solucionar o problema, tentam, através da Incubadora Social da UFG³⁶, firmar financiamentos com a Fundação Banco do Brasil.

Para o futuro, os integrantes da Coper-rama têm a intenção de fazer com que a associação se torne uma grande empresa. Depositam ali grandes expectativas e a possibilidade de realização de seus sonhos.

3.3.3 Cooperativa Meio Ambiente Saudável (Coopermas)

³⁶ Além das orientações para parcerias, a Incubadora Social da UFG auxilia a Coper-rama no desenvolvimento do processo de planejamento, formação e implantação da associação como cooperativa.

A Coopermas foi fundada em 2004, como piloto do Programa Goiânia Coleta Seletiva. Atualmente possui sede dividida em área administrativa e galpão, além de área de triagem e máquinas para compactação dos materiais coletados.

Hoje³⁷, a Coopermas possui parceria com a Comurg – para uso do caminhão de coleta – e, mais recentemente, com a Incubadora Social da UFG, que orienta no processo de transição da associação para a formação e gestão da cooperativa.

Diferentemente das outras associações, a Coopermas foi administrada pela Comurg durante quatro anos. Sendo assim, os modelos gerenciais ali presentes, processos, rotinas, iniciativas, comandos não foram instituídos a partir de iniciativa dos próprios catadores. A eles coube, durante este período, apenas os serviços de coleta, triagem e prensa.

Quanto ao perfil dos associados à maioria é migrante, jovem e está na catação por falta de opção: não encontraram ‘emprego melhor’. Além disso, grande parte é semi-analfabeta.

O nome Coopermas vem de **Cooperativa Meio Ambiente Saudável**. Seu lema é “união e expansão”, isto é, seus membros acreditam que unidos possam coletar mais resíduos e gerar valor ao material coletado, além de se sentirem mais valorizados como pessoas. Para auxiliar nesse processo de auto-valorização, seus membros autodenominam-se catadores de material reciclável.

Para os integrantes dessa associação, esta última é a representação da esperança de um futuro melhor. E este futuro passa tanto por suas realizações pessoais quanto pela expectativa de um meio ambiente mais saudável.

Desde maio de 2008, com o afastamento da Comurg, a Incubadora Social da UFG vem intervindo na associação em dois aspectos principais. O primeiro diz respeito à revisão dos processos, iniciativas e comandos. A intenção é criar, a partir do ponto de vista dos catadores e junto com eles, os modelos gerenciais que se fizerem necessários para a auto-gestão. O segundo está ligado à análise da situação de quase falência da associação.

3.3.4 Cooperativa de Coletores de Materiais Recicláveis A Ambiental

³⁷ Referente a abril de 2008.

A Cooperativa A Ambiental nasceu da vontade e do esforço de uma mulher que possui curso superior, morou nos Estados Unidos, mas quando voltou, não conseguiu entrar no mercado formal de trabalho. Como não encontrou oportunidades que atendiam às suas expectativas, influenciada pela mãe, acabou por vislumbrar no universo da reciclagem uma oportunidade de se tornar empresária, dona de seu próprio negócio, de seu tempo e dinheiro.

Ao todo foram quase quatro anos de pesquisa até chegar à formação da associação. Para a fundadora, A Ambiental representa uma possibilidade de ter renda fixa e estável e de ajudar a formar no ensino superior uma de suas irmãs. Acredita também ser um instrumento que disponha para educar as pessoas à sua volta sobre a importância de um meio ambiente saudável.

Na A Ambiental o começo dos trabalhos de catação não foi fácil. Moradores da região agiam com preconceito contra os catadores que se dispuseram a iniciar a formação da entidade.

Atualmente, os esforços de todos os associados renderam a formação de uma cooperativa, ainda não totalmente regularizada, devido a burocracias e trâmites legais. No entanto, diferentemente das outras associações, A Ambiental já possui cerca de 32 membros, moradores do Conjunto Itatiaia.

A A Ambiental tem estrutura diferente das demais associações visitadas. Seus membros não recolhem materiais recicláveis diretamente nas ruas, como fazem os outros grupos. Apenas recebem doações dos moradores da região. Por este motivo, seus membros autodenominam-se coletores de materiais recicláveis. Contam também com parceria de grandes empresas como o Arroz Cristal, a Federação das Indústrias de Goiás - Fieg, a Coca-Cola e a Imobiliária Leonardo Rizzo.

O diferencial desta associação é a vontade de mudar o mundo à sua volta, e não apenas a percepção dos moradores do Conjunto Itatiaia. Seus membros querem levar para além de seu bairro a percepção de que quando o lixo não vai parar no lugar adequado, todo o mundo sofre as consequências.

A seguir, o quadro 1 sintetiza as semelhanças e diferenças que caracterizam as quatro associações/cooperativas pesquisadas:

ASSOCIAÇÃO	BEIJA-FLOR	COOPERMAS	COPER-RAMA	A AMBIENTAL
OBJETIVOS PRINCIPAIS	- Fornecer renda aos associados - Melhorar imagem do catador de material reciclável	- Fonte de renda aos associados	- Proteção dos membros da região - Integração social	- Ação empresarial - Melhorar o mundo

DISCURSO AMBIENTAL (Como apelo identitário)	- Autodenominam-se agentes ambientais - Recusam serem considerados como catadores de lixo	- Autodenominam-se como catadores de material reciclável	- Alta definição ambientalista / comunitária - Autodenominam-se de catadores de materiais recicláveis	- Defesa ambiental - Autodenominam-se coletores de materiais recicláveis
ESTÁGIO ORGANIZATIVO-INSTITUCIONAL	- Intermediário - Associação / movimento social	- Associação piloto - Avançado	- Ação comunitária - Em vias de legalização	- Em vias de legalização
PARÂMETRO DE SOCIABILIDADE / CAPITAL SOCIAL	- Pós-anômico: novos membros têm dificuldades de se enquadrarem nas regras da instituição - Forte reconhecimento de liderança	- Rixas internas - Desconfiança quanto ao futuro da associação	- Alta coesão e consciência comum - Auto-estima elevada	- Alta coesão - Comunitária - Estrutura consistente
VÍNCULOS INSTITUCIONAIS	- Incubadora Social da UFG - Fundação Banco do Brasil - Entidades de apoio a dependentes - Prefeitura de Goiânia - Comurg	- Prefeitura de Goiânia - Comurg - Incubadora Social da UFG - Fundação Banco do Brasil	- Comunidade da região - Incubadora Social da UFG - Comurg - Fundação Banco do Brasil	- Comunidade do entorno - Fundação Banco do Brasil - Incubadora Social da UFG - Grandes empresas locais
REFERÊNCIA ESPACIAL URBANA	- Sede alugada - Equipamentos cedidos pela Prefeitura de Goiânia - Coletam materiais nas ruas	- Equipamentos cedidos pela Prefeitura de Goiânia - Coletam materiais nas ruas	- Sede alugada recentemente - Não possuem equipamentos - Coletam materiais nas ruas	- Sede ainda a ser alugada - Não possuem equipamentos - Não coletam materiais nas ruas
TEMPO DE ATIVIDADE	Desde 2004	2004	Atuação em associação desde 2008	Atuação em associação desde 2008
Nº. DE ASSOCIADOS	Em torno de 10	Em torno de 22	Em torno de 40	Em torno de 32

QUADRO 1: Comparativo das associações de catadores de materiais recicláveis – Goiânia - 2008

CAPÍTULO IV

A VOZ DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS ASSOCIADOS DE GOIÂNIA

No capítulo anterior apresentei as percepções dos agentes presentes no campo da reciclagem sobre os catadores de materiais recicláveis e as semelhanças e discrepâncias entre os processos de formação e as linhas de atuação das quatro associações analisadas. A partir dessas informações percebi que na maioria das vezes, os catadores estão inseridos sob uma ótica paradoxal: ao mesmo tempo em que são importantes para a manutenção da cadeia produtiva do lixo, eles são vítimas de preconceitos sociais enraizados.

A seguir, aprofundo as reflexões sobre esse universo com o intuito de compreender os modos pelos quais os seus integrantes constroem sua identidade como grupo social. Para tanto, baseio-me em um modelo de interpretação inspirado em aspectos do construtivismo e da fenomenologia.

Seguindo os parâmetros do construtivismo esboçados no capítulo anterior, concentro-me agora no segundo momento da análise proposta por Bourdieu (BOURDIEU, 1989), o momento subjetivista do grupo formado pelos catadores de material reciclável. De acordo com Bourdieu (BOURDIEU, op. cit.), esta etapa refere-se à análise das representações pessoais dos agentes, das “limitações pessoais que pesam sobre as interações” (BOURDIEU *apud* COURCUFF, 2001).

Para tanto, concentro esforços na identificação do *habitus* e no discurso do grupo estudado. Por *habitus* entendo “um sistema de disposições duráveis e transponíveis” (BOURDIEU, 2000), formado a partir de nossas estruturas sociais subjetivas: de nossas primeiras experiências (*habitus* primário) e depois, na vida adulta (*habitus* secundário). O *habitus* representa esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto de escolhas de pessoas, de bens e práticas (BOURDIEU, 1996:22). *Habitus* são inclinações interiorizadas e incorporadas, de cada indivíduo, que o fazem perceber, sentir, fazer e pensar de certa maneira, devido a sua condição de existência e trajetória social (condições objetivas). São “princípios geradores”, que levam as pessoas a darem respostas múltiplas as diversas situações encontradas, a partir de um conjunto limitado de esquemas de ação e pensamento.

No tocante ao *habitus*, me restrinjo à produção simbólica dos catadores de materiais recicláveis associados de Goiânia, uma das formas pelas quais o *habitus* se consolida na realidade social. Representações, linguagens, símbolos, formas, gostos e preferências, o jeito de falar, vestir, escrever, etc, são mais que meros instrumentos de comunicação e conhecimento. Constituem áreas da subjetividade através das quais se pode chegar à construção da realidade social, ao instrumentarem relações de dominação entre indivíduos e grupos pela expressão de um conjunto unitário de preferências distintas. Como o *habitus* adquire essa dimensão? A resposta está no fato de seus componentes e modos de expressão carregarem uma organização interna que os determina. Assim, eles têm a função de ordenar o mundo natural e social, através de símbolos que disseminam a estrutura real das relações sociais de maneira naturalizante, e de classificar,

promover a divisão entre o que é bom e o que é mau, entre o distinto e o vulgar (BOURDIEU, 1996; 2000).

Palavras, instrumentos, gestos, gostos e objetos, entre outros indicadores do *habitus*, são elementos que quando inseridos em um ambiente cultural podem representar algo maior do que podem parecer à primeira vista. Ao serem analisados a partir de seu valor cultural, estes componentes culturais se revestem de significados e em geral expressam conjunturas totalmente originais. Deixam de representar objetos que “existem independentemente de qualquer ser humano e que todos os seres podem ver desde que possuam órgãos sensitivos semelhantes” (ZNANIECKI, 1970:88) para se transformarem em algo que só pode ter seus significados entendidos a partir da própria experiência que se tem com o elemento, isto é, em símbolos distintivos.

Símbolos, neste contexto, expressam as diferenças de percepção, visão e práticas e constituem uma verdadeira linguagem, cuja função é integrar a sociedade. São eles que tornam possível o consenso acerca do sentido do mundo social e contribuem para a reprodução da ordem na sociedade. Para isso, determinam uma economia própria, uma lógica específica, que se estabelece a partir das condições em que os símbolos são produzidos, ao mesmo tempo em que, considera suas diferentes maneiras de apropriação (BOURDIEU, 2007).

A produção simbólica da vida social, assim vista, remete ao conceito de Gurvitch, que entende os símbolos como produtos e produtores da realidade social, funcionando como uma “espécie de cimento social fluido e onipresente que se insinua por toda parte para consertar sem cessar as rachaduras e os desníveis entre as camadas” (GURVITCH, 1973:193). Assim, os símbolos estão especialmente ligados às produções mentais, às idéias e aos valores coletivos, servindo de mediadores entre os conteúdos, de um lado, e os agentes coletivos e individuais que os formulam e para os quais estão dirigidos, de outro.

Os símbolos atuam, portanto, como instrumentos estruturados e estruturantes da realidade social, cumpridores de função que se dirige para realizar-se no âmbito político, à medida que impõem e legitimam o modelo dominante, contribuindo para assegurar a dominação de um grupo.

“A classe dominante é o lugar de uma luta pela hierarquia dos princípios de hierarquização: as frações dominantes, cujo poder se assenta no capital econômico, tem em vista impor a legitimidade da sua dominação quer por meio da própria produção simbólica, quer por intermédio dos ideólogos conservadores os quais só verdadeiramente

servem os interesses dos dominantes por acréscimo, ameaçando sempre desviar em seu proveito o poder de definição do mundo social que detêm por delegação” (BOURDIEU, 1989:12).

Para o estudo desses símbolos, no entanto, tomo alguns cuidados. Receando “não transformar em propriedades necessárias e intrínsecas de um grupo qualquer propriedade que lhes cabem em um momento dado, a partir de sua posição em um espaço social determinado e em uma dada situação de oferta de bens e práticas possíveis” (BOURDIEU, 1996:18), busco a unidade de estilo que vincula as práticas e os bens dos catadores de materiais recicláveis estudados, considerando que estes só são válidos se forem capazes de estabelecer a diferença entre uns e outros. Levanto seus esquemas classificatórios, suas “categorias sociais de percepção”, a partir, tanto da observação do cotidiano dos catadores associados quanto de seus discursos.

Neste aspecto também me inspiro em quesitos da fenomenologia, mais precisamente nos motivos que orientam as percepções dos catadores de materiais recicláveis associados como grupo social, sua “conexão intersubjetiva de motivos”, e na interpretação de seus significados exteriores, isto é, nas manifestações aparentes do outro eu, como palavras, gestos ou artefatos. Neste ponto, direciono a atenção para os movimentos do corpo de quem fala, para a percepção dos sons e dos padrões específicos de sons que estão sendo produzidos e para a palavra como signo de seu próprio significado como palavra, isto é, “o significado da palavra como palavra e não como significado do usuário da palavra” (SCHUTZ, 1979: 169).

Posteriormente, após essa análise preliminar, concentro-me no discurso dos catadores para compreender seu significado interior, subjetivo. Este aponta para “os contextos de significados próprios da outra pessoa, para os modos complexos como as experiências próprias que ela vivencia se constituíram politeticamente, e também para a forma monoética como ela as vê” (SCHUTZ, 1979:171), pelo uso das palavras. Na comunicação de uns com os outros, no compartilhamento de um tempo e espaço comuns, de uma experiência direta uma da outra, numa “situação de face a face” (SCHUTZ, op. cit.:180) consegue-se decifrar os significados subjetivos interiores. É somente no “relacionamento do nós”, ou pelos menos no potencial relacionamento do nós, que se vive concretamente um determinado momento de vida, que se vivencia a “corrente de consciência comum”, como afirma Schutz. “Posso viver dentro dos seus contextos de significados subjetivos somente na medida em que vivencio você diretamente dentro de um

relacionamento do nós atualizado e dotado de conteúdo” (SCHUTZ, id.: 184). Nesta etapa, a análise se estabelece a partir do significado das palavras como indicações das experiências subjetivas de quem se fala – “o que quem fala quis dizer” (SCHUTZ, ibid.: 169).

De posse desses procedimentos, a intenção é compreender a corrente de consciência que orienta a percepção dos catadores de materiais recicláveis, bem como entender a essência do fenômeno social a partir da consciência dos atores envolvidos e de sua subjetividade (SCHUTZ, id. ibid.:57).

Para cumprir a proposta, inicio o capítulo com um relato etnográfico que abrange o dia-a-dia dos catadores. Na segunda parte analiso sua produção simbólica e na terceira desenvolvo observações sobre os significados subjetivos interiores dos agentes.

Com relação às informações deste capítulo, ambas, etnografia e discursos, foram levantados a partir de entrevistas e visitas realizadas nas quatro associações estudadas, no período de abril a junho de 2008. Entrevistei treze catadores de materiais recicláveis associados e visitei por quinze vezes as associações, sendo que passei pelo menos três vezes em cada uma das entidades.

Com relação à tipificação amostral, o principal critério utilizado para seleção, após a autorização das entrevistas, foi a obrigatoriedade do catador ser associado. A partir desta característica, o elemento selecionador foi a disponibilidade do catador para a realização da entrevista, seu nível de envolvimento e tempo de associação. Vale ressaltar que catadores associados representam uma minoria dentre o número oficial de catadores da cidade. Em dados extra-oficiais estima-se que em Goiânia, de um universo de 3500³⁸ catadores, não mais que 5% destes façam parte de cooperativas e associações.

Com relação à amostragem, tanto as visitas quanto as entrevistas se basearam no tipo teórico, isto é, na ausência de uma definição prévia da quantidade de casos estudados. “O princípio básico da amostragem teórica é selecionar casos ou grupos de casos de acordo com critérios concretos que digam respeito ao seu conteúdo, em vez de utilizar critérios metodológicos abstratos. A continuidade da amostragem se dá de acordo com a relevância dos casos, e não com sua representatividade” (FLICK, 2006: 81-82).

³⁸ Dados apontados pela Prefeitura de Goiânia, através da Comurg. Estes dados encontram-se disponíveis através da reportagem “Gestão do lixo é prioridade ambiental do segundo mandato”, jornal *O Popular*, Goiânia, 13/10/2008, Cidades, página 7. Disponível também através de <http://www.opopular.com.br/>, acesso em 13/10/2008.

Quanto ao roteiro, como apresentado anteriormente, os dados foram coletados, inicialmente, a partir de roteiro aberto, e posteriormente, semi-aberto.

4.1 O DIA-A-DIA DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE GOIÂNIA – ETNOGRAFIA DOS CONTATOS REALIZADOS

Meu primeiro contato com o universo dos catadores de material reciclável aconteceu na Beija-Flor, que fisicamente encontrava-se mais próxima a minha casa. A primeira ligação, por coincidência, aconteceu com a presidente, Entrevistada J. Era o dia sete de abril de 2008. Conversamos, expliquei que era membro da Incubadora Social da UFG e que gostaria de conhecer a associação, entrar em contato com os membros para que pudéssemos conversar para eu poder compreender a necessidade deles para o trabalho que deveria desenvolver em parceria com a Incubadora Social da UFG: a formação de sua identidade visual. Expliquei também a respeito do estudo de mestrado sobre o universo dos catadores de materiais recicláveis. Muito disposta, Entrevistada J concordou e marcamos o próximo encontro do qual participaria seu marido, também membro da associação.

No dia combinado cheguei ao local que serve de sede da associação: era um galpão não acabado, com partes em terra batida e outras no cimento. Havia ainda um mato alto que ficava na lateral. Entrei e me apresentei. Procurei pelo Entrevistado K, com quem havia ficado de conversar. Apresentei-me e fui convidada para sentarmos e conversarmos. Comecei esclarecendo que atuava em conjunto com a Incubadora Social da UFG, mas que estava ali também porque desenvolvia um levantamento sobre os catadores de lixo da cidade. Nesse instante Entrevistado K me interrompeu e começou a explicar que para estudar o universo dos catadores não poderia considerá-los como catadores de lixo e sim como catadores de materiais recicláveis, porque para ele o que recolhiam todos os dias não eram lixos e sim resíduos, que poderiam ser reciclados. Mencionou também que o que eles faziam rotineiramente era muito mais assumir um papel de agente ambiental do que ser um catador de lixo.

Essa fala me mostrou um aspecto extremamente interessante. Vi que desde o primeiro contato comigo, na primeira oportunidade que teve, quis posicionar socialmente seu grupo, demonstrando que eles não viviam dos restos e sobras, como mendigos, mas que trabalhavam as

sobras dos outros tanto com uma finalidade financeira quanto preocupados com o futuro da vida em sociedade.

A conversa foi continuando e ele começou a contar um pouco de sua vida. Segundo relatou, Entrevistado K nasceu dentro do ambiente de depósitos de material reciclável. Seus pais eram artesãos, e dependiam dos materiais recolhidos em depósitos para sobreviver. Nasceu em Natal, RN, mas depois de alguns anos, saiu de sua terra, pegando carona, andando de carroça e a pé, procurando aventura. Passou por São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais até que chegou a Goiás. (O entrevistado não menciona quando isso aconteceu). Viu na catação de material reciclável uma forma de se sustentar, pois não tinha instrução (estudou apenas até a segunda série, porém se considera um analfabeto) e nem profissão. Seus conhecimentos não lhe permitiam assumir outra profissão porque para trabalhar em qualquer outro lugar precisava de um currículo e de contatos, que naquele momento, ele não tinha. Acabou no universo da catação. Começou trabalhando sozinho, já foi dono de depósito e hoje montou uma associação.

Entrevistado K considera-se uma pessoa “*com QI elevado*”. Sua formação, porém não se deu na escola, mas aconteceu pelo que denomina de “*escola da vida*”. Boa parte de seu conhecimento é derivada também dos meios de comunicação que, inclusive, parece ser uma de suas maiores fontes de informação. Através da imprensa, principalmente da TV, tem acesso a assuntos como tsunamis, aquecimento global, desmatamentos e como todas essas questões são prejudiciais ao meio ambiente. É ainda pela influência da televisão, que as relaciona à sobrevivência humana. Sua grande fonte de informação é o Jornal da Globo, transmitido pela Rede Globo de Televisão às 23:00, o único noticiário que consegue assistir, por causa do horário.

Sobre seu dia-a-dia, afirmou não ser nada fácil. Normalmente trabalha mais de 12 horas por dia, às vezes a jornada ultrapassa 15 horas. Inicia cedo a catação pela cidade, por volta das seis horas, e termina, dependendo do dia, entre dez horas da noite e meia noite. É comum trabalhar de domingo a domingo, sem horário de descanso.

Seu rendimento varia em função do que consegue juntar todos os dias. A forma de pagamento também oscila. Disse que quando trabalhava para os depósitos era hábito receber semanalmente. Hoje na associação a periodicidade é quinzenal.

Os melhores locais para a catação são os prédios. Como há um grande número de famílias morando num mesmo local, a produção de resíduos é maior. Na relação com os porteiros, com

freqüência acontecem desentendimentos e desgastes. Nas empresas, ao contrário, a catação diminuiu, porque na maioria das vezes elas doam ou vendem seus resíduos.

Ainda segundo Entrevistado K, os objetos de maior valor para um catador são, primeiro, o cobre (raro de achar), depois o metal (bronze, latinha e panela), o plástico (garrafas pet, plástico mole e garrafinha) e o papel. Esses materiais são vendidos por quilo e seu preço varia de depósito para depósito e os catadores procuram reunir quantidade suficiente para vendê-los direto para a indústria, evitando passar pelos atravessadores. Mas isso quase nunca ocorre, porque a indústria normalmente paga 30/45 dias depois do recebimento do material, e ele, Entrevistado K, hoje não possui renda suficiente para se manter e manter a associação com tão grande distância para o pagamento. Mas disse que se esforça para alcançar essa meta até o final do ano de 2008.

Segundo Entrevistado K, a renda dos associados é variável. Ele consegue tirar entre dois mil e dois mil e quinhentos reais por mês (valor referente a abril/2008). Ressalta que, no entanto, a maioria tira por volta de quase um salário mínimo cada um. Conforme ele avalia, a obtenção de melhor renda com a catação depende na maior parte das vezes da experiência e dos próprios esforços do catador. E isso inclui a freqüente renovação na realização da atividade e atualização constante para com o mercado. Em sua opinião 85% de um “*professional*” precisa ser experiência e outros 15%, renovação e adaptação.

Sobre a associação, esse mesmo catador acredita que os associados conseguem tirar bem mais ali do que operando individualmente perante os atravessadores e os depósitos. Para exemplificar, compara o valor do quilo do papel vendido no depósito e na associação, R\$ 0,12 a R\$ 0,13 centavos e R\$ 0,23, respectivamente. Boa parte dessa diferença decorre dos custos com aluguel pela moradia, luz, água, alimentação e diversas outras taxas estabelecidas pelo proprietário do depósito. De acordo com Entrevistado K, quem mora em depósitos contribui com uma ajuda semanal para o dono manter o barraco onde os catadores descansam.

Para Entrevistado K, que já esteve dos dois lados, catador individual e dono de depósito, a relação entre os catadores e os donos funciona de maneira muito desigual. Na grande maioria das vezes, acaba-se por estabelecer um sistema de escravidão, em que o catador não consegue se livrar das dívidas e das garras do dono do depósito. E isso acontece não só pelas dívidas com moradia, mas também pelo incentivo ao uso de drogas e ao álcool, como uma forma alternativa de gerar dependência. Uma verdadeira escravidão urbana onde as opções são morar ali ou na rua.

Entrevistado K afirma que esses catadores, que vivem em depósitos, são taxados dentro de seu próprio grupo como “*peças que não querem nada com nada e que não têm comprometimento nem mesmo com sua própria vida*”. Situação diferente daqueles catadores que têm seus barracos. Estes normalmente são considerados pessoas sérias, honestas e livres de problemas com drogas e álcool.

Disse ainda que apesar das diferenças existe “*uma certa cooperação entre o grupo de catadores*”. Quando um catador está com o carrinho muito cheio, a ponto de não conseguir carregar, ele cede um pouco do material recolhido para um outro. Mas que isso só ocorre quando é praticamente impossível para o catador transportar seus materiais ou no caso deste encontrar muitos materiais.

Neste mesmo dia da conversa com Entrevistado K, falei com Entrevistado M e Entrevistado O, dois outros membros da associação. O primeiro, mais jovem, tem 21 anos. Mora sozinho. Sua família é de Ceres, mas vive em Anápolis. Naquele dia ele tinha acabado de se mudar para seu próprio barraco e não se cabia de felicidade por estar conseguindo ter um local só seu, por conseguir pagar o aluguel. Afirmou ter 13 anos de experiência como catador. Ele começou aos 8 anos de idade. O segundo aparenta trinta e cinco anos, é magro, homossexual assumido para o grupo, calado e não gosta de se expor.

Entrevistado M começa a entrevista dizendo sentir-se muito bem como catador de material reciclável. Em suas palavras, o nome da atividade não é catador de lixo, mas sim catador de material reciclável. Uma profissão como outra qualquer, que pode lhe dar as oportunidades para uma vida cada vez melhor. Essas oportunidades, inclusive, só dependem dele mesmo.

Estudou até a segunda série e parou porque precisava trabalhar. Mantém contato com sua família e pretende voltar a estudar, mas sua vida hoje é muito corrida. Trabalha em média das seis da manhã até meia noite, uma hora da madrugada. Disse não ter vergonha do que faz, que é vergonhoso é matar ou roubar. Apesar de pensar assim, afirma que já foi vítima de preconceito.

Num de seus relatos, estava um dia catando material reciclável no lixo e uma senhora passou e perguntou se ele “*...não tinha vergonha de estar mexendo ali*”. Ele afirmou ter ficado bravo com aquele comentário e pela primeira vez entre tantas outras foi capaz de responder àquela senhora, dizendo que vergonha era ter de roubar ou matar. Fazia seu trabalho, sua profissão e tinha orgulho do que fazia. Relatou que ao ter esse tipo de reação sentiu-se “*extremamente aliviado*”.

Acredita que na associação as coisas sejam mais organizadas, diferentes do ambiente de fora. *“Ali há preocupação de uns com os outros. Todo o grupo zela por eles mesmos, estão lutando para construir um mundo melhor”*.

Quanto a seu barraco, do qual tanto se orgulha, Entrevistado M tem como próxima meta de vida *“realizar meu sonho de consumo: ter uma televisão, um aparelho de som, uma geladeira, um fogão e se possível conseguir uma casa toda mobiliada”*. Hoje ele só tem um colchão e sua coberta.

Para ele, a grande vantagem de trabalhar como catador de material reciclável é porque ele pode trabalhar para ele mesmo, ser dono do seu tempo e *“não ter patrão”*.

Sobre a presença da Incubadora Social da UFG na associação, afirmou que o processo tem sido muito produtivo, mas nada fácil. A grande vantagem é que ela traz conhecimento e este conhecimento serve como motivação para que eles se desenvolvam, se sintam motivados a crescer, a ir buscar vidas melhores.

Durante toda a entrevista, Entrevistado O trabalhou ao nosso lado. Devido à timidez não quis se expressar diretamente. Fazia gestos com a cabeça, concordando com as afirmações de Entrevistado M ou, em raros momentos, completava algo que estávamos discutindo. Mas não se sentiu à vontade para dar declarações individuais.

A entrevista foi interrompida pela chegada do pessoal da Comurg, que busca os relatórios de trajeto feito pelo caminhão de coleta.

A segunda leva de entrevistas aconteceu uma semana depois, com os catadores da Coopermas, próximo a Trindade - GO. Agendei o encontro com Entrevistada X, uma das senhoras que na época coordenava parte do serviço administrativo. No dia marcado lá estava eu, mas Entrevistada X não se encontrava. Entrevistei outros catadores que estavam disponíveis: Entrevistada N, Entrevistada P, Entrevistada R e Entrevistado Q. Os quatro estavam em pé, ao lado de uma grande esteira, onde jogavam os materiais coletados e armazenados na tenda.

Ao chegar próxima, me apresentei e, aos poucos, fui ganhando espaço para iniciar a entrevista.

Entrevistada N, mais ou menos uns quarenta anos, dois filhos, separada do marido, e também a mais desinibida do grupo, logo começou a explicar sua vida. Começou a trabalhar na catação porque quando chegou do Pará, há mais ou menos uns cinco meses (na época da recolha das informações) não tinha outra opção de emprego. Num primeiro momento sentia receio desse

trabalho, sentia medo de ficar doente, de ser vítima de preconceito e de mexer com o lixo, mas a falta de oportunidades não lhe deu escolha. Mas isso foi só, segundo ela, num primeiro momento. Logo se enturmou e hoje diz sentir orgulho do que faz, apesar dos altos e baixos da atividade.

Hoje tem sua própria casa, conquistada com o pouco tempo de catação, mas não tem renda fixa, porque os preços dos materiais variam muito. Atualmente luta para ter uma renda melhor, mas se sente muito orgulhosa de poder trabalhar com materiais recicláveis. Antes achava que tudo era lixo e que não servia para nada. Agora sabe que pode viver do que os outros jogam fora. Em sua casa os objetos recolhidos são separados, guardados e depois vendidos.

Entrevistada P aparenta ter mais ou menos uns vinte e poucos anos. Com o espaço aberto por Entrevistada N se sentiu à vontade e começou a falar que antes de vir para Goiânia trabalhava como doméstica em uma fazenda dos arredores. Seu marido era peão. Ao virem para a cidade acabaram na catação e reciclagem por falta de opção. Começou nesse meio vendendo para atravessadores há mais ou menos seis anos. Em poucos anos adquiriu a casa onde mora e tem muito orgulho do que faz. Não aceita que a chamem de lixeira, chegando inclusive a brigar quando isso acontece. Acha errada as agressões que recebe. Para ela *“lixeiro é quem produz o lixo”*.

Entrevistada R, senhora bastante tímida, de mais ou menos quarenta anos, entrou em nossa conversa e falou que era de Minaçu, que lá morava na roça. Mudou-se grávida para Goiânia e não sabia o que fazer na cidade quando chegou. É casada com um marido deficiente, mãe de quatro filhos e precisava trabalhar para sustentar a família. Acabou conseguindo um emprego de doméstica, mas sentiu dificuldades em conciliar o trabalho e os cuidados com a filha pequena, por causa das limitações do marido. Ganhava pouco e tinha que pagar uma babá para cuidar da caçula.

Pelas dificuldades encontradas no emprego de doméstica aos poucos começou a perceber que o material reciclável poderia lhe render algumas vantagens. Pegou os filhos mais velhos, uma carroça e começaram a buscar materiais nas ruas e a vender para atravessadores. Hoje, é ela quem dirige a carroça, apesar de ainda sentir um pouco de medo. Trabalha para si e para a associação, na qual entrou há cerca de cinco meses.

Diz que na associação eles contam com a ajuda de um caminhão da Comurg, que recolhe resíduos nas redondezas. De tudo o que catam, 50% fica para a associação e 50% para serem

divididos com os demais catadores. Esses valores são cobrados porque, segundo os entrevistados, hoje a Coopermas possui uma dívida fruto de um desfalque cometido pela administração anterior.

Ela também explicou que além da coleta feita pelo caminhão, os membros do grupo realizam coletas individuais. Tudo o que recolhem individualmente tem o lucro revertido somente para quem catou, separou e empilhou. Mas todos os materiais são vendidos juntos, visando sempre ter mais volume e melhores preços perante os atravessadores e a indústria.

A quarta pessoa que participou da entrevista foi Entrevistado Q, de 67 anos, imigrante do Maranhão. Disse que veio para Goiás porque tinha três irmãos em Goiânia, dos quais estava separado há três anos. Para ele a mudança não tem sido nada fácil. Desde que chegou vem tentando sem sucesso se aposentar e obter outras formas de assistência social. Declara-se cansado *“de tanto ir atrás do INSS e do Amparo”* e nunca obter resposta favorável. Quando o dinheiro acabou tentou procurar emprego, mas não encontrou opções. Só teve oportunidade na associação, onde afirma estar por obrigação e necessidade.

Os entrevistados descrevem rotinas duras, mesmo que diferentes, em seus trabalhos no dia-a-dia. Entrevistada P, por exemplo, afirma que quando começou a trabalhar com a catação na rua seu dia iniciava entre 4:30 e 5:00 da manhã. Ia a cavalo a Campinas. Chegando lá prendia o animal em uma sombra de um lote baldio, com capim para se alimentar e ficava o dia todo catando materiais, em jornada que se estendia até o anoitecer. Hoje, faz o trabalho de caminhonete. Sai de casa por volta das 6:30 da manhã e vai recolhendo até a caminhonete encher. Normalmente pára em uma rua com boa quantidade de materiais para pegar o que o pessoal coloca nas portas das lojas. Conta que não abre sacos de lixo. Mas não por preconceito e sim porque quando as lojas são abertas e os sacos são colocados para fora, já está com a caminhonete cheia.

Com Entrevistada N a catação é um pouco diferente. Ela usa ora uma carrocinha ora um carrinho de mão. Abre os sacos e retira dali tudo o que pode ser reciclado. Diz que cata inclusive materiais sujos, por exemplo, latas que estejam cheias de restos de comida. Nesses casos, tem que catar do mesmo jeito; é renda, apesar de não achar bom, de sentir nojo. Ter que jogar fora as sujeiras, o que não é reciclável, dificulta a agilidade de seu trabalho, mas faz parte do seu ofício.

A Entrevistada R só cata materiais recicláveis nas ruas em alguns dias. Nos dias em que não vai para a rua vai para a associação. Não costuma freqüentar a associação diariamente porque mora longe e demora muito pra chegar até lá.

Entrevistado Q, diferente das outras entrevistadas, não cata material na rua. Disse que por conta de sua idade avançada e dos problemas de saúde prefere trabalhar apenas na associação.

Todos os entrevistados referiram-se a uma série de objetos que pra eles têm valor, e não apenas materiais recicláveis e lixo, que encontram em suas catações. Dizem encontrar roupas, calçados, bijuterias, livros, cadernos, etc., a que dão utilização variada. Entrevistada P, por exemplo, não costuma reaproveitar as roupas encontradas. Acredita que por não saber o motivo pelo qual aquelas peças foram jogadas fora, zela da sua família ao não catá-las, ao conservá-las no lixo. Para os demais, essa preocupação é inexistente. Se houver condição de uso, eles coletam o que estiver disponível.

Quanto ao trabalho executado na associação, os quatro contam que normalmente ficam lá até as 16:00 horas, às vezes um pouco mais, até as 18:00. No galpão onde separam os resíduos não há luz, sendo difícil trabalhar depois desse horário. Mas, em algumas vezes, para compensar o fato de terem chegado atrasados, ficam um pouco mais.

No trabalho da associação, na opinião deles, há um certo coleguismo, que muitos não sabiam que existiam, quando entraram. Muitos entram no grupo pensando apenas individualmente, em ganhar para si, mas com o tempo percebem que a idéia ali é que todos ganhem, que todos possam melhorar de vida. Existe também *“muita fofoca e aqueles colegas que a gente não dá certo e não gosta”*. Mas, como dizem, é *“realidade de qualquer outra empresa”*.

Para todos os entrevistados, o trabalho que exercem é uma profissão. Muitos têm nele sua única fonte de renda, porque afirmam não sobrar tempo para alguma outra atividade. Em razão das características do trabalho, às vezes encontram empecilhos e dificuldades dentro da própria família. Entrevistada P conta que uma de suas irmãs, quando começou a trabalhar com reciclagem, disse que *“ela envergonhava seus familiares, que ao fazer aquilo estava manchando o nome da família, que não era certo um membro da família trabalhar com lixo”*. Segundo conta, a irmã a discriminou de todas as formas possíveis. Com o tempo, afirmou, ela mesma acabou mudando de idéia e reconheceu que coletar e separar resíduos poderia ser um bom negócio, uma oportunidade para uma vida melhor.

Quanto aos estudos, os entrevistados disseram ter havido uma escola na cooperativa. Porém *“a idéia não foi pra frente porque muita gente faltava às aulas.”* Afirmam que querem voltar a estudar quando a Coopermas estiver mais organizada e eles tiverem mais tempo para dedicarem a si mesmos. Hoje, no entanto, a prioridade é suprir o rombo no orçamento da casa.

Consideram que a escola seja um local onde possam conhecer as coisas. É a chance de melhorarem de vida. É algo muito bonito que, para Entrevistada P, por exemplo, não dá tempo de exercer.

Desses quatro entrevistados, os que possuem filhos dizem que não querem que a catação seja o futuro deles. Hoje, no caso de Entrevistada P, seus filhos de treze, onze e seis anos ajudam quando ela precisa. Apenas o filho de quatro anos não colabora. Mas esse não é o futuro que ela lhes deseja. Quer que eles estudem e diz que está disposta a tudo o que puder fazer para dar-lhes um futuro melhor.

Entrevistada N é outra que pensa assim. Ela não quer as filhas trabalhando como catadoras. Para ela, a vida da catação é muito sacrificante. Quer algo melhor. A filha de dezesseis anos, por exemplo, pensa em estudar direito. Diz que ela própria se considera alguém, sendo catadora, tem orgulho do que faz, mas que mundo da catação as pessoas são taxadas de catadores de lixo, porcas, sujas, inferiores, e não é isso o que quer para as filhas. Diz que muitas vezes foi chamada de lixeira, fedorenta. E isso ofende muito, *“se ofende a um adulto, imagina a uma criança”*.

Todos os entrevistados na Coopermas também contam histórias de preconceito, em que quem está de fora os olha de forma superior, considerando-os como lixo. *“A ferida é ainda maior porque sinto que o que faço é digno, é uma profissão como outra qualquer”*, mas que não deixa de carregar o estigma de ser considerado um *“ambiente de ladrões, maconheiros e bebedores de pinga”*.

Eles próprios estimam que cerca de oitenta por cento do grupo seja formado por pessoas que roubam, bebem, se drogam e que acabam por contaminar a imagem de todo o grupo.

Finalizando nossa conversa, disseram que o grupo, atualmente, conta com vinte a vinte dois cooperados, embora nem todos demonstrem o mesmo compromisso com a associação. Mas estar ali é uma experiência boa, que serve para a aprendizagem, para ser mais organizado, principalmente depois que a Incubadora Social iniciou seus trabalhos. É uma chance para adquirem conhecimento e melhorarem de vida.

Outra entrevista aconteceu alguns dias depois. Era dia dezenove de abril. Nesta ocasião retornei a Beija-Flor para conversar com Entrevistada J, a qual não tinha tido chance de entrevistar até então. De início, ela começou a me esclarecer sobre seu dia-a-dia. Disse que se levanta mais ou menos por volta das cinco horas da manhã e se divide entre a rotina

administrativa de reuniões, pela tentativa de resgatar catadores de materiais recicláveis que estejam no fundo do poço, isto é, imersos no universo das drogas e do álcool e ainda catar nas ruas e separar materiais recicláveis junto com os demais. Seu dia tem duração extensa, muitas vezes vai até a meia noite, ou em alguns casos, por toda a madrugada, quando o grupo precisa enfardar os materiais recolhidos para encaminhar para a indústria.

Explicou que seu marido, Entrevistado K, é de Natal, RN, veio de uma família pobre. Aos 13 anos, pela primeira vez, sentiu vontade de ter uma camiseta de marca, mas não tinha dinheiro. Acabou roubando e foi internado na FEBEM. Algum tempo depois se conheceram e começaram a namorar. Sua família reprovava o namoro, achava que ela só ia sofrer ao lado dele. Pouco tempo depois Entrevistado K disse que iria mudar de cidade, que daria *“um rumo à vida dele”* e que voltaria para buscá-la. Como veio de uma família que lidava muito com o lixo (os pais eram artesãos a partir de materiais coletados no lixo) Entrevistado K acabou se iniciando na coleta de material reciclável. Conta que ele rodou por várias cidades. São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Belo Horizonte. Retornou a Natal para buscá-la e eles mudaram-se para Goiânia onde continuaram catando material reciclável. Na ocasião ela estava grávida. Depois de alguns anos como catadores transformaram-se em donos de depósito e faturavam renda próxima de 4.000 reais/mês. Mesmo assim não tinham vida fácil, porque Entrevistado K bebia muito. Segundo Entrevistada J, eles só conseguiram ter uma vida melhor, mais estável, há cerca de uns três anos para cá, quando Entrevistado K conseguiu se livrar do vício da bebida.

A iniciativa da associação surgiu internamente no grupo de catadores, quando Entrevistado K ainda era dono de depósito. Durante uma conversa informal ele chamou alguns associados e disse que iria deixar de ser dono de depósito e que queria reunir pessoas interessadas em montar uma associação de catadores de materiais recicláveis. Muitos estranharam sua atitude. Entretanto, conseguiram angariar alguns parceiros e fundaram a Beija-Flor, que atualmente tem três anos.

Em todo esse tempo já conseguiram estabelecer algumas regras sobre o funcionamento da associação. Uma delas é que os mandatos da presidência duram quatro anos. Entrevistada J, a atual presidente, ocupa o cargo há dois. A eleição é feita por voto direto. Sua função, como presidente, além das tarefas administrativas, dos contatos políticos e das reuniões, é tentar localizar trabalhadores, convidá-los para fazer parte da associação e tentar recuperar, do álcool e das drogas, aqueles catadores que se sintam motivados.

Outra regra da Beija-Flor é quanto ao uso de álcool e drogas. Dentro da associação, as normas são extremamente rígidas neste aspecto. Para se tornar membro e ali permanecer, os catadores precisam “*se manterem limpos*”, isto é, não podem beber ou se drogar. Qualquer recaída pode significar a expulsão do membro. Entrevistada J vê nessa regra a parte mais importante de seu trabalho como presidente da associação. Fica sob sua responsabilidade fazer o resgate de catadores de materiais recicláveis. Segundo ela, essa atividade requer que ela aja, muitas vezes, como uma psicóloga, dando apoio moral a quem se interessar em largar o vício e se dedicar ao trabalho da catação de recicláveis.

Entrevistada J relata que foram vários os catadores que já se candidataram a membros da Beija-Flor. O difícil, porém, é mantê-los. A grande maioria encontra dificuldade “*em seguir as regras do estatuto*”. Muitos catadores acham que a vida lá fora é mais fácil, haja vista que é uma vida sem normas e sem regras. Lembra-se de uma reportagem que assistiu em um jornal da TV Serra Dourada em que um dos catadores dizia que nunca ia se organizar, porque na rua ganhava muito mais do que numa cooperativa.

Além da rigidez das regras, as pessoas se afastam dali porque acreditam que nas ruas podem ter acesso aos bens de maneira mais fácil, seja por ganhar cestas de comida, por pedir dinheiro e outras questões mais. Para muitos, conforme diz, os sinaleiros são os locais ideais para pedir esmola e os motoristas atendem aos pedidos dos “*pobres catadores necessitados*”. Alguns deles fazem uso do carrinho apenas como fachada, para conseguir algum dinheiro ou doação.

Para Entrevistada J a esmola tem um papel de destaque na manutenção dos catadores nas ruas: é ela que garante o custeio do vício, que na sua opinião, estraga a vida dos catadores. Procura se diferenciar daqueles que estão do lado de fora das associações, que vendem o que podem para suprir o vício, materiais recicláveis e às vezes até a roupa do corpo e a própria comida.

A ajuda da Beija-Flor aos catadores viciados em drogas e bebidas, relata Entrevistada J, acontece a partir do encaminhamento para instituições especializadas. A associação busca sempre se ligar a pessoas com maior conhecimento e experiência na área e proporcionar parcerias que possam ajudar a resolver o problema do catador.

Além de pessoas que tenham problemas com álcool e drogas, ex-presidiários comumente buscam abrigo na Beija-Flor. Mas dentro das regras estabelecidas pelo grupo, só são aceitos na associação aqueles que “*não devem nada à justiça*”, isto é, que tenham cumprido suas penas e

“que isso seja constatado a partir de uma certidão de nada consta”. Aceitar membros com pendências na justiça é proibido porque acreditam que isso possa prejudicar a imagem da associação.

A Beija-Flor proíbe ainda que os catadores morem na associação. Por algum tempo alguns associados acostumaram-se a morar na Beija-Flor, porque não tinham outro lugar para viver. Mas de um tempo para cá, segundo Entrevistada J, isso foi proibido. Acharam melhor separar o profissional e pessoal para terem mais credibilidade como empresa.

Uma regra singular na Beija-Flor diz respeito à forma como os catadores lidam com os sacos de lixo. Ali, todos são treinados para deixar o lixo organizado, sem rasgar o saco. Se tiver rasgado, jogado ou desorganizado, eles têm obrigação de organizá-lo, deixando a lixeira limpa. Entrevistada J acredita que essa medida é um pequeno passo, que pode começar a ajudar a mudar a imagem que a sociedade tem do grupo.

Sobre o universo dos catadores de material reciclável ela diz que muitos dos que chegam até a Beija-Flor nunca mexeram com papel, nunca haviam tido experiência na área. Aproximam-se da associação por extrema necessidade, por não encontrarem outra opção de trabalho e renda. Querem parar de catar na rua, que é um trabalho *“muito puxado”*. A maioria lida cotidianamente com condições extremas: fazem a catação sob sol forte, pela manhã e após o almoço, suportam o barulho dos carros e a poluição e ainda a reclamação dos moradores sobre a bagunça do lixo.

Entrevistada J enxerga diferentes motivos e facetas na imagem negativa dos catadores frente à sociedade. Lamenta que muitos deles se transformem em pedintes nos sinais das cidades. Muitos *“tomam carrinhos emprestados, dizendo que vão catar papel, mas vão, na verdade, praticar roubos e furtos”*. Ela acredita que o grupo é muito discriminado, e para reverter essa imagem *“é preciso fazer um trabalho para que a sociedade possa confiar nos catadores de materiais recicláveis”*, algo difícil de ser realizado, porque inclui uma transformação muito grande no universo dos catadores.

Uma mudança que considera fundamental no cotidiano de seu grupo, principalmente para os membros da Beija-Flor, e que acredita que possa ajudar a começar a transformar o universo dos catadores, é o uso de uniforme e crachás de identificação. Acredita que eles sirvam de elemento para diferenciação dos seus catadores dos demais existentes (bons x maus) e para ajudar a gerar o respeito da sociedade para com a categoria. Além disso, é a única forma que

encontraram de “*ter o respeito da polícia*”, que freqüentemente os importuna quando estão nas ruas catando materiais recicláveis, “*em busca de materiais roubados e drogas*”.

Quanto à escolaridade, afirma que boa parte dos catadores são analfabetos ou semi-analfabetos, inclusive ela própria. Muitos têm grande vontade de voltar a estudar. Vêem no estudo a possibilidade de uma vida melhor. O problema é que falta tempo para poder se dedicar e também há a dificuldade de acesso às salas de aulas. Para tentar minimizar o problema estão tentando esquematizar uma parceria com o Banco do Brasil para a manutenção, na sede da associação, de uma sala de aula, que possa ser utilizada de acordo com os horários em que os catadores da Beija-Flor se encontrem mais disponíveis.

Entrevistada J informa que os filhos estudam em escola integral. Mas não é sempre assim. Apesar de achar muito importante que os filhos freqüentem a escola e de se arrepender de não ter podido continuar seus estudos, ela confirma que várias vezes seus filhos já deixaram de estudar por causa da distância entre sua casa e a escola. Muitas vezes não há dinheiro para o transporte nem tempo para levar os filhos menores à escola.

A entrevistada afirma pretender voltar a estudar. Em uma parceria firmada com a UFG serão ministradas aulas no período vespertino, na associação. “*de noite é muito puxado*”, principalmente devido ao cansaço físico e por não ter ninguém para ficar com os filhos depois que voltam da escola. Diz que o marido, Entrevistado K, também quer voltar a estudar. Ele também é semi-analfabeto, estudou até a quarta série (ele diz ter estudado até a segunda série). As obrigações para com a associação dificultam conseguir um tempo para a atividade. Para os demais associados, é mais fácil participar das aulas.

Nesse ponto complementa dizendo que apesar do pouco estudo, Entrevistado K tem um conhecimento de vida muito grande, assiste a muitos jornais e sabe comentar sobre os assuntos mais diversos, que vão desde política, economia até ecologia. Diz que é hábito dele freqüentar *lan-houses* para acessar a internet. Vai atrás de *sites* que lhe interessem e pede ajuda para que leiam para ele. Além disso, costuma fazer registros fotográficos de tudo o que acontece na associação. Sua intenção é mostrar para seus colegas tudo o que conquistaram e o que ainda podem conquistar.

Ao falar da convivência com outros catadores, fora da associação, Entrevistada J diz que grande parte dos amigos se afastaram, desde que ela e Entrevistado K tiveram a iniciativa de montar a Beija-Flor. Os amigos não concordaram com o trabalho, principalmente porque

acharam que iriam ganhar menos. Para esses, há o pensamento de que a associação é uma oportunidade para Entrevistado K e Entrevistada J lucrarem sozinhos, cada vez mais, uma oportunidade para explorá-los. Para eles a finalidade maior da Beija-Flor é ajudar as pessoas, auxiliar aqueles que desejarem mudar de vida, fazer do universo deles um lugar melhor. As dificuldades maiores para atingir essa meta estão, segundo Entrevistada J, nos próprios catadores, que destroem suas vidas. *“Há muita resistência”*.

Além do preconceito dos próprios catadores para com as associações, há também o preconceito que sofrem por estarem lidando cotidianamente com o lixo. Para Entrevistada J o preconceito no seu grupo, no seu mundo é muito grande, mas é em parte minimizado quando se participa de uma cooperativa. Quando associados, conta, podem, por exemplo, *“entrar num shopping sem ser abordado por seguranças ou ser retirado do local”*. É uma promessa de melhor visibilidade social.

No ambiente em que fazem parte, Entrevistada J e Entrevistado K são, na opinião da primeira, referência. É a eles que as pessoas procuram quando querem entrar no ramo ou quando há algum problema. Mas isso está, em parte, ligado ao fato de que os novos no grupo acreditam que Entrevistado K e Entrevistada J sejam capazes de conseguir moradia para *“quem chega de onde for”*. Mas *“infelizmente”*, segundo Entrevistada J, isso não é verdade. Eles tentam ajudar como podem, no entanto, muitas vezes esbarram na mentira e no individualismo dos catadores.

Entrevistada J diz se sentir *“muito orgulhosa”* do papel que realiza. Sente-se e trata-se como agente ambiental e não como catadora de lixo, porque o que faz, na sua opinião, é demonstrar aos demais *“sua preocupação e sua atitude para com o futuro de seus filhos e das próximas gerações, com o dia de amanhã”*. Além do mais, diz gostar de trabalhar com materiais recicláveis para que seus próprios filhos possam aprender a contribuir para um planeta melhor. Faz o que faz de coração. Querem que as pessoas lá fora ajam para o mundo e não apenas para ganharem dinheiro e sobreviverem. Quer conscientizar as próximas gerações e todos os que estão de fora dessa cadeia, principalmente aqueles que estão poluindo o ambiente. E tenta combater isso nas reuniões em que participa. Para dar o exemplo vendeu tudo o que tinha em sua casa, todos os seus móveis, para poder montar a associação. Passou e tem passado muita dificuldade para poder assumir sua postura. Sabe que não vai recuperar tão cedo o conforto que tinha em casa. Contudo, afirma que foi uma opção de vida.

Para ela, no entanto, não é assim que pensa a maioria. Para muitos catadores a preocupação é com a própria sobrevivência. “*É mera questão de necessidade*”. Mas acredita, piamente, que “*com paciência eu vou mudar, aos poucos, esse universo*”. Entrevistada J vê no seu trabalho “ *muito mais que uma profissão, e uma maneira de sobreviver*”. Para ela mexer com lixo “*é tudo, é muito importante*”. Tão importante que, em sua opinião, é respeitada inclusive por “*autoridades locais*”, como o prefeito da cidade, Iris Rezende, o presidente da Comurg, Wagner Siqueira, entre tanto outros. Por várias vezes já foi convidada para com eles discutir a reciclagem em Goiânia. Ela acredita que assim tem contribuído, além da preservação do meio ambiente, para ajudar a melhorar a imagem do próprio grupo de catadores. Se antes eles eram apenas catadores de lixo, hoje têm ganhado espaço para mostrar à sociedade que são “*dignos de seu respeito*”. “*É apenas uma questão de tempo*” acredita.

Sobre crianças, afirma orgulhar-se da filha, de dez anos, que já aprendeu a cuidar do meio ambiente. Acredita que não só ela, mas as outras crianças representem a possibilidade de transformação. São elas que estão educando os pais, corrigindo-os. E por isso é tão importante fazê-las entender a importância da reciclagem e a necessidade de passar isso adiante.

Continuando, a Entrevistada J disse que está tentando preparar sua sucessão à frente da Beija-Flor. Queria muito que alguém tomasse a responsabilidade pela associação, que ao fim do seu mandato um membro do grupo pudesse se candidatar à presidência, mas sente que todos ali têm receio. Percebe que as pessoas ao seu redor sentem-se inseguras, “*acreditam que não são capazes*”. No esforço de reverter este quadro tem “*tentando mostrar aos demais membros do grupo que a presidência não é um bicho de sete cabeças*”. Para isso tem repassado informações, levado outros membros às reuniões das quais participa, tenta gerar neles a confiança de poder gerir uma associação. Quer que um membro, que não ela ou Entrevistado K, “*seja capaz de estar à frente da empresa*”.

Também disse que apesar dela ser a presidente da associação, diferenças de opinião são discutidas na mesa de reunião. “*Todos têm direito a voto e opinião*”. Além disso, Entrevistado K, incentiva aos demais a assistirem programas na televisão que sejam interessantes para eles. Disse que é comum Entrevistado K sair ligando para os outros para falar para eles assistirem a uma determinada informação.

Sobre si mesma, Entrevistada J diz que dentro da associação não se importa em ficar suja, até porque é complicado ficar limpa separando materiais recicláveis. Contudo, diz que a situação

é bem diferente quando precisa participar de reuniões fora da associação. Nestas ocasiões sempre vai “*arrumadinha, limpinha*”.

No seu dia-a-dia como catadora tem encontrado uma série de objetos no lixo que são limpos e guardados. Afirmar ter uma caixa de bijuterias que foram retiradas de lá. Além disso, tem jóias, batom, perfume, roupa, sandália, tudo retirado do lixo. “*É muito difícil eu comprar as coisas*”. Normalmente não as compra, mas acha-as. Livros, por exemplo, quando encontrados elas os pega e os lê ou guarda-os para os filhos. Afirmar ter até dicionário em casa retirado do lixo. Não compra material escolar para os filhos: “*aproveito tudo do lixo*”. Acha importante pegar do lixo porque são coisas que não pode comprar, mas afirma que acharia muito melhor se esses objetos fossem doados.

Conta que já encontrou nas lixeiras da cidade TV, máquina de lavar, cordão banhado a ouro, lençol, toalhas. Aqueles que estão com defeito ela os cata e os manda consertar. Muita coisa que é jogada no lixo encontra-se em pleno estado de funcionamento. Já reparou também que algumas pessoas não misturam os objetos de valor com o lixo, mas “*deixam numa sacolinha amarrada no canto*” para que alguém possa catar.

Narra a história de uma mulher que ficou com vergonha de dar-lhe um lençol. Essa senhora por mais de 30 dias ficou tentando dar-lhe um objeto e não tinha coragem. Ficava sempre observando quando ia catar na lixeira de sua casa. Até que um dia deixou no cantinho. Nessa oportunidade acabou saindo na porta de casa e falando para ela o que estava acontecendo.

Por fim, Entrevistada J diz que tem “*muita vontade de escrever um livro*”. Tem a intenção de contar para a sociedade tudo o que pode ser reaproveitado e que muitas vezes as pessoas não sabem. Pensa em escrever um livro com dicas de como fazer o reaproveitamento de verduras, arroz, roupas, calçados e tantos outros bens. Mas isso é um sonho, mas como tudo o que fez até hoje, é um sonho pelo qual pretende batalhar.

A quarta entrevista realizada aconteceu junto ao grupo do Jardim Curitiba III, da Coperama, no dia trinta de abril. Foi lá que conheci Entrevistado AB de uns cinquenta e poucos anos, Entrevistada V de uns cinquenta e cinco anos e Entrevistada U, que aparentava ter cerca de quarenta anos. Como eles ainda não haviam definido onde seria a sede da associação, sentamos em uma mesinha no barzinho de Entrevistada V. Ali falamos por mais de uma hora sobre a vida daqueles catadores. O perfil dessas pessoas é bem diferente dos perfis registrados na Beija-Flor e na Coopermas. Os catadores vêm de famílias carentes, porém melhor estruturadas. São pessoas

marcadas pela exclusão, mas nem tanto pelo preconceito, como nos outros casos. Enxergam na catação de material reciclável, e na associação, um meio de sobrevivência, tendo em vista que no setor onde vivem não encontram opção de trabalho. Ali há pouco comércio, pequenas mercearias, supermercados, bares e padarias que atendem aos moradores do entorno. Não existem na região fábricas ou indústrias próximas nem grandes empresas capazes de gerar emprego. As maiores entidades empregadoras são a Maternidade Nascido Cidadão, que fica próxima, e o Cais da região, ambas órgãos públicos municipais. Na região (Região Noroeste de Goiânia) os índices de desemprego e analfabetismo são elevados, assim como o índice de idosos, que ultrapassa a média da cidade³⁹.

Todos os entrevistados vêm na catação uma opção de sobrevivência, em alguns casos sua única alternativa para ter comida em casa, por isso dizem não se envergonhar de catar material reciclável nas ruas, de abrir sacos de lixo. Consideram honesto o que fazem e vergonhoso, dizem, “*é matar e roubar*”.

Diferentemente dos outros lugares, os catadores do Jardim Curitiba III catam materiais apenas nas imediações do bairro. Recolhem poucas quantidades, normalmente em sacolas. Poucos possuem carroças. Nenhum tem carrinho ou vínculo com donos de depósitos. Estão já há algum tempo na atividade, mas para eles, menos ainda que para os outros catadores entrevistados, ela constitui nesse momento uma profissão: é apenas “*um quebra galho*”, dizem, uma fonte de renda alternativa.

É possível diferenciar dois tipos de grupos que lidam com a catação na região: um que depende totalmente da renda do lixo e outro que cata material reciclável para complementar a renda doméstica. Muitos são donos de pequenos comércios nas imediações e enxergam no lixo uma renda extra para manter suas despesas. A grande maioria, por falta de oportunidade (ou profissão) no mercado formal, outro trabalho, vê no material reciclável sua sobrevivência.

Durante toda a entrevista, a função da catação de materiais recicláveis como fonte de renda foi ressaltada. Por várias vezes os entrevistados disseram estar preocupados também com a

³⁹ A Região Noroeste de Goiânia é considerada a região mais pobre da cidade. Abrange cerca de 10% da população goianiense. Os bairros que a formam são Jardim Nova Esperança, Vila Finsocial, Vila Mutirão I, II e III, Complexo Fazenda São Domingos, Conjunto Jardim Primavera, Sítios de Recreio Estrela Dalva I, Parque Tremendão, Sítios de Recreio Morada do Sol e Jardim Curitiba I, II, III e IV, entre outros bairros carentes. A região começou a ser formada em 1981 com a invasão da Fazenda Caveiras. Sua história demonstra que este espaço representa, na verdade, uma forma de segregação sócio-territorial institucionalizada, tendo em vista que ali foram alocados os chamados “cidadãos clandestinos”. Segundo Moysés, estes cidadãos representam um considerável número de pessoas pobres, destituídas de condições mínimas de sobrevivência, apartadas do restante da sociedade (MOYSÉS, 2008).

situação ambiental, com o futuro das gerações, mas o principal motivo para exercerem a catação de recicláveis é a busca de renda para se manter e sustentar a família.

Sobre seus hábitos alimentares, disseram que normalmente a alimentação é baseada em carne, arroz e feijão. Frutas e verduras são consumidas quando sobra dinheiro ou recebem alguma doação. Normalmente acordam cedo para começar a catar. Quem sai mais tarde corre o risco de ficar sem material. Catam de tudo: latas, garrafas, pet, plástico. Só não catam embalagens de ovos, porque uns dizem por lá que aquilo já é material reciclado e que não tem valor comercial.

Quanto à escola, todos os entrevistados afirmaram ter muita vontade de voltar a estudar. Sentem que o estudo faz falta para eles, trazendo grandes problemas, inclusive com o transporte público. Ficam reféns e dependentes de outras pessoas. Contudo, para voltarem a freqüentar a escola ela, hoje, precisaria ser adaptada a seu tempo livre, normalmente uma ou duas horas por semana e nos finais de semana.

Sobre a família, afirmam que suas crianças são mantidas nas escolas, não só por causa das “bolsa-escola” (muitos nem recebem ajuda governamental), mas porque vêem nela uma chance dos filhos não repetirem suas vidas difíceis.

Para eles, lixeiro “*é quem trabalha na Comurg, o catador de lixo*”. Deixam transparecer que já sentiram preconceito contra varredores de rua, garis, mas hoje pensam essa condição como um emprego a conseguir, porque remunera bem, tem estabilidade, aposentadoria e outros benefícios.

No decorrer da entrevista tentei levantar com esse grupo suas experiências sobre preconceito e discriminação causada pelo contato direto com o lixo. Percebi que essa realidade é um pouco menos presente no cotidiano deles do que no dos demais entrevistados. Isso ocorre devido à catação acontecer apenas nas redondezas, onde todos se conhecem e um número expressivo de moradores cata materiais recicláveis. Em segundo lugar, afirmam possuir imagem diferente da imagem do catador de rua, isto é, não utilizam os carrinhos e não andam sujos. Além disso, naquela região, durante essa visita e subseqüentes, não vi pedintes na rua, nem catadores que aparentassem ser bêbados ou drogados, na condição visual verificada nos outros cenários das entrevistas.

Ainda sobre o tema “preconceito”, vale o registro de uma senhora de mais ou menos trinta anos que se juntou a nós no decorrer da entrevista. Ela relatou que sua irmã é a catadora oficial da casa enquanto ela cuida das crianças. Normalmente a irmã catadora leva junto um dos seus filhos,

que tem uns cinco anos. Disse que a criança uma vez mencionou que não gostaria de andar mais com a tia, porque na escola foi vítima de gozação dos colegas, que diziam que ele andava com uma catadora de lixo.

Além do universo infantil, o preconceito também está presente no mundo dos adultos. Entrevistada V e Entrevistada U contaram que sofrem preconceitos dos próprios vizinhos “*por causa da dengue*”. Como os objetos ficam jogados ou organizados no quintal de suas casas, a chance de pegar dengue aumenta. Mas, segundo os entrevistados, pelo menos na região deles, nunca alguém pegou a doença.

Sobre o dia-a-dia da catação, os entrevistados afirmaram que normalmente deixam rasgados os sacos que abriram. Dizem que se forem parar para fechar os sacos plásticos acabam perdendo tempo e renda. Além disso, freqüentemente encontram objetos e mercadorias do lixo para uso pessoal ou familiar. Muitas vezes as pessoas separam esses objetos em sacolas diferenciadas para que eles possam pegar, ou ainda entregam-nas quando estão passando para catar o lixo. Mas uma coisa é certa: se tiver condição de uso, eles levam.

Finalizando nossa conversa, os entrevistados informaram que a cooperativa de catadores de materiais recicláveis que querem formar possui cerca de 40 pessoas interessadas. Todos vêm nela a chance de serem donos do próprio negócio, de trabalharem para si próprios, de terem uma renda mais ou menos estável, de conseguirem melhorar suas vidas, principalmente tendo mais conforto. Alguns falam igualmente da possibilidade de assim conseguirem se aposentar. Há um grande número de pessoas idosas envolvidas, inclusive aposentadas, que fazem uso da reciclagem para aumentar sua renda mensal.

A sexta e última entrevista aconteceu duas semanas depois, dia doze de maio, na casa da entrevistada Z, no conjunto Itatiaia. A entrevista realizou-se neste local porque a sede da associação ainda não estava alugada. Ela trabalha com reciclagem há quatro anos, segundo diz, tanto para defender o meio ambiente quanto para dar um futuro para a filha, além de ser um meio para ganhar um dinheiro extra.

Contando um pouco de sua história, entrevistada Z disse que começou nesse ramo “*bem devagar*”, após ter tido um sonho com um senhor de barba branca que a mandava catar lixo. Aos poucos, foi divulgando sua atividade para os vizinhos e familiares e hoje conta com quarenta e sete pessoas que a ajudam, trazendo material reciclável para ela vender. Como acontece com os entrevistados do Jardim Curitiba, Entrevistada Z não é uma catadora de rua profissional. Ela

algumas vezes separa resíduos nas ruas, mas geralmente busca o material reciclável já separado na casa dos conhecidos, amigos e parentes. Quando há muito material em um só local, diz que pega emprestado o carrinho de catador de um conhecido e vai buscar o que foi selecionado. Mas também já catou na rua e achou que essa é a pior opção porque a discriminação é muito grande, não só porque os catadores são denominados de lixeiros, mas porque podem ser contaminados pelas próprias bactérias que ficam nos resíduos.

Entrevistada Z é muito conhecida no bairro onde mora porque durante dez anos foi conselheira da saúde. Nesta função a atividade exercida era escutar as sugestões, reclamações e elogios dos usuários do sistema de saúde e dos trabalhadores da área. Fez vários cursos, vigiava o trabalhador da saúde, arrumava cirurgias. Todo mundo gosta dela, só não um vereador da cidade e o pessoal do sindicato dos trabalhadores da saúde, que segundo a entrevistada, ficavam chateados com sua *“fiscalização eficiente”*. Entrevistada Z considera-se uma líder, uma pessoa que consegue aglomerar muita gente ao seu redor. É uma índia que diz ter sofrido muito para criar suas filhas sozinhas, já que se separou do marido muito cedo. Já contou com a ajuda de muitas pessoas da rua. Estudou até a quinta série, parou, e voltou a estudar com cerca de sessenta anos. Porém, por desentendimentos na escola, parou de estudar de vez.

Contou que quando começou a trabalhar com reciclagem se sentiu humilhada. Entrou no ramo porque gostaria de ver a filha caçula formada na faculdade. Além disso, após algum tempo, percebeu que precisava ajudar a filha mais velha, Entrevistada L, que morou por cinco anos nos Estados Unidos. Segundo entrevistada Z, Entrevistada L trabalhou muito quando estava fora do país, juntou um bom pé de meia, fez vários cursos, mas quando voltou, teve um desentendimento com a irmã, que lhe roubou o dinheiro acumulado. Além disso, foram várias tentativas de conseguir um emprego para ela, e nada dava certo. Sentiam que ela estava desatualizada para o mercado local. Um dia a mãe convidou-a a entrar no universo da reciclagem. Conta que Entrevistada L, não tendo outra opção, logo começou a ajudá-la. Juntas começaram a separar cada vez mais materiais recicláveis e a envolver cada vez mais os vizinhos e amigos.

Como o negócio andava próspero, sentiram necessidade de registrá-lo. Era também seu desejo conseguir unir à atividade outras pessoas da redondeza que estivessem dispostas a ter uma renda pela catação de recicláveis. Para poder dar início ao processo, elas tiveram um primeiro contato com a Universidade Federal de Goiás, que fica ao lado do bairro Itatiaia. Queriam ajuda para montar uma cooperativa de catadores de materiais recicláveis. Pouco tempo se passou e

tiveram contato com a Incubadora Social da UFG, através de seu coordenador geral. Hoje já possuem trinta e duas pessoas interessadas em se tornar membros da cooperativa.

Neste processo de regularização da associação, relata entrevistada Z, muitas pessoas tentam atrapalhar, principalmente os atravessadores, porque para eles, a formação da cooperativa representa um enorme prejuízo. Como os membros da futura cooperativa A Ambiental recolhem cerca de quatrocentos quilos por dia de materiais recicláveis, e recebem dos atravessadores cerca de 30 reais pelo montante, há um dano financeiro considerável para os depósitos se o grupo começar a enviar sua produção diretamente para a indústria. Enquanto um dono de depósito paga em torno de dez a cinco centavos de reais por quilo do material recolhido, a cooperativa consegue vender diretamente para a indústria por cerca de vinte e três centavos.

Além da questão financeira, a associação também tem a preocupação de alertar os catadores sobre os riscos que correm ao lidar cotidianamente com resíduos. De acordo com entrevistada Z são várias as doenças provocadas pelo contato direto com o lixo. Ela conta que durante suas andanças pela cidade via muita gente no Hospital de Doenças Tropicais de Goiânia (HDT) sofrendo com as conseqüências de lidar com os resíduos encontrados no lixo. São bactérias que cegam, feridas que não cicatrizam e muitas outras. Sente que seu trabalho também passa pela orientação dos catadores. Para isso, conta, foi instruída por uma infectologista do HDT sobre os procedimentos corretos para lidar com o lixo e a necessidade do uso de óculos e luvas. Para ela o trabalho de catação é bom para o meio ambiente, é bom para ganhar dinheiro, mas deve ser feito com dignidade.

Entrevistada Z relata que o universo dos catadores, mesmo que seja como ela e seus companheiros fazem na A Ambiental, buscando apoio dos vizinhos e dos amigos, é muito discriminado. Lidam tanto com gente que os ajudam, mas também, com pessoas que quando os vêem os chamam de catadores de lixo, de lixeiros.

Narrou duas situações pela qual passou. Na primeira foi humilhada por uma pessoa que passava quando ela fazia sua catação. Diz que como foi criada por índios, quando a situação aconteceu, logo foi tirar satisfação. Deu o recado que aquele lixo ia ajudar a formar a filha dela. Disse que ela sim, quem a estava humilhando, é que era burra, que era lixeira, por sujar o planeta. Na segunda vez contou que chegou para o dono da farmácia da região e pediu para comprar um remédio fiado para a filha, que o pagaria assim que pudesse. Ele não gostou do que ela disse e a humilhou na frente de todos, perguntando alto porque ela não tinha o dinheiro para pagar o

remédio da filha. Questionou-a se era porque o lixo dela não estava dando dinheiro. Ela chorou. Sentiu-se humilhada, pediu “*o dinheiro emprestado a um amigo e pagou o remédio para a filha na farmácia*”. Como retaliação falou com seus amigos e vizinhos da situação pela qual tinha passado e todos “*fizeram boicote à farmácia*”. Logo, o dono veio pedir-lhe desculpas pelo constrangimento e prejuízos causados.

Independente das situações que vivenciou, sua opinião é de que os catadores são discriminados, humilhados, inclusive por gente próxima e conhecida. No caso dela, foram várias as pessoas que comentavam que a filha tinha morado por cinco anos nos Estados Unidos e agora catava lixo. E essa discriminação vem de pessoas de todas as faixas de instrução, inclusive dentro da própria Universidade Federal de Goiás. Mas segundo ela, nada disso afetava sua fé e tem certeza de que logo conseguirá montar a cooperativa e se sentirá mais amparada.

Em sua opinião só agora as pessoas do bairro e os próprios catadores estão começando a se interessar mais pelo assunto porque a cooperativa está começando a sair do papel e se concretizar. Depois que isso começou, afirma que nunca mais teve tempo para cuidar dela mesma, de sua casa, ir ao cabeleireiro, a manicure, cuidar da casa. O tempo todo está lidando com a construção da cooperativa.

Sobre a filha, Entrevistada Z diz que sente muita dó. Afirma se sentir extremamente chateada com o fato da filha não poder ter terminado o curso que foi fazer nos Estados Unidos e muito decepcionada com a briga das irmãs por causa de dinheiro. Mas torce para que a vida de Entrevistada L se encaminhe e que os negócios com a reciclagem dêem certo para ela. Sente-se na obrigação de auxiliá-la a dar um rumo melhor em sua vida.

Perguntada sobre o que considera como lixo, entrevistada Z afirmou que pra ela lixo é o papel higiênico, é tudo o que não pode ser aproveitado. Acha que tudo deveria ser aproveitado, até mesmo o papel higiênico, a comida, tudo. Para ela, a mãe terra dá tudo, mas o homem branco não dá o valor. Ela mesma se coloca as perguntas: “*porque acho que a terra está desse jeito? Porque tantos problemas com o meio ambiente*”? Diz que é porque o homem vem acumulando tudo na terra. Joga gordura, plásticos, etc, e evita que a terra respire. Para ela nem mesmo as calçadas deveriam existir, porque não deixam infiltrar a água para o solo. Segundo as crenças de sua tribo, a terra precisa beber água, para poder ter água com abundância. Mas o homem mesmo tem destruído tudo. Pede que eu observe os passarinhos que têm vindo para a cidade, por exemplo, e com eles, quantas novas doenças não têm aparecido. Segundo seu pajé, a mata tem

uma série de bactérias desconhecidas pelos homens brancos, mas que fazem bem à mata. O perigo é quando elas saem de seu habitat natural. Com o desmatamento, elas estão vindo para a cidade e os médicos não têm conhecimento algum sobre essas novas doenças que têm aparecido. As pessoas não vêem que o que ela está fazendo com a catação é o mínimo que todos deveriam fazer para cuidarem do futuro do planeta.

Diz ainda que por enquanto pensa que o lixeiro é quem pega o lixo. Mas acha que é falta de humanidade chamá-los assim, porque são eles que prestam um grande serviço para toda a sociedade. Diz que para os lixeiros da cidade não há proteção decente, que realmente os livre dos males e riscos presentes no contato diário com os resíduos. E isso é válido, em sua opinião, tanto para os que varrem quanto para os que recolhem o lixo da cidade. Faz idéia também que nem mesmo tenham uma boa alimentação.

Finalizando, Entrevistada Z falou do futuro. Avalia que, ao todo, na região, existem vinte e seis bairros e que pretende alcançar todos eles com a futura cooperativa.

Depois que finalizei a conversa com Entrevistada Z, chegou em casa Entrevistada L, sua filha, de quarenta e três anos. Entrevistada L disse que veio parar na reciclagem por causa da mãe. Contou que foi para os Estados Unidos, estudar e trabalhar a uns quatro anos atrás, e que quando voltou tentou entrar no mercado formal. Não conseguiu. Como sua situação era instável, achou melhor ajudar a mãe com a reciclagem.

No ramo da reciclagem, assim que entrou, iniciou uma série de pesquisas sobre a área. Buscou também outras pessoas que estavam em situação parecida para se juntarem no negócio. Entusiasmada com os frutos da reciclagem, se dispôs a trabalhar para montar uma associação de catadores de materiais recicláveis.

Afirma que nesse período tentou diferenciar o catador de material reciclável do coletor. Para ela o coletor é aquele catador que não sai às ruas para catar materiais recicláveis, mas que forma uma rede, um grupo de pessoas que colaboram para a reciclagem. Diz ter algumas pessoas que levam até ela seus resíduos e outros em que vai buscar. Considera que há um grande preconceito quanto a catar na rua. No seu grupo de conhecidos e colegas de profissão ninguém quer catar lá. A visão da reciclagem para eles é muito diferente, é sinônimo de parceria. Rua é sinal de preconceito.

Afirma nunca ter sido vítima de preconceito porque a maioria das pessoas sabe que ela tem estudo, tem experiência. Mas acredita que exista um tabu para com os catadores de materiais

recicláveis, porque a maior parte deles é identificada como varredores de rua, pessoas sujas e bêbadas. Ela própria diferencia o catador e o coletor. De acordo com Entrevistada L, a visão que ela própria tem sobre o catador, é o de que o catador é bêbado, ladrão, desorganizado, enquanto o coletor é organizado. Para ela existem três tipos de pessoas envolvidas com catação: as que vêm de famílias desestruturadas e enxergam no lixo, a chance de sobreviver; aquelas pessoas oriundas de uma estrutura melhor, e que percebem no lixo uma fonte para ampliar rendimentos; e os que fazem da sua casa um lixão. Desses três tipos, o primeiro e o terceiro são excluídos porque são vistos como pessoas sozinhas, bêbadas, sujas, e tudo mais, enquanto que os segundos são percebidos como pessoas que têm necessidade de coletar recicláveis, mas não são excluídos porque têm família, conhecimento e casa própria.

Diz que se tivesse um filho acha que não teria problemas em deixá-lo trabalhar com a reciclagem, desde que ele tivesse a visão que ela tem de perceber o lixo como uma forma de empreendedorismo, a partir de uma visão empresarial. Fora disso não.

Seu dia-a-dia como coletora é pautado pela recolha, separação e venda dos materiais recicláveis que consegue na região em que atua. Hoje vende somente seu material e o da mãe. Mas sonha em poder, daqui algum tempo, vender os materiais coletados por uma grande cooperativa.

Apesar de muitos dizerem que fazem o que fazem por causa do meio ambiente, para Entrevistada L a proteção é segundo plano. O primeiro é sobreviver. Quando recicla tem certeza que está desafogando o aterro sanitário, preservando os lençóis freáticos, os rios, mas tudo isso, no seu modo de pensar, é consequência do trabalho que desenvolve para sobreviver. É também uma possibilidade de *“ter certa liberdade, não ter ninguém no seu pé, de não ter patrão, de acordar na hora que quer, trabalhar na hora que deseja e compensar a diferença no horário da maneira como sentir vontade”*.

Hoje Entrevistada L conta que só trabalha próximo de casa, mas pretende chegar até onde der. Se ela pode fazer para os outros, se dava lucro para as empresas por onde trabalhou, porque não pode fazer para ela mesma?

Sobre a cooperativa, Entrevistada L conta que quando iniciou com a mãe fez várias pesquisas na internet, coletou dados sobre o meio ambiente, conversou com pessoas que trabalham na área. Gradativamente foi conhecendo o que era formar uma associação de coletores de material reciclável. Hoje espera que a cooperativa que ela quer formar com a mãe seja uma

forma de dar aos cooperados um pouco de dignidade, de fazê-los perceber que são parte de sua própria empresa e não apenas que são catadores de materiais recicláveis. Além disso, espera envolver cada vez mais pessoas no processo e, se possível, ampliar a consciência ecológica de todos os envolvidos.

4.2 A PRODUÇÃO SIMBÓLICA DOS CATADORES DE MATERIAIS REICLÁVEIS ASSOCIADOS

Neste item analiso o *habitus* dos catadores de materiais recicláveis associados de Goiânia - “seus princípios geradores de práticas distintas e distintivas”, seus “esquemas classificatórios” (BOURDIEU, 1996:22) - a partir de sua produção simbólica.

Para tanto, tomo por base as reflexões e caracterizações empíricas desenvolvidas nos capítulos anteriores, isto é, as teorias de Beck (BECK, 1997), Bauman (BAUMAN, 2005) e Bourdieu, (BOURDIEU, 2007), as condições que definem o universo social dos catadores e da reciclagem e as observações e discursos coletados no cotidiano dos mesmos. A intenção é examinar seus símbolos, palavras, instrumentos, gestos, gostos, objetos, entre outros, a fim de criar “categorias sociais de percepção” que tentam distinguir o grupo como um grupo socialmente legítimo e compreender como estas dimensões subjetivas e interacionais permitem a elaboração de seus padrões identitários.

De acordo com Fraser, os grupos que lutam para reivindicar as bases de seus padrões identitários, no contexto em que identidades grupais substituem interesses de classe como principal incentivo para mobilização política, o fazem sob os aspectos do reconhecimento e da redistribuição (FRASER, 2001). No primeiro caso, eles lutam tentando chamar a atenção para suas especificidades e pela afirmação de seus valores. No segundo, pela abolição dos arranjos que causam a distinção entre os grupos, isto é, pela promoção da homogeneização a partir da minimização da injustiça econômica e cultural/simbólica a que estão sujeitos.

A autora ressalta que alguns grupos em específico são atingidos por ambas as injustiças, a cultural e a econômica. Neste ponto, a luta pela construção da identidade se estabelece simultaneamente pelo reconhecimento e pela redistribuição, o que requer a complexa e não-resolvida combinação de ações que, a um só tempo, reivindiquem e neguem suas especificidades.

Pelo que foi estudado até aqui, este último aspecto é o que mais se aproxima da realidade dos catadores de materiais recicláveis associados de Goiânia. Sua produção simbólica perpassa por componentes que visam à diferenciação com o catador de rua e à homogeneização do grupo através da inserção na sociedade de consumo.

A reflexão encontra-se organizada em três dimensões expositivas: na primeira ressaltamos os símbolos capazes de gerar a diferenciação dos catadores associados dos de rua. Na segunda, lidamos com os elementos promotores de sua homogeneização na sociedade formal. Por último, tratamos separadamente o papel do líder e as consequências de sua existência para o grupo.

A análise abaixo se baseou no segundo nível proposto por Bourdieu para caracterizar o exercício construtivista, a compreensão do momento subjetivista. Isso quer dizer que, através do estudo do *habitus* dos catadores associados, tentamos compreender a maneira como as estruturas sociais atuam na constituição das consciências e corpos dos indivíduos. Buscamos alcançar elementos e condições em que, na percepção dos catadores, se processa a “interiorização da exterioridade” utilizando categorias-chave do método: símbolos de diferenciação, símbolos de homogeneização e liderança.

4.2.1 Os símbolos de diferenciação

A análise de conteúdo das entrevistas e observações de campo permite reconhecer que no âmbito dos catadores de materiais recicláveis atuam dois tipos de símbolos: um primeiro promotor de sua diferenciação perante os catadores de rua, e um segundo, que tem o objetivo de promover sua homogeneização para com os padrões da sociedade de consumo.

Os símbolos de diferenciação parecem tratar de uma tentativa de estratificação auto-evidente (GOFFMAN, 1988), em que o grupo tende a diferenciar seus pares, tomando em relação aqueles mais evidentemente estigmatizados, os catadores de rua.

4.2.1.1 O significado da cooperativa/associação

Um primeiro aspecto observado quanto à produção simbólica do grupo como elemento para formação de sua identidade é a representação da cooperativa/associação. A entidade, mais do que um mero agrupamento de pessoas, codifica a possibilidade de distinção entre o catador associado e o de rua. Enquanto os primeiros são considerados organizados, limpos e trabalhadores, os segundos são vistos como desorganizados, sujos e em sua maioria, marginais. E isso se dá tanto na percepção dos catadores quanto da própria sociedade.

Quem é o catador de material reciclável, em sua opinião?(Pesquisadora)

“Pra mim existe uma diferenciação muito grande entre o catador e o coletor. O catador de rua é pra mim um bêbado, um ladrão, um desorganizado. Já o coletor é organizado, trabalha em cooperativas. Normalmente aquele que está na rua vem de família desestruturada e vê no lixo a única chance que tem de sobreviver. O coletor é diferente. Pra ele o lixo é como uma chance de ampliar seus rendimentos. Ele tem família, tem respeito das pessoas que tãõ do seu lado. Já o catador não, ele é excluído porque é sozinho, um bêbado, um marginal, normalmente” (Entrevistada L).

Por que vocês decidiram montar a associação?(Pesquisadora)

“A associação foi criada para dar valor aos catadores. A associação pode dar mais dignidade (...) A sociedade diferencia o catador organizado do catador de rua. Até para comprar em loja ajuda, porque as pessoas vê que é um negócio mais certo, mais garantido. Os vendedores não vão ficá na dúvida se podem vender para você ou não, porque tem endereço e telefone. Até o segurança do shopping mexe menos com você. Não vão ficar desconfiados, te seguindo. Mostra que você é diferente” (Entrevistada J)

Como você define um catador de material reciclável? (Pesquisador)

“Depende do estilo do catador ... se ele for... tem gente que é de cooperativa, de coisa toda certinha, que são mais organizados. Mas a maioria não tem muito crédito, porque parecem ser todos desorganizados... que catar é só uma forma de justificar um pedido de esmola, e não um trabalho” (Entrevistado 2).

Pertencer a uma cooperativa/associação é elemento capaz de promover a distinção entre o grupo de catadores de materiais recicláveis: enquanto o associado se vê como trabalhador, o catador de rua passa a percepção de ser uma pessoa tentando justificar um pedido de esmola. Se considerarmos a visão de Goffman podemos ir ainda mais longe: a associação/cooperativa atua como um símbolo de *status* para o catador associado, isto é, tem a pretensão especial de dar prestígio e garantir posição social ao catador. É isso se dá porque o modelo identitário desejado é contraposto a antigos modelos, e aos estereótipos, estigmas e rótulos, visando superar a injustiça

simbólica a que se julgam submetidos os catadores associados. Além disso, quanto mais os catadores se organizam em grupos, mais afastados da rua desenvolvem as atividades de catação e separação do material para reciclagem. Quanto mais organizada a associação/cooperativa, maior a presença de elementos que auxiliam no processo de coleta, como por exemplo, caminhão da prefeitura, caminhões próprios, parcerias com empresas, que permitem aos catadores não irem as ruas recolher resíduos.

“Ao invés de catar na rua, o caminhão traz pra gente. A gente só separa. A intenção é que daqui algum tempo a gente não precise mais catá na rua. É bom porque a gente fica livre do trabalho mais desgastante que tem. A rotina na rua é muito dura. Tem sol, tem poluição, tem os carros que não respeita a gente” (Entrevistado K).

Deixar de freqüentar a rua, mais do que evitar desgastes, resulta em representação bastante significativa para os catadores associados. A rua é o lugar onde vivem e trabalham os excluídos (BURSZTYN, 2003). É o local de quem vive a “desafiliação” (GOMES, 2000), isto é, o isolamento das relações sociais, de quem depende do mercado informal, catar papel, de vigiar carro e da velha condição de mendigo.

Além disso, a sociedade trata de forma diferenciada o catador organizado, visto como um “catador limpo, livre de vícios e sério”, mesmo que isso não signifique sua inclusão na sociedade formal. Esta percepção está ligada ao reconhecimento de que seu lugar não é a rua, ali não é sua moradia. Ele está apenas de passagem, apenas para coletar a matéria-prima necessária a seu trabalho.

Esse movimento de construção de associações e cooperativas, além de promover a distinção entre o catador de rua e o organizado, pode aqui ser tomado como uma nova forma de mobilização política, no sentido do que Beck nomeou de subpolítica, um verdadeiro processo de reinvenção da política, a partir das contingências, complexidades e incertezas advindas com a modernidade tardia. Nela se percebe a emergência de uma forma alternativa de se lutar pelo reconhecimento social, pela valorização da identidade, neste caso, dos catadores de materiais recicláveis, através da criação de oportunidades para que este grupo se faça ouvir e tenha participação na sociedade. Sinaliza uma tentativa de reação dos catadores, não apenas no sentido de superar adversidades para o crescimento econômico da atividade de catação, mas – ao mesmo tempo e principalmente – no sentido de superar a exclusão e obter reconhecimento social, através

da construção de espaços institucionais e simbólicos que promovam identidade e dignidade de grupo aos catadores.

Entre os agentes estudados, este fenômeno estabelece-se pela união do grupo em “empresas” democraticamente geridas, a partir dos preceitos da economia solidária, visando ao fortalecimento econômico dos catadores organizados, à promoção de sua diferenciação em relação aos catadores desorganizados e a sua aceitação frente à sociedade formal.

Coutinho, em visão similar, considera que, apesar desta alternativa não poder ser considerada emancipatória e de rompimento com o capitalismo, ela afirma-se como uma “estratégia de resistência e sobrevivência” (COUTINHO, 2004). Estratégia esta que parece ser usada não apenas pelos catadores de materiais recicláveis, mas por diversos grupos. Dados do Ministério do Trabalho e Emprego (2008) sugerem que entre 2003 e 2007 foram criados quase 8000 empreendimentos econômico-solidários, baseados nos preceitos da economia solidária, com visões de cooperação e contrapostos, em essência, ao modelo da competição capitalista.

Estamos tentando formar a cooperativa. Hoje ela ainda é associação porque não temos os vinte membros. Se conseguirmos isso vamos ter maior poder de barganha para negociar com a indústria. Só que pra isso é preciso ter volume, precisamos de mais gente, coletar mais...” (Entrevistado K).

4.2.1.2 Os ritos de iniciação na cooperativa/associação

Ainda tratando de associação/cooperativa, a existência de ritos de iniciação na catação organizada, seja através da averiguação de antecedentes criminais e da proibição do uso de álcool e drogas entre seus membros (Beija-Flor), seja pela existência de laços de parentesco e amizade (Coper-rama, A Ambiental), representa uma tentativa de diferenciação para os próprios catadores e para a sociedade, entre os “bons catadores e os ruins”, os limpos e os sujos, os organizados e os desorganizados. Este rito dá à associação/cooperativa a chance de zelar por sua imagem frente à sociedade, dizendo que seus membros não são marginais, que seu ambiente é seguro e diferenciado. Estimula ainda o significado de formação da identidade pela diferença. Ao negar os valores que não quer para si mesmo, contrapõe um modelo identitário desejado a modelos abominados e a estereótipos: promove seu *status* e sua diferença (símbolos de prestígio) ao mesmo tempo em que estigmatiza ainda mais a imagem da qual quer se livrar, despertando a

atenção para a discrepância entre os grupos (símbolos de estigma). Enquanto o catador associado luta para demonstrar que tem ficha limpa, que não tem problemas com a polícia, o catador de rua ainda é visto pela sociedade como um marginal⁴⁰.

Estes ritos, de acordo com as propostas de Beck e Bauman, demonstram uma tentativa dos excluídos de se fazer pertencer, de ser, se não igual, próximo ao perfil dos incluídos, lembrando que ser incluído representa, no contexto da modernidade tardia, um dos principais elementos impulsionadores da luta pela construção da identidade de grupos que ganham visibilidade nas sociedades que fazem a transição do século XX para XXI.

Analizando este aspecto a partir da visão de Goffman, podemos considerar os ritos de iniciação como símbolos desidentificadores⁴¹, que têm a função de lançar uma nova pretensão sobre o grupo e gerar dúvidas sobre a validade da identidade virtual a que estão sujeitos. Já considerando a ótica de Fraser e o dilema da redistribuição/reconhecimento, estes ritos representam parte da luta pela redistribuição simbólica da pesada carga de discriminação e desrespeito a que o grupo está sujeito.

Os grupos dos catadores, particularizados pela dureza das condições de trabalho e sobrevivência e pela convivência com agudos preconceitos, ilustram de maneira especial o dilema da redistribuição/reconhecimento. Nos termos estruturados por Fraser, o primeiro aspecto desse dilema aparece preenchido pela exploração e marginalização econômica dos catadores e o segundo aspecto, simultâneo, por uma pesada carga de discriminação e desrespeito a várias condições que lhes qualificam como grupo social portador de dignidade, aspirações e desejos específicos de distinção.

Para a autora, a solução para estes tipos de problemas pode estar na reestruturação político-econômica e/ou na mudança cultural ou simbólica. Podem, inclusive, envolver transformações mais radicais, como as modificações nos “padrões sociais de representação, interpretação e comunicação, a fim de alterar todas as percepções de individualidade” (FRASER, 2001: 252).

⁴⁰ Vide item sobre imaginário popular no capítulo III.

⁴¹ Para Goffman os símbolos podem ser efêmeros ou institucionalizados como canais de informações. Estes últimos podem transmitir três tipos de mensagens sociais: a primeira diz respeito aos símbolos de prestígio, que são reivindicações de status, honra ou posição social, a segunda refere-se aos símbolos de estigma que despertam a atenção sobre a discrepância de identidade, como, por exemplo, uma palavra pronunciada de maneira errada, marcas de uma tentativa de suicídio no pulso, etc. e por último os símbolos desidentificadores, que visam quebrar uma imagem de forma coerente numa nova direção desejada pelo ator. Para isso busca não só estabelecer uma nova pretensão como também lançar dúvidas sobre a validade da identidade virtual (GOFFMAN, 1988).

Nos casos das quatro associações estudadas, a solução para o dilema da redistribuição/reconhecimento é mútua, ocorre no aspecto econômico, com a intenção de formarem as associações e cooperativas onde buscam ter maior poder financeiro para negociar o volume de resíduos com a indústria, e no simbólico, a partir da forma como denominam o lixo. Para eles lixo é sinônimo de resíduo que pode ser reaproveitado e não algo inútil, que não tem finalidade.

“Estamos tentando formar a cooperativa. Hoje ela ainda é associação porque não temos os vinte membros. Se conseguirmos isso vamo tê maior poder de barganha para negociá com a indústria. Só que pra isso é preciso ter volume, precisamos de mais gente, coletá mais...” (Entrevistado K).

“Lixo pra mim é tudo. Lixo num é lixo. As pessoas precisa entedê a diferença. O que ceis chamam de lixo eu chamo de resíduo. Eu posso aproveitá ele pra um tanto de coisa. Lixo a gente num aproveita” (Entrevistada J).

4.2.1.3 O valor do uniforme e do crachá

Compartilhando da visão de Lash e estendendo a compreensão até aqui esboçada, observamos que a realidade dos catadores de materiais recicláveis está sujeita a regras inovadoras de inclusão e de exclusão como grupo social (LASH apud BECK, 1997). Neste aspecto, o uniforme e o crachá que alguns passam a usar no trabalho exercem função fundamental. Ambos imprimem fortes significados na diferenciação do catador organizado para o catador de rua: na visão dos primeiros, esse vestuário converte-se em símbolo que permite à sociedade formal traduzir a diferença entre o primeiro e o segundo, entre quem é organizado e quem é desorganizado, entre quem passa a impressão de “andar na linha” e quem é visto como marginal. Atuam como senhas de integração ou inclusão, capazes de permitir ao catador associado o acesso aos ambientes típicos da sociedade de consumo - lojas e *shoppings centers*, transporte público, etc.

Estes elementos podem ser considerados como estímulos para a formação da identidade pela diferença. Ao usarem o uniforme e o crachá⁴², os catadores associados negam os valores que

⁴² Novamente temos presente os símbolos desidentificadores (GOFFMAN, 1988).

não querem para si e criam mecanismos de contraposição entre o modelo identitário desejado e estereótipos dos quais querem se ver livres.

Confrontando os dados apresentados pela 1ª Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua, do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome com depoimentos coletados no trabalho de campo, temos uma referência de como acontecem as experiências de impedimento da entrada de catadores em locais determinados ou de realização de atividades, e quanto estas se tornam diferentes a partir do uso do uniforme/crachá. Enquanto o Gráfico 1 ilustra a discriminação sofrida pelos moradores de rua (inclusive catadores), o trecho da entrevista relata o papel do uniforme para a distinção do catador como organizado, e, portanto, como elemento de mais fácil assimilação e aceitação do mesmo pela sociedade formal.

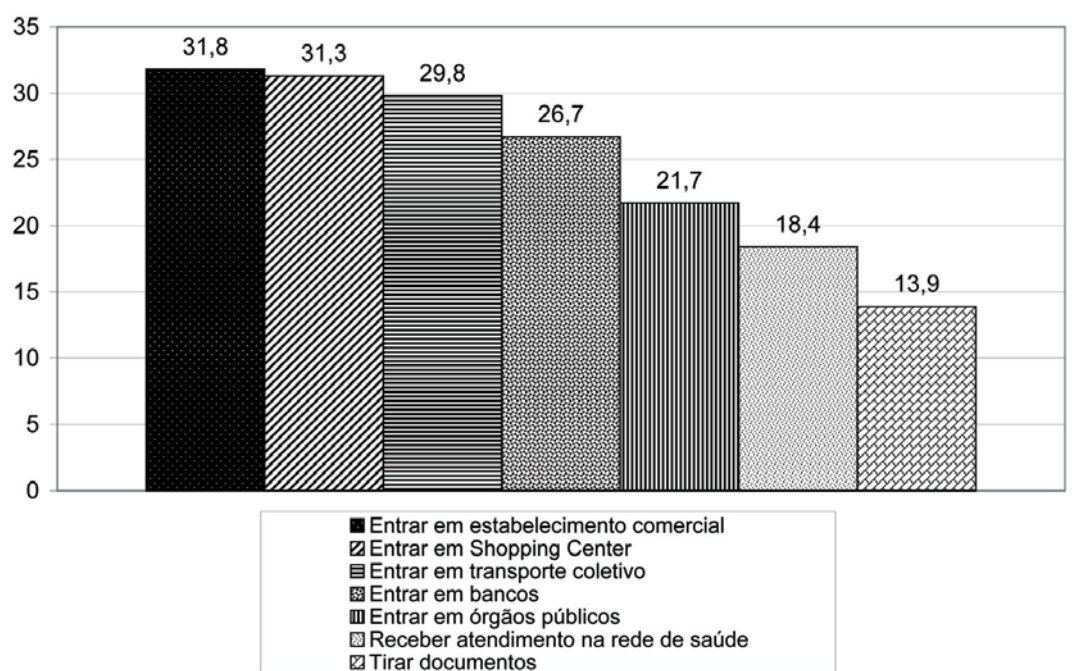


Gráfico 1: População em situação de rua segundo experiências de impedimento de entrada em locais ou para realização de atividades, 2007-8 (%)

Fonte: Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua (Dados da Amostra), Meta/MDS, 2008.

Nota: As colunas não totalizam 100% pois a informação é coletada em quesito de marcação múltipla. Mesmo gráfico encontra-se presente na página 77 desta dissertação.

“O uniforme é uma forma de se apresentar melhor para a sociedade, gera dignidade (...) até a polícia respeita mais. Se você estiver catando material a noite e a polícia passar, se você não estiver de uniforme eles vão querer procurar droga no seu carrinho, vão pedir para tirar tudo, dar baculejo. Agora quando você tá de uniforme não, eles nem te param. Passam, te olham um pouquinho e vão embora” (Entrevistada J).

Prossegue:

“A sociedade diferencia o catador organizado do catador de rua. Até para comprar em loja ajuda bastante, porque as pessoas vê que é um negócio mais certo, mais garantido. Os vendedores não vão ficar na dúvida se podem vender para você ou não, porque tem endereço e telefone. Até o segurança do shopping mexe menos com você. Não vão ficar desconfiado, te seguindo. Mostra que você é diferente. E nesse ponto o uniforme ajuda bastante. Ele é meio que um, um..., como é que eu vou dizê... uma forma de cê podê dizê pra sociedade que é organizado” (Entrevistada J).

4.2.2 Os símbolos de homogeneização

A seguir trato da segunda categoria de símbolos diagnosticados no universo dos catadores de materiais recicláveis: os que tentam promover sua homogeneização para com a sociedade formal de consumo.

De acordo com os enfoques de Beck e Bauman, ser incluído representa, no contexto da modernidade tardia, um dos principais elementos impulsionadores da luta pela construção da identidade de grupos que ganham visibilidade nas sociedades que fazem a transição do século XX para XXI. Demonstrem uma tentativa dos excluídos de se fazer pertencer, um desejo de se fazerem iguais aos incluídos.

4.2.2.1 O lixo como via marginal de inserção na sociedade de consumo: a busca do reconhecimento a partir da posse de mercadorias retiradas do lixo

Dentre os elementos do universo dos catadores que foram estudados, observou-se que as mercadorias retiradas do lixo, mais do que meros objetos representam um código social para o grupo. Possuir um objeto, mesmo que retirado do lixo, pode ser sinônimo de inclusão na sociedade de consumo.

Retomando Bauman destacamos que a posse de mercadorias, no contexto da sociedade de risco, aparece como importante instrumento na formação dos padrões identitários, tornando-se,

inclusive, para o autor, um dos substitutos das referências ortodoxas anteriores. É nela que a sociedade contemporânea busca a satisfação imediata de suas necessidades. É a partir dela que os que se encontram fora buscam ser incluídos no processo de consumo, já que todos, incluídos e excluídos, fazem parte de “uma sociedade que julga e avalia seus membros principalmente por suas capacidades e suas condutas relacionadas ao consumo” (BAUMAN, 2005:109).

Sendo assim, mesmo para aqueles grupos excluídos do processo formal de consumo, como os catadores associados de Goiânia, ao nos referirmos a Bauman podemos destacar uma tendência de que suas ações sejam estruturadas e orientadas pela síndrome consumista, mesmo que isso represente viver de mercadorias retiradas do lixo. A lógica do consumo, nesse contexto, serve às necessidades daqueles que precisam construir, preservar e renovar sua individualidade, sua autonomia como pessoa, sua própria responsabilidade por seus méritos e fracassos, influenciando, inclusive, grupos excluídos e marginalizados (BAUMAN, op. cit.).

Isso representa dizer que, ao catar um objeto do lixo, encontrar uma mercadoria descartada por outro e dela se apropriar, o catador de materiais recicláveis experimenta sensações (correntes de consciência, diria Schutz) de se considerar “como um membro” da sociedade de consumo, enxergando-se como alguém que possui bens, que está em consonância com os valores e atributos de seu tempo, com a moda. Passa a se referir à possibilidade de “renascer, deixar de ser o que é para se transformar em alguém que não é” (BAUMAN, id.: 16). Por exemplo: ao encontrar brincos no lixo, uma catadora tende a sentir-se integrada à sociedade de consumo e não mais alguém que está a par desse universo tão almejado. A vaidade que passa a sentir assemelha-se à de alguém que compra o mesmo par de brincos. (E isso vale mesmo se o brinco encontrado for de uma coleção que já está ultrapassada).

O pensamento sobre a posse dos bens, mesmo que retirados do lixo, é o de que pelo menos existe a possibilidade de se ter, se possuir um determinado bem, já que as mercadorias são vistas, pelo grupo, como símbolos de prestígio (GOFFMAN, 1988).

“Cê não credita na quantidade de bijuterias que eu tenho, todas catadas no lixo. Ali eu acho tudo, até dinheiro. Já achei um malote, mais fiquei sabendo que tavam procurando e devolvi. Tem batom, perfume, roupa, sandália. Eu não compro as coisas. Eu aproveito do lixo. Acho livro, caderno, tem até dicionário. Material escolar prus meus filhos então, nem se fala. Nunca comprei um caderno, tiro tudo do lixo. São coisas que eu num posso comprá. Queria que fosse doado, seria melhô, sabe, mas se não tem outro jeito, eu pego mesmo (...) tem tv, máquina de lavá. Tem coisa que vem com defeito que é só mandá arrumá e tem também outras que ce pega funcionando legal. Tenho um cordão

banhado de ouro, lindo..., lençol, toalha, tem vez que o povo deixa amarrado numa sacolinha, outras eles põe tudo misturado mesmo” (Entrevistada J).

A posse de mercadorias também é retratada como a realização de um sonho, e mais do que isso, de uma forma de se ter orgulho de si próprio.

“Hoje eu já consegui ter meu barraco, consegui alugar um espaço só pra mim. Minha próxima meta é conseguir realizar meus sonhos de consumo: tê uma televisão, depois um aparelho de som, uma geladeira, um fogão e com o tempo eu quero conseguir tê uma casa toda mobiliadinha. Hoje lá em casa só tem um colchão e uma coberta” (Entrevistado M).

Entretanto, quando tratamos da posse de mercadorias retiradas do lixo, é preciso considerar que a homogeneização não acontece com a simples posse. Para ser considerada um objeto de valor pelo catador, a mercadoria precisa estar limpa e aparentar aspecto que não lembre um objeto recolhido do lixo.

“Quando eu acho alguma coisa no lixo eu pego, separo, limpo, deixo ela com cara de novinha. Se cê olha nem parece que tirei do lixo” (Entrevistado N).

Isso se dá porque, apesar do lixo ser o principal e mais abundante produto da sociedade de consumo (BAUMAN, 2005), este é o lugar onde todos têm medo de estar. Recolher mercadorias do lixo pode ser sinônimo, muitas vezes, de não ter outra opção, de não haver outra forma de se “parecer incluído na sociedade de consumo”.

“Eu cato no lixo o que não tenho condição de comprar. (...) eu preferia ou comprar ou que as pessoas doassem pra mim” (Entrevistada J).

As observações e entrevistas também demonstram a natureza hierárquica das relações sociais mantidas pelos catadores, no interior de seus grupos de convivência e trabalho, de acordo com a posse dos bens, mesmo que sejam retirados do lixo. Quanto maior o número de bens, maior o *status* do catador e mais poder o mesmo tem frente a seu grupo (não se considerando outros fatores e influências, como por exemplo, o carisma). O fato da Entrevistada J e Entrevistado K, dentro da associação Beija-Flor, serem as pessoas que mais possuem bens na associação e que exercem ali o maior poder frente aos demais associados, ilustra com nitidez essa hierarquia. Em contrapartida, outro entrevistado, M, só possui um colchão e uma coberta, além do aluguel da casa em que vive. Enquanto aos primeiros confere-se posição de liderança e direção, ao segundo cabe função intermediária, de catador e separador.

“Lá em casa eu tenho TV, aparelho de som, maquina de lavá, tudo tirado do lixo”
(Entrevistada J).

“Hoje lá em casa só tem um colchão e uma coberta” (Entrevistado M).

Na associação A Ambiental verifica-se similar hierarquização. Entrevistada L, apesar de ser uma líder dentro do grupo, não é a presidente da associação. Mora em casa mais simples que a dos membros da diretoria. Enquanto na casa da presidente tem garagem, com carro, varanda e mais cômodos (além de serem mais espaçosos), a casa de L conta com apenas cinco cômodos pequenos (dois quartos, sala, banheiro e cozinha/área de serviço), sem forro e garagem. O mesmo ocorre em relação aos eletrodomésticos e móveis. A tendência parece ser de quanto mais bens, maior *status* entre os catadores.

Outro aspecto percebido quanto à posse de mercadorias retiradas do lixo, é que esta coleta, ao mesmo tempo em que proporciona a percepção de homogeneização do catador com a sociedade, por outro lado, representa um elemento de diferenciação, de estratificação auto-evidente (GOFFMAN, 1988): não são todos os catadores que se permitem recolher mercadorias do lixo. O catador mais pobre e com menos posses aceita com mais facilidade retirar bens do lixo e deles fazer uso. Já para o coletor, por exemplo, que não executa a catação de materiais nas ruas, mas trabalha a partir de uma rede de coleta, a retirada de mercadorias do lixo é sinônimo de depreciação de sua atividade. É uma forma de evidenciar a pobreza e a incapacidade para possuir bens a partir dos padrões convencionais.

“O coletor nunca cata nas ruas, nem pega mercadorias do lixo. O coletor é aquele que a partir da sua rede de relacionamentos, coleta e separa os materiais recicláveis. Quando precisa de alguma coisa ele compra, mas nunca cata do lixo. O lixo é um negócio e não meu provedor” (Entrevistada L).

4.2.2.2 O relacionamento com instituições sociais

Considerando o pensamento de Goffman, percebemos que o relacionamento das associações/cooperativas com a Prefeitura de Goiânia, com a Incubadora Social da UFG e com a Fundação Banco do Brasil representa mais do que um mero e simples contato entre entidades. O relacionamento das associações/cooperativas com instituições oficiais traduz a simbologia de

trazer credibilidade e aceitação dos catadores pelos que fazem parte da sociedade formal. Noutras palavras, atua como instrumento de homogeneização dos catadores para com a sociedade.

“Em certas circunstâncias, a identidade social daqueles com quem o indivíduo está acompanhado pode ser usada como fonte de informação sobre sua própria identidade social, supondo-se que ele é o que os outros são” (GOFFMAN, 1988: 55-56).

Por outro lado, a instituição e a regularidade de tais vínculos institucionais também reforçam a distinção dos catadores organizados frente aos catadores de rua. Mostra que os primeiros adquiriram um patamar de credibilidade diferenciada dos demais.

4.2.2.3 *Ser catador x estar catador*

Outro elemento de homogeneização do grupo em face dos membros da sociedade de consumo é o fato dos catadores considerarem sua atividade como ocupação provisória. Estão catadores, não são catadores. Durante as observações pode ser percebido que, para muitos entrevistados, ser catador é um estágio que pode durar enquanto não se encontram outras opções de sobrevivência. Para Gesser e Zeni, essa percepção vincula-se ao fato da catação ser considerada muito mais uma fonte de garantir trabalho e renda, do que um movimento de consciência ambiental ou uma escolha real e legítima da profissão (GESSER e ZENI, 2004). Além disso, a atividade da catação, como levantam várias pesquisas, está ligada principalmente à falta de opção dos catadores no mercado, causada pela diminuição das possibilidades de emprego e pelo crescimento dos riscos ambientais. Para Araújo e Silva, as crescentes exigências para o acesso ao mercado formal e a ampliação do desemprego são os responsáveis por levar um número cada vez maior de pessoas à catação de recicláveis (ARAÚJO e SILVA, 2008). Já Bursztyn acredita que, além dos fatores mencionados, há ainda a degradação das condições de vida de uma boa parcela da população, pela lógica econômica vigente, que transforma uma série de trabalhadores desempregados em pessoas “desnecessárias” ao circuito econômico e delinea novas formas de miséria: os “novos pobres”, que caem dos patamares de pobreza para a miséria, perdem qualquer função produtiva e para sobreviver acabam se inserindo no sistema de forma marginal. Fora tudo isso ainda são discriminados social e culturalmente, vistos como socialmente ameaçantes (BURSTYN, 2003).

Em vista desse quadro negativo, podemos compreender a ambigüidade ou oscilação identitária daqueles que se apresentam como catadores apenas durante a execução do trabalho, no período do expediente. Neste caso, ao terminar sua catação o catador elimina todas as demonstrações que o fazem estar catador: sujeira das roupas, falta de vaidade, entre outros. Ao sair da situação de trabalho e chegar em casa ele se reveste de outros referenciais simbólicos: andam com roupas limpas, de banho tomado, cabelos penteados, usam maquiagem e acessórios, se mulheres. Em nada recordam o aspecto e o cheiro de sujeira, de quando estão em contato com os materiais recicláveis. A mesma situação é observada quando existe a necessidade de se ter contato com outras pessoas, fora do ambiente de trabalho.

“Aqui na associação eu não me importo de ficar suja, até porque é complicado a gente ficar limpa. Tá o tempo todo separando material e eles sujam a gente. Mas quando eu tenho que ir numa reunião fora, ah, é bem diferente. Aí eu tomo banho, ponho uma roupa limpinha, uso minhas bijuterias, minhas maquiagens” (Entrevistada J).

O que este aspecto demonstra, a partir das explicações de Coutinho, é que este modelo de trabalho, ao invés de ser considerado como uma profissão está atrelado diretamente a “possibilidade de intermediar o atendimento às necessidades imediatas da sobrevivência (...) e totalmente investido de conotação econômica”, afetando, inclusive, a formação dos processos identitários dos trabalhadores.

Como mencionado por Sennet o capitalismo nos dias de hoje, com seu trabalho flexível, temporário, terceirizado, com ênfase no curto prazo, características presentes também no universo dos agentes estudados, diminui as possibilidades das pessoas construírem uma narrativa coerente para suas vidas a partir das experiências profissionais. As características do trabalho da sociedade de risco (precariedade, vulnerabilidade, fragmentação) impõem dificuldades ao processamento de identificações pelo intermédio da profissão, e conseqüentemente, a construção das identidades profissionais. Há a limitação das possibilidades de estabelecimento de vínculos interpessoais com o fazer, e com isso, são reduzidas as probabilidades de identificação com os outros e com o trabalho, ao menos na perspectiva da continuidade (SENNET, 2001).

Este aspecto também pode ser entendido através da visão de Bauman. Considerando sua visão, temos, neste grupo, um exemplo de identidade líquida, isto é, o pertencer e a identidade não são marcados pela solidez nem garantidos para toda a vida. Pelo contrário, tornam-se negociáveis e revogáveis, frágeis, fáceis de entrar e abandonar, principalmente pelo próprio modo

de se ser e de viver dos catadores (catação como falta de outra opção para sobrevivência, migração, preconceito e estigma).

4.2.2.4 O discurso ambientalista

Além dos itens abordados anteriormente, um conjunto simbólico que marca o universo dos catadores de materiais recicláveis estudados aparece em seu discurso, assinalado por pretensões de defesa ambiental. Em todas as entrevistas feitas e observações realizadas, notou-se a presença de componentes ambientalistas no discurso como forma de justificar a necessidade e a dignidade do trabalho exercido com o lixo. O discurso dos catadores legitima a catação como uma forma de contribuir para o futuro da própria sociedade.

“Tenho muito orgulho do papel que realizo. Me sinto uma agente ambiental e não uma catadora de lixo. Sou uma agente ambiental porque eu cato lixo para poder mostrar aos outros a preocupação com o amanhã. To preocupada com meus filhos, seus filhos, como é que eles vão vivê amanhã se a gente não cuidá do planeta hoje? Mexer com material reciclável é a forma que eu tenho de mostrar pros meus filhos, é o exemplo que eu dou pra eles, de como contribuir pra um mundo melhor. (...) é a minha forma de ajudar a conscientizar a próxima geração de que se eles continuarem poluindo vai ter uma hora que não vai dar mais” (Entrevistada J).

Nesse depoimento percebe-se grande preocupação em relatar os danos e as possíveis conseqüências no ambiente da produção do lixo e de seu descarte incorreto. Segundo o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, esta forma de expressão visa construir uma nova identidade profissional para o grupo, como agentes que desempenham um importante papel na cadeia da reciclagem. Tentam assim, na visão de Fernandes, combater a imagem negativa que detêm frente à sociedade e exaltar o valor de sua profissão. Para tanto, argumentam com as vantagens e benefícios que a atividade é capaz de trazer para o restante da sociedade, vinculam seus esforços à preservação do meio ambiente e atuam praticando a preservação ambiental junto à população que desconhece a importância da reciclagem do lixo e da preservação da vida do planeta. Afora esses argumentos ainda tentam modificar a representação do lixo, qualificando-o não como algo sujo, imundo, mas como materiais que podem ser transformados em dinheiro e alternativa de vida.

Para Beck, este tipo de discurso reflete uma das características dos riscos que marcam a transição do século XX para o XXI: as causas da experiência diária e das ações passam a ser determinadas pelo futuro, por algo inexistente e fictício. O discurso se faz repleto não de casos reais, mas de questões que poderiam acontecer (BECK, 1997). Na visão do autor, as crenças nos riscos que poderiam se tornar realidade faz mover os dias do presente. Além disso, este tipo de discurso se baseia na visibilidade que os riscos ganham na modernidade tardia. Por serem desconhecidos e imprevisíveis, pela aproximação de conseqüências imprevistas das ações humanas até então ditas como controladas e previsíveis, os riscos marcam uma nova ordem: tornam-se uma grande força de mobilização política, quando tornados conscientes. No caso específico do discurso ambientalista dos catadores, o que se vê é a abertura dos discursos públicos para a emergência das comunidades de risco, através dos conflitos gerados pela destruição ecológica advinda com o desenvolvimento tecnológico/industrial.

Observa-se ainda que o discurso ambientalista dos catadores, além de ser homogêneo e constante nos diferentes grupos pesquisados, apresenta-se afinado aos conceitos e significados transmitidos pela mídia de massa. É nela que, muitas vezes, buscam seus argumentos e justificativas. A relação entre o discurso e a mídia desempenha um papel essencial no contexto da sociedade de risco. É a mídia que permite sinalizar os riscos e explorá-los, através da digitalização as imagens, da divulgação e da visibilidade. Ela é capaz de transformá-los em realidades virtuais, de materializá-los (BECK, 1997).

“O entrevistado K tem um conhecimento de vida muito grande. Mas ele também assiste muitos jornais e sabe falar de um tanto de assunto. Fala de política, economia, ecologia. Esses tempos pra trás ele tava me falando sobre tsunami, aquecimento global, tava me explicando que como o povo não cuida direito do meio ambiente esse tipo de coisa acaba acontecendo” (Entrevistada J).

Outro aspecto a ser considerado quanto ao discurso ambiental dos catadores é o papel que pode ser desempenhado pelos filhos dos mesmos, quando se tem interesse em reconhecer a importância do catador. Os catadores instruem seus filhos a repassar e divulgar, entre as crianças e jovens de seu envolvimento, a importância da reciclagem, de se cuidar do meio ambiente, e conseqüentemente, da importância do catador como instrumento para promover o futuro da natureza e da vida humana no planeta. As crianças atuam como multiplicadores do discurso de reconhecimento do grupo a partir da disseminação dos exemplos a que têm acesso em casa.

“Tenho o maior orgulho da minha filha de 10 anos. Ela é uma líder nata. Sabe que ela faz meio que palestras na escola dela, e mostra para os amiguinhos o quanto a reciclagem é importante. Ela já aprendeu a tratar o meio ambiente. Ela separa todo o lixo que produz e passa isso pra frente na escola” (Entrevistada J).

4.3 O papel do líder

Um último aspecto simbólico aqui realçado, capaz de influenciar na formação da identidade dos catadores, conduz para o papel do líder do grupo, principalmente se considerarmos que após os anos 80, com o enfraquecimento e a fragmentação das identidades sociais e políticas, perdem força os modelos de representação tradicionais.

Isso quer dizer, que desse período em diante, os modelos de representação até então existentes são questionados, compondo-se “a imagem de uma sociedade que carece de uma imagem de si como unidade, uma sociedade sem vértice nem centro, um sistema de porta-voz e sem representação interna”, uma “sociedade polimorfa” (GALLIL apud NOVARO 1995:85). Com isto fortalecem-se as solidariedades locais e as demandas pontuais, a convivência de tendências a atividades políticas não-institucionais e o desaparecimento de atores sociais capazes de encarnar interesses gerais e de suportar o passar do tempo (NOVARO, 1985).

É um período que marca a fragilização de identidades coletivas em geral, causadas, na visão de Beck, entre outros motivos, pela emergência dos movimentos subpolíticos, que se caracterizam pela perda da credibilidade das instituições que deveriam garantir os direitos básicos da população, tais como indústrias, economia, sistema legal, ciências, política e pelo aparecimento de instituições, atores e arenas organizados, de fora do sistema dos estados nacionais e que questionam o modelo central. Representa a modelação da sociedade de baixo para cima, na perda do poder de implementação, no encolhimento e na minimização da política. É uma oportunidade para que os mais diversos grupos sociais se façam ouvir e tenham participação na sociedade, através da “passagem de identificações por alteridade para identificações por encenação” (MARRAMAO apud NOVARO, 1995:85).

A esses líderes cabe não apenas agregar e expressar interesses, mas sim um ato de “criação de um público”, a partir de sua legitimidade. Representar se torna sinônimo de personificar, de dar forma ao representável. O líder se torna, portanto, o canal de identificação,

sem o qual os liderados podem se desinteressar e despolitizar, o símbolo maior das qualidades e habilidades do grupo (NOVARO, 1995).

Em aspectos decisivos, esse papel de conferir unidade ao grupo através de um discurso propiciador de “auto-imagem” e “representação interna”, tem sido característico nas lideranças das associações pesquisadas, com maior nitidez na Beija-Flor e na A Ambiental. Seus líderes são fortes, servem como fontes de informações e inspiração para os respectivos associados, direcionam as decisões a serem tomadas por expressarem confiança e representarem instrumentos de coesão grupal: pelo conhecimento e respeito que detêm, mantêm a unidade em relação à formação das associações/cooperativas e da independência econômica.

Por outro lado a inexistência de uma liderança de peso na Coopermas, apesar de legítima,⁴³ tem feito com que vários de seus associados pareçam desestimulados pelo negócio da catação organizada. Críticas, questionamentos sobre as direções tomadas pela presidência e alta direção, rixas e discussões internas são freqüentes, formando um ambiente de desunião e que incentiva os associados a apegarem-se a interesses particulares. Durante uma das visitas a esta associação foi presenciado um fato ilustrativo da situação. Em reunião para definir novas regras para constar do estatuto, vários associados se levantaram, protestaram, acirraram os ânimos dos demais presentes, questionaram o papel do presidente e da diretoria da associação, deram as costas e saíram. Aos que ficaram o clima de insegurança não permitiu dar continuidade à organização do documento.

Em situação intermediária encontra-se a Coper-rama. Nesta associação o líder maior do grupo também não é o presidente da associação, mas tem seu espaço garantido pela confiança e pelos resultados que já trouxe ao grupo. Ele foi responsável, no início das atividades, por articular contatos com a Comurg, na tentativa de se conseguir um caminhão para auxiliar o grupo na coleta dos resíduos. Esta ação favoreceu tanto seu prestígio quanto a união do grupo.

Por último, vale a pena mencionar que, de acordo com as observações feitas, os modelos de liderança mais fortes foram responsáveis pelos desenvolvimentos mais completos de transformação das associações em cooperativas. Tanto na Beija-Flor quanto na A Ambiental, a presença de lideranças fortes e atuantes proporcionaram aos grupos decidirem mais rapidamente sobre a composição da diretoria, formação dos estatutos, aprovação dos mesmos, além de

⁴³ A escolha do presidente da Coopermas aconteceu por votação direta, por todos os associados, em junho de 2008. A decisão foi acompanhada diretamente pela Incubadora Social da UFG, responsável por organizar e fiscalizar o processo eleitoral.

definições burocráticas, como definições quanto à identidade visual (marca, uniformes, crachás, papelaria, etc), aprovações frente aos órgãos oficiais, entre outros.

No caso da Coopermas, a falta de uma liderança de peso fez da definição do estatuto da cooperativa um processo moroso e cheio de temores quanto a possíveis perdas financeiras individuais. Enquanto na Beija-Flor e na A Ambiental a aprovação do estatuto não levou mais que uma assembléia, na Coopermas, foram necessários três encontros para a aprovação das regras da casa. Além disso, nota-se nesta associação maior preocupação que nas outras com interesses individuais, tais quais remuneração individual e possibilidade de perdas financeiras individuais.

4.4 O DISCURSO DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS

Nesta terceira parte do capítulo, trato do discurso dos catadores de materiais recicláveis, considerando os direcionamentos fenomenológicos que implicam na análise do discurso, isto é, o “que quem fala quis dizer” (SCHTUZ, 1979: 169).

4.4.1 O significado subjetivo do discurso dos catadores de materiais recicláveis associados de Goiânia.

A partir do discurso dos agentes analisados pode-se perceber a formação de algumas categorias que auxiliam no entendimento do universo dos catadores de materiais recicláveis associados de Goiânia. São estas categorias, junto com as demais apresentadas até aqui, que contribuem para o significado da percepção que o grupo tem de si mesmo e de sua inserção na vida social. Elas definem os limites que permitem aos seus integrantes se diferenciarem com grupo social legítimo.

A primeira delas trata da representação do lixo. Num contexto de abundância, de consumo e de risco, os sentidos dados ao lixo não se reduzem a um montante de objetos inúteis e descartáveis. Para o grupo dos catadores de materiais recicláveis, especificamente, o lixo ganha um novo significado, torna-se sinônimo de sobrevivência. É a um só tempo destino e fonte de

materiais que podem ser transformados em dinheiro e fonte de renda (FERNANDES, 2004), garantindo o próprio sustento e o dos familiares.

Isso acontece devido a, pelo menos, três fatores que ganham visibilidade na contemporaneidade: o crescimento do colapso ambiental, a falta de oportunidades no mercado de trabalho formal e, conseqüentemente, a necessidade de obtenção de renda por vias marginais, tendo em vista a baixa escolaridade e experiência dos catadores.

Sem outra opção de trabalho, os catadores transformam a catação de lixo em uma forma de se sustentarem e para alguns até mais que isso, conforme sugere Entrevistada N, “*uma profissão como qualquer outra*”.

Neste caso, faz-se relevante registrar que o lixo precisa ser legitimado para o próprio catador e deste para a sociedade. Para isso, lixo e catação são apresentados a partir das vantagens e benefícios que oferecem para a vida da sociedade. Os catadores, em diferentes situações discursivas, insistem na condição distintiva da atividade, de contribuir para a redução dos riscos ambientais. Fernandes explicita alguns resultados inerentes à importância dessa condição. “...calçadas limpas, menor risco de enchentes, uma vez que [os catadores] retiram diariamente grande parte do lixo nas ruas, além de desonerarem a prefeitura pelo pagamento por este serviço” (FERNANDES, 2004: 16).

Assim, no discurso dos catadores, o lixo deixa de, apenas, representar rejeito que o caminhão de lixo leva embora, digno de humilhação para quem dele faz uso, para ser mais fortemente percebido como resíduo, como material reciclável, isto é, aquilo que “*ainda pode ser aproveitado*”, que “*tem valor comercial*”, “*um negócio*”, uma “*forma de se alcançar a estabilidade*”, “*um trabalho independente*”. São duas visões que coexistem no imaginário dos catadores, de maneira conflitiva embora não-excludente, ambas fornecendo conteúdos e motivos para alimentar a contraditória auto-imagem e a identidade desse grupo social.

Outra representação possível de ser destacada mostra a distinção feita pelos catadores em relação à profissão de coletor de lixo. Em seus discursos é notável a distinção do que seja um catador de lixo, um lixeiro e um catador de material reciclável⁴⁴. Definem-se, claramente, os padrões de distinção entre as três ocupações.

⁴⁴ Considerando a visão de Goffman, a distinção entre o catador de lixo, o lixeiro e o catador de material reciclável podem ser entendidos a partir das técnicas de controle da informação. Neste caso específico trata-se de uma “estratégia de encobrimento que apresenta os signos de estigma como um signo de um outro atributo que seja um estigma menos significativo” (GOFFMAN, 1988:106).

Sendo assim, segundo os grupos A Ambiental, Coopermas e Beija-Flor o catador de lixo é o mendigo, aquele que retira do lixo sua comida, sua sobrevivência física: depende do lixo para comer. A ele é reservado “o lugar dos marginais”, dos “miseráveis”, “daqueles que não têm nada na vida, nem mesmo dignidade”.

Como lixeiro, os entrevistados da Coper-rama entendem o local reservado a dois papéis sociais distintos: o primeiro, “a profissão de lixeiro, aquele que recolhe o lixo nas ruas” (tanto pelo caminhão da prefeitura quanto pela varrição de rua), e o segundo, referente “àquele que suja, que produz o lixo”. Quanto aos lixeiros profissionais, a visão é a de que “apesar do lixeiro ser lixeiro, hoje todo mundo quer ter um emprego como este”. E isso acontece porque entram em cena os riscos e a insegurança típicos na modernidade tardia. Com a transformação das ameaças e problemas produzidos pela sociedade industrial, com a convivência diária com riscos, medos e incertezas abalando as suposições fundamentais da ordem social convencional, inclusive as bases das idéias sociais de segurança, possuir um emprego público, estável, salário e aposentaria certos, representa a oportunidade de “fazer parte do mundo formal”, mesmo que para isso seja necessário lidar, cotidianamente, com atividades consideradas impróprias para os seres humanos. “É a chance de ter um emprego, de ter aposentadoria, de ter estabilidade”.

Em terceiro lugar, há o catador de material reciclável, também autodenominado de coletor ou agente ambiental. Na concepção da A Ambiental e da Beija-Flor, dentre as ocupações mencionadas anteriormente, ao catador de materiais recicláveis é reservado um lugar diferenciado, de destaque, nobre. Isso acontece, porque segundo eles, seu papel é o de garantir sua própria sobrevivência e o de todos, a partir da possibilidade de manutenção de um mundo melhor, mais saudável e mais ecológico. A função do catador “é preservar o meio ambiente”, “garantir a qualidade de vida da sociedade”. Esta forma de se distinguir dos demais elementos da cadeia do lixo tenta diferenciar a imagem marginalizada do catador de rua da atividade necessária e valorizada do catador organizado. Neste aspecto, os relatos recolhidos se aproximam novamente da pesquisa de Fernandes, que demonstra que o catador, para exaltar o valor de sua profissão, tenta conscientizar a sociedade das vantagens e benefícios que traz para sua vida. E faz isso principalmente a partir do resultado material que conseguem acarretar para a cidade em que estão inseridos. Vinculam também seus esforços a preservação do meio ambiente, tanto em seus discursos, como através de ações que visem à educação ambiental da população que desconhece a importância da reciclagem do lixo e da preservação da vida do planeta.

No discurso dos catadores de Goiânia, estas duas características ocupam posição central, tornando relevante as autodenominações de “*agentes ambientais*” e “*ajudantes do meio ambiente*” e enaltecendo a finalidade de sua ocupação.

“Sou muito orgulhosa de ser uma agente ambiental. A gente aqui na associação está preocupada com o dia de amanhã, com o futuro dos meus filhos e também dos seus, dos outros. As pessoas não vê que a gente cata material reciclável não para a gente, mas para pode contribuir para o mundo” (Entrevistada J).

E continua

“Não tô só pensando em dinheiro e tento combater isso nas reuniões internas e externas que participamos. Nós queremos que as pessoas ajam para o mundo e não só para ganhar dinheiro. Queremos que eles protejam as próximas gerações, quero conscientizar as pessoas lá fora, que estão poluindo a natureza. Mas não é fácil porque nós somos taxados como catadores de lixo. Mas não somos nós que polui, nós somos agentes ambientais, mas a sociedade trata a gente como catadores de lixo (...) é mais que uma profissão, é uma maneira de sobreviver, mexer com lixo é tudo, é muito importante. (...) não é só o poder público que tem obrigação de fazer isso. Mas infelizmente é só agora que isso tá fazendo parte da vida das pessoas. A pressão da televisão está muito grande” (Entrevistada J).

Já no tocante à educação ambiental podemos mencionar a distribuição de folhetos pela A Ambiental, na tentativa de divulgar para a população do bairro Itatiaia a importância da preservação do meio ambiente. “*Nós já distribuimos uns folhetos aqui no bairro para conscientizar as pessoas da importância da reciclagem*” (Entrevistada Z). No mesmo tom estão as palestras ministradas na escola, pela filha dos entrevistados J e K, da Beija-Flor e a intenção da Entrevistada J em escrever um livro sobre reciclagem.

“Minha filha faz umas palestras na escola dela. Ela ensina para os coleguinhas a importância da reciclagem” (Entrevistada J).

“Ainda vou escrever um livro contando para as pessoas sobre reciclagem. Elas não sabem o tanto de coisas que podem ser recicladas, o tanto de jeito que você pode ajudar o meio ambiente” (Entrevistada J).

A partir dos discursos coletados na pesquisa foi possível traçar uma tendência de perfil do grupo de catadores de materiais recicláveis associados. São percebidos dois perfis de catadores: o catador que vive sozinho, em completa desestruturação familiar, e os que têm apoio da família e

enxergam na catação de materiais recicláveis a possibilidade de resolver seus problemas de falta de emprego e renda.

O primeiro grupo é composto por pessoas que brigaram com a família e dela se separaram, ou ainda que nunca a tiveram ou estas os rejeitaram por serem alcoólatras, drogados, ex-presidiários ou qualquer outra situação marginalizadora. Vivem da catação para garantir à sobrevivência. Vêm, em muitos casos, migrados de outras regiões mais pobres, da zona rural e do nordeste do país.

O segundo é formado, em sua maioria, por famílias que já se encontram na cidade de Goiânia há algum tempo ou que são naturais do município. Para eles a catação é a opção encontrada para se alcançar sonhos (formar uma filha na faculdade, adquirir um bem) não deixando, entretanto, de ser uma forma de suprir a falta de emprego e renda. Representa ainda à possibilidade de melhorar o acesso da família aos bens de consumo e ao seu reconhecimento social.

Quanto aos motivos para se tornar catador, também o discurso reforça que a necessidade de sobrevivência define o envolvimento das pessoas na catação. “*Não encontrei outra coisa pra fazê*”, “*Tô aqui porque não tive escolha, era catá ou robá, catá ou passá fome*” são menções recorrentes nas entrevistas. Neste aspecto os resultados aproximam-se dos de outras pesquisas já realizadas na área, como Bursztyn e Gesser e Zeni. No caso desta última são observadas algumas diferenças quanto à função do discurso ambiental. Enquanto para as autoras a catação demonstra ser uma fonte de garantir trabalho e renda, mais do que um movimento de consciência ambiental ou de uma escolha real e legítima da profissão, na pesquisa de Goiânia há o aspecto da catação ser fonte de sobrevivência, mas considerando-se que a ‘consciência ambiental’ cumpre a função de abastecer a matriz identitária e o discurso dos catadores.

O lixo como opção de sobrevivência também aparece em Lash, para quem o período de transição do século XX para o XXI promove, além de um processo de inovação, que modifica toda a estrutura social da vida contemporânea, uma reorganização das formas de conhecimento e das desigualdades sociais. A distribuição da informação e das oportunidades de acesso aos seus meios, na sua visão, não só compelem como impossibilitam a reorganização da produção, da circulação, da acumulação de capitais e do consumo. A seletividade do conhecimento gera novas formações e regras de inclusão e exclusão (LASH, *apud* BECK, 1997). No caso dos catadores, a desqualificação que marca sua condição social e produtiva acaba por gerar, para o grupo, a falta

dos conhecimentos necessários para ingressarem no mercado formal de trabalho, por um lado, e por outro, os empurra para atividades consideradas efeitos colaterais indesejados da modernidade.

Dentre os catadores de materiais recicláveis estudados foi percebido ainda uma baixa auto-estima. Em todos os perfis pesquisados nota-se que, tanto individualmente quanto em termos de grupo, há acentuada baixa-estima. Este sentimento parece ocasionado ora pela vergonha e humilhação de se trabalhar com o lixo ora pelo sentimento de se considerar inferior ao restante da sociedade e pode ser observado nos gestos e comportamentos dos entrevistados, que em sua maioria mantêm cabeça baixa ao falar com entrevistadores, e pela necessidade de atenção constatada no dia-a-dia das entrevistas. O fato de poder relatar sua história, suas dificuldades e vitórias, de ter alguém prestando atenção em sua vida, modifica a fisionomia do catador entrevistado, fazendo-o sentir-se socialmente reconhecido.

A baixa auto-estima tende a gerar implicações prejudiciais a toda a categoria. Pelo que foi levantado na pesquisa, ela faz com que seus membros sintam-se desvalorizados em sua atividade, *“sinto que o que faço não tem valor, as pessoas não reconhecem que ajudo a fazer do futuro de todo mundo um pouco melhor”*, de fazer parte do grupo em que estão participando ou, que não queiram para seus filhos, o mesmo futuro que os seus, *“não quero que meus filhos sejam catadores, eles não precisam sofrer desse tanto”*. Mas ao mesmo tempo, paradoxalmente, não largam a atividade, visto que dependem dela para sobreviver.

As bases desse sentimento podem ser compreendidas, segundo Gesser e Zeni, pelos relatos dos catadores, marcados, em sua maioria, pela exclusão social e por sentimentos como sofrimento, *“a catação é uma vida de muito sofrimento”*, humilhação, *“já passei por várias situações em que as pessoas humilham a gente na rua, até mesmo dentro de casa isso acontece”*, desqualificação social, *“muitas vezes te tratam como bicho, como se você não tivesse sentimento”*, vergonha, *“eu já tive vergonha de fazer o que faço, hoje não tenho mais”* e *“necessidade de se sentir gente”*. Há ainda a aflição causada pelo olhar negativo e marginalizador da sociedade em geral acerca da atividade, a exclusão econômica e política a que ficam sujeitos e à visão negativa construída em decorrência de sua história mostrar-se vinculada ao lixo.

Percebeu-se também que no universo psicológico dos catadores de materiais recicláveis predominam as preocupações cotidianas individuais sobre as coletivas. Suas preocupações, quando coletivas, dependem da implicação de como isto pode lhes afetar individualmente. Um

dos exemplos notados é a decisão do catador de fazer parte de uma cooperativa de catadores de materiais recicláveis e da forma como será feita a distribuição dos lucros. Em situação presenciada na Coopermas, durante reunião para definir a repartição dos ganhos que a futura cooperativa fosse ter, pode-se observar que a grande maioria dos catadores reclamou e protestou sobre a possibilidade de ter seus dividendos diminuídos, em função da distribuição com os demais (e isso poderia influenciar diretamente em sua renda e na sobrevivência de sua própria família) e da sobrecarga de trabalho e dedicação de uns em detrimento de outros.

“Mas o que eu vou ganhar com essa cooperativa? Se eu tiver que dividi o dinheiro com todo mundo eu não vou ganhá o que eu ganho hoje. Como é que eu vou pagá minhas contas?” (Entrevistado AA).

“Ah, não sei não. A gente se mata de trabalha aqui e tem gente que não faz nada. Eu não vou trabalhá pros outro que nem trabalham ganharem nas minhas costas não. Eu venho direitinho, faço meu serviço. E quem não faz? Como é que vai sê?” (Entrevistada P).

Para explicar esse aspecto, retornamos a Gesser e Zeni, que consideram a valorização de preocupações individuais decorrentes do processo de exclusão social e política a que o grupo está sujeito. Para as autoras, as privações em decorrência da pobreza e da falta de acesso aos direitos garantidos por lei incentivam reações desta natureza, no mero intuito de sobreviver (GESSER e ZENI, 2004). Beck também fornece argumentos capazes de explicar a sobreposição de preocupações individuais às coletivas. Para ele, os comportamentos na modernidade tardia tendem a ser individualizados. Seus cimentos ontológicos marcam uma sociedade volátil, marcada por ações descuidadas em relação ao futuro, egoísta e hedonista (BECK, 1997).

Uma das questões mais marcantes no estudo do grupo de catadores associados é o preconceito. Ele está presente na grande parte dos discursos analisados. Há o receio constante da marginalização pelo olhar do outro, de fazer parte de um grupo estigmatizado.

Na Coper-rama, por exemplo, uma das catadoras, Entrevistada V, relatou que uma vizinha, que tem um filho de sete anos, passou por uma situação desagradável na escola, onde os colegas começaram a fazer-lhes gozações, dizendo que sua família vivia do lixo, que sua mãe era lixeira, que sobreviviam de imundícies. A criança, após enfrentar a situação, disse não querer mais que a mãe catasse resíduos e que caso a situação tivesse continuidade pararia de estudar. A mesma situação viveu a filha de uma catadora.

“Minha vizinha me contou que o filho chegou em casa dizendo que não queria mais ir pra escola enquanto ela continuassem catando na rua. Ela ficou sem entender e perguntou o porquê daquilo pro menino. Ai ele disse que na escola as outras crianças ficavam falando que ele era filho de catadora de lixo, que a família dele vivia do lixo, que eles eram imundos, que a mãe era lixeira” (Entrevistada V).

Outras formas de preconceito também são relatadas pelos entrevistados, como o olhar de superioridade de quem os vê mexendo no lixo e aquele vindo de pessoas próximas. Para exemplificar o primeiro caso há a fala da catadora Entrevistada N, da Coopermas, *“muitas vezes somos tratados como se fossemos o próprio lixo e isso machuca muito”*. Na segunda forma de preconceito, a catadora Entrevistada P, também da Coopermas, que expôs que sua irmã, ao saber que ela estava catando lixo humilhou-a, dizendo que ela era uma vergonha para a família, que não poderia expor a família a tamanho constrangimento. *“A minha irmã me disse um dia que eu era a vergonha da família. Como um membro da família podia mexer com lixo?”*

Há os relatos relacionados aos vizinhos. Como boa parte dos catadores de material reciclável entrevistados armazena materiais nos próprios quintais, há o medo de que a dengue e doenças provindas de ratos e baratas atinjam as pessoas ao redor. Neste caso, são várias as narrativas que contam como os vizinhos, pelo medo, acabam insultando os catadores, chamando-os de sujos, porcos, inferiores e de pessoas que vivem no submundo.

“O povo aqui tem medo de pegar dengue, por causa das coisas que a gente tem em casa, das latinhas, garrafas... mas a gente sempre deixa tudo limpinho, organizadinho. Joga remédio para não dá doença, mas mesmo assim o povo discrimina, xinga, diz que a gente é porco, imundo, sujo...” (Entrevistada P).

Por último, há o receio de serem considerados lixeiros. Para os catadores associados o lixeiro é sempre o outro, ou o que trabalha catando lixo nas ruas, através do caminhão da prefeitura, ou da varrição, ou ainda aquele que produz o lixo, mas nunca o catador de material reciclável. *“Não sou catador de lixo, sou catador de material reciclável”*.

Em se tratando de preconceito, o movimento de consciência dos entrevistados nos permite ainda perceber que o universo dos catadores não envolve apenas discriminação. Ele também dá lugar à estigmatização, a partir do preconceito interno do próprio catador para consigo mesmo. As entrevistas demonstram que estes agentes não querem que seus filhos sigam seu mesmo caminho. Quando perguntados sobre quais profissões gostariam que seus filhos seguissem, se esperam que eles trilhem os mesmos caminhos deles na catação, vários foram os entrevistados

que demonstraram não desejar que seus filhos sejam catadores. Os argumentos para isso estão relacionados principalmente às dificuldades dadas pelo preconceito. Ao mesmo tempo, dizem querer que os filhos sejam alguém na vida.

“Não quero que minha filha seja catadora. É uma vida muito sacrificante. Quero o melhor pra ela e isso aqui não é o melhor. Ela tem 16 anos, estuda e quer fazer direito...quero que eles sejam bem de vida. Eu sou alguém na vida, tenho orgulho do que faço, mas não quero isso pra ela de jeito nenhum. É um mundo de muito preconceito. Você é chamado de catador de lixo o tempo todo” (Entrevistada P).

Paralelo aos preconceitos e estigmas demonstrados até aqui, há o estigma do próprio catador para com os outros catadores. Isso acontece principalmente com relação ao catador de cooperativa x o catador de rua. Nota-se no discurso dos entrevistados uma grande necessidade destes de se diferenciarem dos catadores considerados marginais, dos renegados pela sociedade. Não querem ser confundidos com a imagem negativa do catador de rua, ligada ao universo do álcool, das drogas e de crimes. E neste aspecto o associativismo é a grande arma para diferenciá-los dos demais, como já discutido anteriormente. *“Não sou catador de lixo, sou catador de materiais recicláveis. Catador de lixo é quem depende do lixo para comer, de quem mora na rua e não tem do que viver”.*

O entendimento dessas questões requer voltarmos ao pensamento de Goffman sobre a autocontradição básica existente em indivíduos estigmatizados. Para ele, grupos com atributos depreciativos, como os catadores de materiais recicláveis, acreditam em seus sentimentos mais profundos, que são pessoas normais, seres humanos como outros quaisquer, criaturas que merecem “um destino agradável e uma oportunidade legítima” (GOFFMAN, 1988:16), embora se definam como marginalizados. É difícil, portanto, para eles, aceitarem as marginalizações e imposições dos ‘normais’.

Para tentarem combater estas sensações a que estão sujeitos buscam corrigir indiretamente o atributo depreciativo (não conseguem livrar-se diretamente dele já que não encontram outra opção de renda), ora escondendo ou eliminando os símbolos de estigma, *“...não quero mais que minha mãe cate...”*, ora pelo uso de símbolos desidentificadores, *“...mas a gente sempre deixa tudo limpinho, organizadinho...”*, ora pela apresentação dos signos de seu estigma como signos de um outro atributo que seja um estigma menos significativo, *“Não sou catador de lixo, sou catador de materiais recicláveis”*. Agem ainda a partir de uma estratificação auto-evidente (GOFFMAN, op. cit.), em que estratificam seus pares conforme o grau de visibilidade e

imposição dos estigmas. *“Ser coletor é diferente de ser um catador de material reciclável. Catador vai pra rua, o coletor não. Ele tem uma rede de pessoas que o ajudam”*.

Por fim, podemos observar que o preconceito leva o grupo de catadores de materiais recicláveis a uma situação em que há ambivalência de identidade (GOFFMAN, 1988:118). Por mais que tentem se afastar de seu grupo, apoiando as normas da sociedade mais ampla, “sua identificação psicológica e social com os transgressores os mantêm unidos ao que repelem, transformando a repulsa em vergonha e, posteriormente, convertendo a própria vergonha em algo de que se sente envergonhado. Em resumo, não pode nem aceitar o seu grupo nem abandoná-lo” (GOFFMAN, op. cit.:118). *“Por mais que eu sinta vergonha do que faça, eu não tenho outra forma de sobreviver”*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa “Risco e consumo – a construção da identidade a partir do lixo” teve como objetivo compreender como os grupos formados, a partir do contexto da sociedade de risco, de novas formas de vida individuais e coletivas, e de novas instituições, configuram suas identidades distinguindo-se como grupos sociais legítimos. Para tanto, baseou-se num universo específico, os catadores de materiais recicláveis associados de Goiânia.

O desenvolvimento das leituras e do trabalho de campo conduziu a caracterizações empíricas e a compreensões sobre esse grupo, que o contextualizam como formação social típica da modernidade tardia, etapa regida pelas lógicas simultâneas da sociedade de risco, dos impulsos ao consumo e da busca de distinção por parte de seus segmentos. Como agentes sociais desse contexto, os catadores experimentam processos contraditórios e ambivalentes na constituição de uma identidade social específica.

Em primeiro lugar, a construção identitária dos trabalhadores na catação traduz uma dura realidade de luta pela sobrevivência sob condições de quase completa marginalidade e sujeitos a toda sorte de discriminações. A essa situação adversa, porém, eles conseguem incorporar significados que lhes são próprios, e que formulam a partir da coexistência com o mundo externo e, mais ainda, a partir do experimento associativo.

Por um lado, a coexistência com o mundo externo transparece nas formas discursivas sobre o dia-a-dia da sua atividade de catação. Aos seus olhos e à sua consciência corrente, essa atividade acaba convertida em atividade produtiva e legítima, que atribui dignidade e legitimidade social aos que dela se ocupam. Dessa forma, os catadores vêm-se distintos dos lixeiros ou catadores de rua. Autodenominam-se agentes ambientais, cultivando uma auto-imagem guiada por referência profissional validada, de indivíduos em condições de demandar aceitação e reconhecimento como grupo social legítimo na sociedade.

Por outro, o experimento associativo materializa-se institucionalmente nas associações e cooperativas, através das quais conseguem se agrupar, se defender como força de trabalho e, assim, integrarem-se ao mercado formal. Ao organizarem-se em associações e cooperativas, os catadores de materiais recicláveis exercitam e aprofundam o discurso ambientalista, agregam-se em grupo e amadurecem a auto-estima, formam lideranças e símbolos de distinção face às

situações e imagens que desejam superar. Alteram, enfim as bases de sua sobrevivência, a sua relação com o lixo e a sua própria existência na sociedade de consumo.

A pesquisa também permitiu sinalizar que a identidade do grupo de catadores de materiais recicláveis de Goiânia se encontra em formação, submetida a complexas dinâmicas subjetivas, marcadas por processos não-lineares, repletos de contradições, tensões e fragilidades. Tais dinâmicas, ademais, mostram-se ambivalentes e não se realizam como em outras identidades profissionais. É típico dessas dinâmicas que os mesmos fatores que marginalizam, integram o grupo. Assim, ao mesmo tempo em que o lixo é fator marginalizante, já que ali são encontrados os rejeitos da sociedade, ele é também elemento que viabiliza um processo de ressignificação por parte do grupo, capaz de integrar pessoas consideradas excluídas do mercado formal, visto ser esta sua única opção de sobrevivência.

Ambivalência semelhante foi encontrado com relação aos sentimentos de preconceito e estigma. Se, por um lado, os catadores associados são marginalizados quando possuem imagem deteriorada diante da sociedade, eles replicam este mesmo sentimento dirigindo-o a quem consideram em situação mais degradada que a sua ou anômica. Reproduzem o preconceito a que estão sujeitos, numa tentativa de promover distinções dentro do próprio grupo.

Por último, cabe registrar que esta pesquisa sinalizou indicativos para pesquisas futuras sobre o tema, principalmente no que diz respeito à relação entre o catador, a indústria, o atravessador e o dono de depósito e à capacidade do grupo em decidir a quais atributos querem ligar (ou desvincular) à sua identidade. Sobre o primeiro, o momento inicial em que se encontrava o processo de formação das cooperativas não possibilitou aprofundar a compreensão, tendo em vista que o foco dos catadores estava concentrado na configuração dos processos internos de gestão. Sobre a segunda questão, a pesquisa apenas apontou indícios de uma hiperidentificação ansiosa (BOURDIEU, 2007), em que os catadores tomam de empréstimo gostos e bens simbólicos distintivos dos consumidores legítimos, da mídia, enfim, dos incluídos na sociedade formal, sendo necessário retomá-los para o pleno entendimento de como isso acontece.

REFERÊNCIAS

- ACURIO, G; ROSSIN, A.; TEIXEIRA, P & ZEPETA, E. Diagnóstico de la situación de manejo de residuos sólidos municipales em América Latina e el Caribe. Washington, DC. Banco Interamericano de Desarrollo/Organización Panamericana de la Salud, 1997.
- A ECONOMIA VERDE. Revista Exame. Edição 914, ano 42, nº 5, 26/03/2008.
- ANDRADE, M. Psicossociologia e a economia solidária – um estudo de caso sobre o trabalho coletivo em uma associação de catadores de materiais recicláveis. Belo Horizonte, 2004.
- Disponível em < <http://www.acompanhamentoproninc.org.br/producao/disserta/mestrado-ufmg.pdf>, acesso em 13/10/2008.
- ANTUNES, R. Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2003.
- ARAÚJO, A. e SILVA, L. Diagnóstico dos catadores de recicláveis do município de Goiânia. Monografia, UFG, Goiânia, 2008.
- BAUMAN, Z. Consuming life. Londres, SAGE, 2001. Disponível em: <http://joc.sagepub.com>; acesso em 14/02/2008.
- _____. Identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- _____. Vidas desperdiçada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- _____. Vida líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- BARBOSA, L. Sociedade de consumo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- BECK, U.; GIDDENS, A. e LASH, S. Modernização reflexiva. São Paulo: Unesp, 1997.
- BECK, U. World risk society. Malden, USA: Polity Press, 1997.
- BERMAN, M. Tudo o que é sólido desmancha no ar. Companhia das letras, 2007.
- BORGES, C. Pesquisa derruba mito sobre moradores de rua. Jornal O Popular, Goiânia, 30/04/2008, Cidades, p. 2.
- BOSI, A. Catadores de recicláveis no Brasil: a organização capitalista do trabalho formal. Disponível em <http://www.sbsociologia.com.br/congresso_v02/papers/GT21%20Sindicato,%20Trabalho%20e%20A%C3%A7%C3%B5es%20Coletivas/Texto_completo_SBS_-_Ant%C3%B4nio_BOSI.pdf>, acesso em 22/07/2008.
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

- _____. Razões Práticas. São Paulo: Papirus, 1996.
- _____. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- _____. A distinção. São Paulo: EDUSP, Porto Alegre, RS: ZOUK, 2007.
- BOUTIN, G; LESSARD-HÉBERT, M e GOYETTE, G. Investigação qualitativa – fundamentos e práticas. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.
- BURSZTYN, M. (org.) No meio da rua: nômades, excluídos e viradores. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.
- CALDERONI, S. Os bilhões perdidos no lixo. São Paulo: Humanitas Publicações/ FFLCHUSP, 1998.
- CATADOR DE PAPEL É MORTO. Jornal O Popular, Goiânia, 22/10/2008, Cidades, p. 5.
- CATADOR DE SONHOS. Goiânia: LORENZETTI, G., 2007, 1 DVD (20 min.), Color.
- CDL GOIÂNIA. 19/12/2005. Disponível em <<http://www.cdlgoiania.com.br/modules.php?name=News&file=article&sid=2215>> acesso em 30/10/2008.
- COURCUFF, P. As novas sociologias – construções da realidade social. Bauru: Edusc, 2001.
- COUTINHO, M. C. O lixo como estratégia de sobrevivência: a psicologia nas organizações solidárias, 2004. Disponível em <http://www.extensio.ufsc.br/20042/Direitos_Humanos_CFH_Maria_Chalfim.pdf>, acesso em 06/10/08.
- _____. Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. Revista Psicologia e Sociedade, 19, Edição Especial 1, 2007, p. 29 – 37. Disponível em <<http://www6.ufrgs.br/seerpsicsoc/ojs/viewarticle.php?id=151>>, acesso em 20/12/2008.
- COSTA, F. Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social. São Paulo: Globo, 2004.
- DECRETO Nº 754 – CRIAÇÃO DO PROGRAMA GOIÂNIA COLETA SELETIVA. Disponível em <<http://www.goiania.go.gov.br/html/comurg/coletaseletiva/downloads/decreto.pdf>>, acesso em 30/10/2008.
- DO LIXO ME VESTI. Revista *Cidades*. Nº. 014, 07/06. Disponível em <<http://www.revistacidades.com.br/site.do?idArtigoRevista=419>>, acesso em 27/10/2008.
- DOMINGUES, M. Teorias sociológicas no século XX.
- ESCOREL, S. Vivendo de teimosos moradores de rua da cidade do Rio de Janeiro. In

- EIGENHEER, E. Lixo, Vanitas e Morte. Niterói: Ed. UFF, 2003.
- FERNANDES, S. Catadores de papel: caminhos e descaminhos. In: Revista *Ágora: Políticas Públicas e Serviço Social*, ano 1, nº 1, outubro de 2004. Disponível em <http://www.assitentesocial.com.br>, acesso em 07/10/08.
- FILHO, B. O valor econômico e social do lixo de Brasília. – [Curitiba: O Autor, 2005].
- FIORATTI, G. Repórter puxa carroça pelas ruas de SP durante 4 dias. Folha de São Paulo, São Paulo, 27/04/2008, Cotidiano, p. C7.
- FRASER, N. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça na era pós-socialista. In: SOUZA, J. Democracia hoje – novos desafios para a teoria democrática contemporânea. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- GESSER, M. e ZENI, A. B. A educação ambiental como uma possibilidade de promover cidadania aos catadores de materiais recicláveis. Disponível em < <http://www.ufmg.br/congrext/Meio/Meio35.pdf>>, acesso em 22/07/2008.
- GOFFMAN, E. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1985.
- _____. Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1988.
- GOIÂNIA TERÁ COLETA SELETIVA. Jornal *Opção*, 15 a 21 de janeiro de 2006. Disponível em <http://www.jornalopcao.com.br/index.asp?secao=Reportagens&idjornal=168&idrep=1657>, acesso em 29/10/2008.
- GOMES, W. População adulta de rua: a perversa exclusão social. Disponível em < <http://www.redadultosmayores.com.ar/buscador/files/DCRAM014.pdf>>, acesso em 17/11/2008.
- GONÇALVES, R. Catadores de materiais recicláveis: trajetórias de vida, trabalho e saúde. Disponível em < <http://teses.cict.fiocruz.br/pdf/goncalvesrsm.pdf>>, acesso em 22/07/2008.
- GURVITCH, G. Os símbolos sociais. In: CARDOSO, F. e IANNI, O. O homem e a sociedade. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973, p. 193 – 201.
- HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HEIDEGGER, M. Conferência e escritos filosóficos. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- HERZOG, A. “Eles estão abrindo caminho”, Revista Exame, ano 42, nº 5, edição 914, páginas 61 a 66, 26/03/2008.
- HUSSERL, E. A filosofia como ciência de rigor. Coimbra: Atlântica, 1975.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional de Saneamento Básico 2000. Disponível em www.ibge.gov.br/home/27032002pnsb.shtm, acesso em 01/07/2008.

_____. 2006. Disponível em

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoadevida/indicadoresminimos/sinteseindic sociais2006/indic_sociais2006.pdf>, acesso em 01/07/2008.

JODELET, D. As representações sociais. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

JUNCÁ, D; GONÇALVES, M. e AZEVEDO, V. A mão que obra no lixo. Niterói: EdUFF, 2000.

MARTINS, C. Catadoras recicladoras na região metropolitana de Porto Alegre: organização do trabalho e identidade ocupacional. 2005. Disponível em

<<http://www.fee.rs.gov.br/sitefee/download/mulher/2005/artigo4.pdf>>, acesso em 01/10/08.

MAGERA, M. Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade. 2004. Disponível em http://200.150.225.142/collegiumnet/site/files/publicacoes/revista-administracao_pauta_edicao3.pdf#page=47, acesso em 10/07/2008.

MARTINS, J., BICUDO, M.A. A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos. In: UM SEMINÁRIO avançado em fenomenologia. São Paulo: Educ., 1997, p.21.

MATTOS, R. e FERREIRA, R. Quem vocês pensam que (elas) são? Representações sobre as pessoas em situações de rua. *Psicol, Soc.*, May/Aug. 2004, vol. 16, nº2, p. 47 – 58. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v16n2/a07v16n2.pdf>>, acesso em 07/10/08.

MAYER, R. Lutas por reconhecimento em associações de catadores de lixo no sul do Brasil. Disponível em <

http://www.sbsociologia.com.br/congresso_v02/papers/GT8%20Emancipa%C3%A7%C3%A3o,%20Cidadania%20e%20Reconhecimento/Lutas%20por%20reconhecimento%20em%20associa%C3%A7%C3%B5es%20de%20catadores%20de%20lixo.pdf>, acesso em 03/10/2008.

MEDEIROS, L. e MACÊDO, K. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? Disponível em < <http://www.rbgdr.net/022007/artigo4.pdf>>, acesso em 22/07/2008.

MEIRELLES, D e GOMES, L. A busca da cidadania. Disponível em

<http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/docsPDF/ABEP2008_1139.pdf>, acesso em 06/10/08.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME. Pesquisa nacional sobre a população em situação de rua. 2008. Disponível em

<<http://www.mds.gov.br/noticias/maioria-da-populacao-em-situacao-de-rua-trabalha-e-tem-familiares-na-cidade-onde-vive>>, acesso em 28/12/2008

MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS. Disponível em <<http://www.movimentodoscataadores.org.br/>>, acesso em 09/10/08.

MOSCOVICI, S. Representações sociais. Investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOYSÉS, A. “A produção de territórios segregados na região noroeste de Goiânia: uma leitura sócio-política”. Disponível em <

http://www.observatoriodasmetropoles.ufrj.br/download/arimoyses_tersegreg.pdf>, acesso em 11/11/2008.

NASCIMENTO, E. Dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários In: No meio da rua. Rio de Janeiro: Garamond, 2003, p. 56 - 87.

_____. Juventude: Novo alvo da exclusão social. In BURSZTYN, M. (org.) No meio da rua: nômades, excluídos e viradores. Rio de Janeiro: Garamond, 2003, p. 121-138.

NOVARO, M. O debate contemporâneo sobre a representação política. In: Novos Estudos, nº 42, São Paulo, Cebrap, 1995, p. 77 – 90.

NOVAES, W. 3 milhões de quilos de lixo por dia. Jornal O Popular, Goiânia, 17/07/2008, Opinião, p. 7.

_____. Que se vai fazer com o lixo? Jornal O Popular, Goiânia, 23/10/2008, Opinião, p. 9

OPS (Organización Panamericana de la Salud), 1993. Nuestro Planeta, Nuestra Salud: Informe de la Comisión de Salud Y Médio Ambiente de la OMS. Publicación Científica 505. Washington, DC: OPS.

ORTIZ, R. A sociologia de Pierre Bourdieu. São Paulo: Olhos d Água, 2003.

PREFEITURA DE GOIÂNIA. Limpeza urbana. Disponível em

<http://www.goiania.go.gov.br/comurg/limpezaurbana.htm>, acesso em 27/10/2008.

_____. Proposta de Programa de Coleta Seletiva em Goiânia. Disponível em <<http://www.goiania.go.gov.br/html/comurg/coletaseletiva/downloads/proposta.pdf>>; acesso em 29/10/2008.

_____. Programa Coleta Seletiva de Goiânia. Disponível em <<http://www.goiania.go.gov.br/html/comurg/coletaseletiva/index.html#>>; acesso em 29/10/2008.

- RECICLAGEM CONTRA A DENGUE. Jornal O Popular, Goiânia, 5/11/2008, Cidades, p. 4.
- REGO, R. O que é lixo afinal? Como pensam mulheres residentes na periferia de um grande centro urbano. 2005. Disponível em < www.scielo.org/pdf/csp/v18n6/13254.pdf>, acesso em 01/07/2008.
- RODRIGUEZ, C. À procura de alternativas econômicas em tempos de globalização: o caso das cooperativas de recicladores de lixo na Colômbia. Tradução Manuel del Pino In SANTOS, B (org.) Produzir para viver: os caminhos da produção capitalista. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 329-367.
- ROMANSINI, S. O catador de resíduos sólidos recicláveis no contexto da sociedade moderna. 2005. Disponível em < <http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/000026/000026D7.pdf>>, acesso em 14/12/2008.
- SADER, E. Quando novos personagens entraram em cena: experiências, fatos e lutas dos trabalhadores na grande São Paulo em 1970-80. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- SASSINE, V. Gestão do lixo é prioridade ambiental do segundo mandato. Jornal O Popular, Goiânia, 13/10/2008, Cidades, p. 6-7.
- SCHAFF, A. A sociedade informática. São Paulo: Unesp/Brasiliense, 1990.
- SCHUTZ, A. Fenomenologia e relações sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- SENNET, R. A corrosão do caráter: Consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. São Paulo, Record, 2001.
- SINGER, P. Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas. São Paulo: Contexto, 1998.
- _____. Economia Solidária. In: CATTANI, A. D. A Outra Economia. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.
- STREIT, J. A Educação Ambiental como uma Possibilidade de Promover Cidadania aos Catadores de Materiais Recicláveis. 2006. Disponível em < <http://www.ufmg.br/congrext/Meio/Meio35.pdf>>, acesso em 22/07/2008.
- SUBPAPÉIS. Goiânia: JORGE, L, 2008, 1 DVD (30 min.), Color.
- VELLOSO, M. Os catadores de lixo e o processo de emancipação social. Disponível em <http://www.uepg.br/emancipacao/pdfs/II-Jornada_Cient%EDfica_Pesquisa_Social.pdf>, acesso em 13/04/2008.
- WHITE, L. Os símbolos e o comportamento humano. In: Homem e Sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 1970.

ZANETTI, I. As sobras da modernidade. Porto Alegre, RS, 2006.

ZNANIECKI, F. A noção do valor cultural. In: Homem e Sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 1970, p. 88.